



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA



ERIK ALBINO DE SOUSA

**O COMÉRCIO E SERVIÇO DE ALIMENTAÇÃO EM MOSSORÓ (RN):
REFLEXÕES ACERCA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA**

MOSSORÓ

2022

ERIK ALBINO DE SOUSA

**O COMÉRCIO E SERVIÇO DE ALIMENTAÇÃO EM MOSSORÓ (RN):
REFLEXÕES ACERCA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Estudos Socioambientais

Orientador: Prof. Dr. Fábio Ricardo Silva Beserra

MOSSORÓ

2022

ERIK ALBINO DE SOUSA

**O COMÉRCIO E SERVIÇO DE ALIMENTAÇÃO EM MOSSORÓ (RN):
REFLEXÕES ACERCA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Estudos Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Ricardo Silva Beserra

Aprovada em: __ / __ / ____

Banca Examinadora

Pro. Dr. Fábio Ricardo Silva Beserra (Orientador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/DGE)

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Rodrigues Lopes (examinador interno)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/DETUR)

Prof.^a Dr.^a Denise Cristina Bomtempo (examinador externo)

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Ademir Araújo da Costa (suplente interno)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/DETUR)

Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior (suplente externo)

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

MOSSORÓ

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catlogação da Publicação na
Fonte.
Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

S725c Sousa, Erik Albino de

O comércio e serviço de alimentação em Mossoró (RN):
Reflexões acerca dos circuitos da economia urbana.

/ Erik Albino de Sousa. - Mossoró (RN), 2022.

161p.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Ricardo Silva Beserra.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Geografia). Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte.

1. Circuitos da economia urbana. 2. Comércio e serviços. 3.
Ramo de alimentação. I. Beserra, Fábio Ricardo Silva. II.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

Dedico o trabalho aqui presente a todos os pesquisadores do Brasil, em especial aos de ciências humanas e sociais, que apesar de invisibilizados e desvalorizados combatem o espectro do negacionismo científico e fascismo que ronda o país. A ciência resiste.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente faço agradecimentos à minha família, alicerce que me assegurou chegar aos níveis de humano que sou hoje. Em especial, minhas tias Eliete e Maria do Céu, que construíram e constroem o meu/nosso lar.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Fábio Ricardo, pelas contribuições e tempo dedicado a me ajudar no desenvolvimento do trabalho, pelo cuidado na qualidade da pesquisa, e por ser um excelente profissional disposto a apontar boas direções no meu caminho acadêmico desde a graduação, meus sinceros agradecimentos.

À banca, as professoras Rosa e Denise Bomtempo, que já se dispuseram por mais de uma vez em fazer considerações para o trabalho aqui presente. Agradeço as boas palavras, incentivos e direções.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, no seu corpo docente qualificado, e em particular ao servidor Diego Ezaú por toda atenção, dedicação e paciência, digno de admiração pelo profissionalismo.

Aos amigos do Programa que me ajudaram em todo o percurso, em especial Rodrigo Almeida e Hellen Jamilly, pelo companheirismo e parceria que foram além do âmbito acadêmico.

À CAPES pelo financiamento acadêmico que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa de campo, aquisição de materiais bibliográficos e um melhor ambiente de estudo.

Aos servidores Evandro da Secretaria Municipal da Fazenda, e Franklin Alves Filgueira, secretário de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo, pela atenção e disponibilidade.

Ao presidente do Sindicato dos Empregados do comércio Hoteleiro de Mossoró Gilmar Moreira de Oliveira, pela disposição para entrevista e dedicação enquanto sindicalista, são pessoas assim que nos inspiram.

A todos os empregadores e empregados dos circuitos da economia urbana que desenvolvem a atividade espontânea popular, materializando a singularidade do espaço vivido.

Não menos importante, a todos aqueles não citados que se acham merecedores dos agradecimentos aqui escritos, que participaram não apenas do trabalho final, mas em todo o desenvolvimento de formação de pesquisador e cidadão que me fiz.

Por fim, à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, local que considero um lugar de pertencimento, que me acolheu e acolhe diariamente centenas de outros filhos de proletariados que ali encontram uma educação pública, gratuita e de qualidade.

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
-Titãs, Comida

RESUMO

O ato de alimentar-se é uma necessidade essencial humana, com isso, podem ser facilmente encontrado comércio e serviços alimentícios dos mais diversos tipos com o objetivo de abarcar a máxima clientela possível. Esses estabelecimentos são distintos em capital, organização e tecnologia. De um lado há um grupo de estabelecimentos que conseguem se identificar mais facilmente a aspectos modernizantes, enquanto há um outro grupo que não acompanha as mudanças no mesmo grau. Ambos podem ser compreendidos, por exemplo, a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana, inicialmente elaborada por Milton Santos e discutida na contemporaneidade por um conjunto heterogêneo de geógrafos. Este trabalho tem como objetivo analisar o comércio e serviço do ramo de alimentação dos circuitos da economia urbana em Mossoró (RN). Para isto, foi realizada revisão bibliográfica em volta de temas como economia urbana, os circuitos da economia urbana e as atividades do setor terciário que compreendem comércio e serviço de alimentos. A hipótese inicial foi que devido serem os espaços de maior fluxo de capitais, pessoas e transportes, as avenidas, além do bairro Centro da cidade, são os locais a qual o ramo de alimentação manifesta-se de maneira diversa como forma de atrair todos os tipos de públicos consumidores. O recorte espacial para o trabalho se deu a partir de categorização dos bairros da cidade tendo como base dados do Censo 2010 do IBGE, em que foram classificados três grupos de bairros divididos a partir de renda média da população. Foram escolhidos dois bairros de cada grupo como forma de abarcar as distintas realidades da cidade. As classificações dos estabelecimentos se deram à partir da CNAE, da qual foram escolhidos os Restaurantes e Similares; Lanchonetes, Casas de Chá, de Sucos e Similares; Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas com e sem entretenimento; e Serviços ambulantes de alimentação. O trabalho de campo envolvendo as pesquisas ocorreu entre fevereiro e abril de 2022, abrangendo as áreas supracitadas. Nessa etapa também foram realizadas entrevistas e aplicados questionários com representantes trabalhistas, do poder público municipal e com os trabalhadores em geral do segmento de comércio e serviço de alimentação, com o sentido de captar, analisar e debater essa atividade a partir de falas de diferentes perspectivas. A partir da pesquisa de campo observou-se a importância do comércio e serviço de alimentação na geração de emprego e renda, além dos impactos da pandemia COVID-19, e uma presença do espaço compartilhado entre o circuito inferior e o circuito superior marginal.

Palavras-chave: Circuitos da economia urbana; Comércio e Serviço; Ramo de alimentação.

ABSTRACT

The act of eating is an essential human need, with this, shops and food services of the most diverse types can be easily found in order to encompass the maximum possible clientele. These establishments are distinct in capital, organization and technology. On the one hand, there is a group of establishments that can more easily identify with modernizing aspects, characteristic of the technical-scientific and informational environment, while there is another group that does not follow the changes to the same degree. Both can be understood, for example, from the theory of the two circuits of the urban economy, initially developed by Milton Santos and discussed in contemporary times by a heterogeneous group of geographers. This work aims to analyze the trades and services of the food sector in the circuits of the urban economy in Mossoró (RN). For this, a bibliographic review was carried out around topics such as urban economy, the circuits of the urban economy and the activities of the tertiary sector that comprise trade and food services. The initial hypothesis was that because they are the spaces with the highest flow of capital, people and transport, the avenues, in addition to central district of the city, are the places where the food industry manifests itself in a different way as a way of attracting all types of consumer audiences. The space clipping for the work was based on the categorization of the city's neighborhoods based on data from the 2010 IBGE Census, in which three groups of neighborhoods were classified based on the average income of the population. Two neighborhoods of each group were chosen as a way of embracing the different realities of the city. The establishments' classifications were based on the CNAE, from which Restaurants and Similar were chosen; Snack bars, Tea Houses, Juice Houses and the like; Bars and other establishments specializing in serving drinks with and without entertainment; and Mobile food services. Fieldwork involving the research took place between February and April 2022, covering the aforesaid areas. At this stage, interviews and questionnaires were also carried out with labor representatives, municipal public authorities and workers in general in the trade and food service segment, in order to capture, analyze and debate this activity from different perspectives. From the field research, it was observed the importance of trades and food services in generating employment and income, in addition to the impacts of the COVID-19 pandemic, and a presence of the shared space between the lower circuit and the marginal upper circuit.

Keywords: Circuits of urban economy; Trades and Services; Feeding branch.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividades, por grupo, classes e subclasses, selecionadas para investigação a partir da CNAE 2.3.....	63
Figura 2 - Bairros de Mossoró por faixa de renda média de população acima de 10 anos de idade.....	66
Figura 3 - Localização das Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra, em Mossoró.....	69
Figura 4 - Estabelecimento Tchê Gourmet na Avenida João da Escóssia.....	70
Figura 5 - Estabelecimento Bambinos na Avenida João da Escóssia.....	71
Figura 6 - Praça de alimentação no Partage Shopping em Mossoró.....	72
Figura 7 - Estabelecimento Bambinos na Avenida Presidente Dutra.....	72
Figura 8 - Estabelecimento FicFrio na Avenida Presidente Dutra.....	73
Figura 9 - Estabelecimento Fofão Burg na Avenida Presidente Dutra.....	74
Figura 10 - Serviço ambulante na Avenida Presidente Dutra.....	74
Figura 11 – Espacialização dos estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação em Mossoró por bairros.....	83
Figura 12 - Restaurante no Supermercado Rebouças no Alto São Manoel.....	86
Figura 13 - Espaços estudados na Pesquisa da SEDAT.....	103
Figura 14 - Estabelecimento Eco Park Food instalado na Avenida João da Escóssia.....	122
Figura 15 - Padaria Doces e Salgados no bairro Centro.....	123
Figura 16 - Estabelecimento de Serviço Ambulante do circuito inferior.....	124
Figura 17 - Estabelecimento de Lanchonete do circuito inferior.....	125
Figuras 18 - Estabelecimento de venda de lanches e almoços do Circuito Inferior.....	126
Figuras 19 - Estabelecimento de venda de lanches e almoços do Circuito Inferior....	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados SEBRAE de participação do PIB por setores.....	24
Quadro 2 - Empresas comerciais na economia, emprego e renda nacional em termos brutos, entre 2005 e 2019.....	30
Quadro 3 - Serviços empresariais não financeiros na economia, emprego e renda nacional, em termos brutos, entre 2005 e 2019.....	30
Quadro 4 - Representação dos dados de comércio e serviços por regiões (2019).....	33
Quadro 5 - Média salarial de trabalhadores das empresas de serviços e comércios por grandes regiões em salários.....	34
Quadro 6 - Despesa monetária e não monetária média mensal familiar com alimentação, por situação do domicílio – Brasil – entre os períodos 2002-2003 e 2017-2018.....	36
Quadro 7 - Despesa monetária e não monetária média mensal familiar com alimentação, por classes extremas de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar - Brasil – entre os períodos 2002-2003 e 2017-2018.....	37
Quadro 8 - Gastos com alimentação por dados absolutos, no e fora de domicílio por Grandes Regiões.....	38
Quadro 9 - Brasil: principais locais onde os consumidores costumam fazer refeições fora de casa.....	41
Quadro 10 - Distribuição da despesa monetária e não monetária média mensal familiar, por classes extremas de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar, segundo os tipos de despesas selecionadas – Brasil – período 2017-2018, em porcentagem.....	42
Quadro 11 - Características dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.....	46
Quadro 12 - Empregos ativos em Mossoró por grandes setores do IBGE.....	57
Quadro 13 - Características das subclasses de acordo com a CNAE 2.3.....	64
Quadro 14 - Localização por bairros das redes de franquias de alimentação classificadas entre as 50 maiores redes de franquias do país.....	76
Quadro 15 - Estabelecimentos do ramo de alimentação em Mossoró por categorias da CNAE.....	78
Quadro 16 - Produto interno Bruto a preços correntes (Mil reais).....	79
Quadro 17 - Desenvolvimento em porcentagem do Produto interno Bruto a preços correntes (Mil reais).....	79

Quadro 18 - Vínculos ativos do ramo de alimentação em Mossoró por categorias da CNAE.....	81
Quadro 19 - Quantidade de estabelecimentos no município de Mossoró por subclasses e localidade.....	85
Quadro 20 - Quantidade de estabelecimentos, população residente, renda média, estabelecimentos a cada 500 habitantes e estabelecimentos a cada 250R\$ por renda média da população do bairro.....	88
Quadro 21 - Quantidade de estabelecimentos, população residente por média e bruta, renda média, estabelecimentos a cada 500 habitantes e estabelecimentos a cada 250R\$ por faixa de renda.....	89
Quadro 22 - Cadastros ativos na subclasse Restaurantes e similares por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa.....	90
Quadro 23 - Cadastros ativos na subclasse Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa.....	91
Quadro 24 - Cadastros ativos na subclasse Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa.....	91
Quadro 25 - Cadastros ativos na subclasse Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa.....	91
Quadro 26 - Cadastros ativos na subclasse Serviços ambulantes de alimentação por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa.....	91
Quadro 27 - Distribuição de vendedores do comércio popular por localização, com e sem permissão.....	102
Quadro 28 - Concentração de estabelecimentos nas Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra.....	105
Quadro 29 - Concentração de estabelecimentos nas Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra por bairros e segmentos estudados.....	105
Quadro 30 - Localidade de moradia dos entrevistados.....	108
Quadro 31 - Entrevistados que trabalham e residem no mesmo bairro.....	108
Quadro 32 - Variação de IPCA em grupos que afetam despesas de donos de estabelecimentos do ramo de alimentação (Brasil).....	132
Quadro 33 - Custos que mais tem pressionado o negócio por total geral e segmento de serviços de alimentação, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil).....	134

Quadro 34 - Proporção de empresários “Aflitos”: Total Geral e de Serviços de Alimentação (Brasil).....	136
Quadro 35 - Mudanças de funcionamento com a crise entre Total Geral e Serviços de Alimentação (Brasil).....	136
Quadro 36 - Impacto da pandemia no faturamento mensal da empresa por Total Geral e Serviços de alimentação (Brasil).....	137
Quadro 37 - Mudanças de funcionamento dos estabelecimentos com a crise pandêmica (Brasil e RN).....	137
Quadro 38 - Mudança de funcionamento do estabelecimento com a crise, de acordo com entrevistados (2020).....	138
Quadro 39 - Como o negócio está sendo afetado até este momento pelo Coronavírus no faturamento mensal de acordo com entrevistados dividido por tipo de empresa (RN)...	139
Quadro 40 - Como o negócio está sendo afetado, até este momento, pelo Coronavírus em termos de faturamento mensal de acordo com entrevistados dividido por setores (RN).....	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados do comércio por grandes regiões entre 2010 e 2019.....	31
Gráfico 2 - Dados dos serviços grandes regiões entre 2010 e 2019.....	32
Gráfico 3 - Segmentos das 50 maiores redes de franquias do Brasil entre 2017 e 2020, por porcentagem.....	35
Gráfico 4 - Brasil: frequência com que as refeições são realizadas fora do lar.....	40
Gráfico 5 - Motivos de vinda a Mossoró de acordo com entrevistados.....	59
Gráfico 6 - Frequência de vinda mensal a Mossoró de acordo com entrevistados.....	60
Gráfico 7 - Média de gastos de consumo da população flutuante ao visitar a Mossoró.	60
Gráfico 8 - Porcentagem de representatividade das classificações por bairro individualmente.....	92
Gráfico 9 - Porcentagem de participação dos bairros por classificação.....	92
Gráfico 10 - Porcentagem de trabalhadores sindicalizados.....	98
Gráfico 11 - Funcionários por funções apontadas pelos entrevistados.....	107
Gráfico 12 - Quantidade de funcionários por estabelecimentos entrevistados.....	107
Gráfico 13 - Nível de escolaridade dos patrões e funcionários.....	109
Gráfico 14 - Rendimento de funcionários.....	110
Gráfico 15 - Situação dos entrevistados em relação ao trabalho com Carteira Assinada.....	111
Gráfico 16 - Índice de funcionários por sexo que são carteira assinada e/ou principal renda familiar.....	112
Gráfico 17 - Dias da semana de funcionamento dos estabelecimentos e trabalho dos funcionários.....	113
Gráfico 18 - Horários de estabelecimentos abertos e horário de trabalho dos funcionários.....	113
Gráfico 19 - Forma de posse do estabelecimento atual.....	114
Gráfico 20 - Formas de pagamento aceitas pelos estabelecimentos.....	116
Gráfico 21 - Tempo que trabalha na atividade.....	117
Gráfico 22 - Motivos de investir na atividade de alimentação.....	119
Gráfico 23 - Tendências para escolha de localidade.....	120
Gráfico 24 - Funcionamento das empresas durante a Pandemia COVID-19, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil).....	129

Gráfico 25 - Faturamento mensal das empresas durante a Pandemia COVID-19, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil).....	130
Gráfico 26 - Dificuldades em voltar à situação financeira de antes da pandemia de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil).....	131
Gráfico 27 - Custos que mais tem pressionado o negócio de acordo com os donos de estabelecimentos dividido por setores (Brasil).....	133
Gráfico 28 - Frases que melhor representam a situação vivida, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil).....	135
Gráfico 29 - Resposta sobre como a pandemia do Coronavírus está afetando o faturamento mensal, de acordo com entrevistados (BR e RN).....	139
Gráfico 30 - Mudanças com a pandemia de acordo com entrevistados.....	140

LISTA DE SIGLAS

ABF - Associação Brasileira de *Franchising*

CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas

ESAM - Escola Superior de Agricultura de Mossoró

FACENE - Faculdade de Enfermagem Nova Esperança

FECOMERCIO - Federação do comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio Grande do Norte

FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

INSS - Instituto Nacional de Segurança Social

ITAL - Instituto de Tecnologia de Alimentos

PIB - Produto Interno Bruto

PT - Partido dos Trabalhadores

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

REGIC - Regiões de Influência das Cidades

SCS - Secretaria de Comércios e Serviços

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SM - Salário Mínimo

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

SEDAT - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 O ESTUDO DO TERCIÁRIO: COMÉRCIO E SERVIÇO DE ALIMENTOS NO ESPAÇO URBANO.....	23
2.1 O setor terciário da economia.....	23
2.2 O comércio e serviço de alimentação	26
2.3 A alimentação fora do lar.....	35
3 OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E O ESTUDO DO COMÉRCIO E SERVIÇO DO RAMO DE ALIMENTAÇÃO	44
3.1 Os dois circuitos da economia urbana em Milton Santos	44
3.1.1 Os dois circuitos da economia urbana: perspectivas recentes.....	49
3.2 O comércio e serviços em Mossoró (RN)	53
3.2.1 Desenvolvimento do comércio de Mossoró	53
3.3 As atividades terciárias em Mossoró no século XXI.....	56
3.3.1 Mossoró e sua Influência Regional	58
4 OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA DO RAMO DE ALIMENTAÇÃO EM MOSSORÓ	62
4.1 Classificações metodológicas de pesquisa	63
4.2 As áreas de estudo.....	67
4.3 O ramo de alimentação em Mossoró.....	75
4.3.1 O Ramo de alimentação a partir dos recortes de estudo em Mossoró.....	82
4.4 Entrevista com representante agente sindical.....	94
4.5 Entrevista com representante agente público	99
4.6 Questionário com agentes empregados e empregadores.....	105
4.6.1 Características e dinâmicas dos agentes empregadores e empregados do ramo de alimentação em Mossoró.....	106
5 IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NO COMÉRCIO E SERVIÇOS	128
5.1 “O impacto da pandemia Coronavírus nos pequenos negócios”, de acordo com o SEBRAE	128
5.1.1 Os estabelecimentos de alimentação e a pandemia COVID-19 em Mossoró	140
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	147
APÊNDICES.....	155

1 INTRODUÇÃO

O ato de alimentar-se é uma necessidade primária do ser humano, o que faz com que esta atividade esteja presente da realidade de qualquer sociedade e abarque distintos grupos e classes com diferentes gostos e poderes de compra e/ou investimentos. Para Antipon (2017, p. 18)

O estudo da alimentação, nesse sentido, configura-se como um fenômeno complexo, pois permite inúmeras dimensões de análises e reflexões, além de diversos caminhos a serem percorridos, os quais possuem muitas vias de acesso. Por incluir em suas manifestações [...] relações culturais, políticas, econômicas e sociais, o campo da alimentação é necessariamente interdisciplinar e, por essa razão, admite leituras sob a perspectiva de diversas áreas do conhecimento – incluindo, aqui, as contribuições obrigatórias da Geografia

Esse fenômeno, como hábito essencial, interligado às desigualdades sociais e econômicas, faz com que o espaço geográfico enquanto fato, fator e instância social (SANTOS, 1988) crie atributos para o desenvolvimento das diferentes formas de produção, circulação, armazenamento, comércio e consumo das práticas alimentares.

Essa diversidade de características pode ser classificada e compreendida no que Santos (2018) chamou de dois circuitos da economia urbana no livro “O Espaço Dividido” que teve sua primeira edição publicada no ano de 1979. De acordo com o autor, o circuito superior é resultado direto da modernização e o inferior como resultado indireto.

Essa dissertação analisa, a partir desta perspectiva, os estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação a partir da teoria dos circuitos da economia urbana. O estudo desses estabelecimentos é relevante para a compreensão da espontaneidade, criatividade e resistência dos sujeitos populares e suas necessidades de venda e consumo.

Com base nesse fundamento foram desenvolvidos os questionamentos que orienta o caminho desta pesquisa: Como se configuram, organizam-se e quais são as dinâmicas dos estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação na perspectiva teórica dos circuitos da economia urbana?

Esse questionamento como ponto de partida de análises e pressuposições de que há uma influência e desempenho do comércio e serviço de alimentação no processo de urbanização e sua economia acarreta no objetivo geral sendo analisar o ramo de alimentação na cidade de

Mossoró, cidade média do estado do Rio Grande do Norte, a partir do comércio e serviços tendo como perspectiva de observação os circuitos da economia urbana.

Além do objetivo geral citado, os objetos específicos foram: a) Compreender como se manifestam as atividades do ramo de alimentação na cidade; b) Analisar como se caracteriza o uso e apropriação do território urbano compartilhado pelos diversos agentes e as suas relações.

A hipótese inicial da análise na pesquisa foi de que devido serem os espaços de maior fluxo de capitais, pessoas e transportes, as avenidas como a João da Escóssia e Presidente Dutra, além do bairro Centro sejam os locais a qual o circuito inferior da economia se manifesta com maior intensidade na cidade. São nesses espaços que o ramo de alimentação surge de maneira diversa como forma de atrair todos os tipos de públicos consumidores.

Para o alcance de tais objetivos foram adotados procedimentos metodológicos como recorte espacial e temporal do objeto, definição de tema e temáticas a serem investigadas, revisão bibliográfica, levantamento de dados secundários a exemplo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Federação do comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio Grande do Norte (FECOMÉRCIO) e Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Secretaria Municipal da Fazenda e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo (SEDAT).

Além disso, foram realizados entrevistas e questionários com secretário da SEDAT, com o presidente do Sindicato dos Empregados do comércio Hoteleiro de Mossoró e região, bem como aplicados questionários com diversos representantes patronais e de funcionários do ramo de alimentação na cidade, tais instrumentos estarão apresentados no final do trabalho.

A primeira entrevista foi realizada com o presidente do sindicato, em fevereiro de 2022, esta, pois visava ajuda em estratégias para a aplicação de questionários com os agentes empregadores e empregados do ramo de alimentação, todavia, houve uma ponderação de que na atual conjuntura a utilização do nome do sindicato poderia indicar aversão dos patrões, logo, aconselhou-se evitar utilizar o sindicato como mediador da pesquisa.

A partir das entrevistas e questionários foi possível analisar e perceber os pontos de vistas e ainda as ações e dificuldades tanto do poder público, representado pela SEDAT, quanto pela representação oficial dos trabalhos, quanto pelos próprios trabalhadores do setor, a partir dos funcionários e patrões.

No que diz respeito ao trabalho, este divide-se em cinco partes, iniciando-se pela introdução em que se aborda questões que moldam o objeto de estudo, hipóteses, problemática e dando inserção ao corpo da pesquisa.

No capítulo 2 busca-se debater o setor terciário, seu desenvolvimento e importância econômica, para então especificar o debate no comércio e serviço do segmento de alimentação e os novos hábitos advindo do estilo de vida urbano como a alimentação fora do lar e seu uso tanto por necessidade quanto para o lazer.

É no capítulo 3 que é demonstrada a teoria dos circuitos da economia urbana proposta por Milton Santos (2018), além de contribuições e atualizações de autores atuais como por exemplo Maria Laura Silveira (2007; 2010; 2013; 2015; 2017) e Antipon (2017; 2018).

Além disso, há nesse capítulo a apresentação de forma específica da cidade de Mossoró, mostrando os recortes espaciais, fazendo o debate sobre o comércio e serviços na cidade, seu desenvolvimento e importância econômica, detalhando também o segmento de alimentação, além como a cidade se configura no século XXI.

Já o capítulo 4 tem como objetivo expor as falas de diversos agentes que contribuem de forma direta à vida do comércio e serviço de alimentação da cidade, através de falas sindicais, de representante do poder público municipal, dos funcionários dos estabelecimentos e dos patrões.

No que diz respeito aos impactos da pandemia Covid-19 essa temática está presente no capítulo 5 da dissertação, apresentando dados tanto em âmbitos nacionais quanto estaduais, como forma de compreensão do impacto do COVID-19 no espaço geográfico, na economia urbana e na dinâmica dos estabelecimentos de comércios e serviços.

A escolha das atividades de comércio e serviços alimentício a partir dos circuitos da economia urbana ocorreu devido à caracterização do funcionamento de tais estabelecimentos e do seu papel na economia local. Foram observados diferentes aspectos como distintos níveis de capitais investidos, técnicas e organizações em variados graus, tipos de vínculos empregatícios, além de, principalmente, a distribuição espacial desse conjunto, bem como a sua dinâmica territorial na cidade.

Vale ressaltar que, ao decorrer do trabalho, principalmente após investigação do campo, foram observadas duas temáticas que até então a pesquisa não tinha, a princípio, propósito de se aprofundar: a) as consequências da pandemia COVID-19; b) os estabelecimentos do circuito superior marginal.

No que diz respeito a temática das consequências da pandemia COVID-19, esta adentrou pois o espaço geográfico é a materialidade mais a vida que lhe dá fluxos, redes e ações (SANTOS, 1988; 2006), e o COVID-19 modificou o espaço geográfico a partir das alterações de dinâmicas, organizações, relações sociais, além das formas de produção, distribuição, comercialização e consumo em âmbitos locais, regionais, nacionais e globais.

Dessa forma tal temática foi abordada por todos os agentes, levando em consideração de que a pesquisa de campo foi realizada ainda no contexto pandêmico, formando uma pauta impossível de ser negligenciada.

Quanto aos estabelecimentos do circuito superior marginal do ramo de alimentação, o trabalho inicial focava no circuito inferior da economia urbana por idealizar uma irrelevância de outro circuito na cidade de Mossoró, todavia, foi-se observada uma presença de agentes que nem atingiam níveis de circuito superior puro mas ao mesmo tempo não compunham dinâmicas proporcionais ao circuito inferior.

Nesse sentido, o trabalho a seguir pretende contribuir para uma compreensão da existência do comércio e serviço de alimentação dos indivíduos que dão existência aos circuitos da economia urbana num contexto de crise econômica, política e pandêmica.

2 O ESTUDO DO TERCIÁRIO: COMÉRCIO E SERVIÇO DE ALIMENTOS NO ESPAÇO URBANO

Nesse capítulo far-se-á contextualização sobre o setor terciário, sua importância econômica e como vem sendo tratado por diferentes perspectivas nos últimos governos. Após isso, o debate ocorrerá a partir das especificações do comércio e serviço de alimentação na perspectiva da geografia econômica e sua contribuição para análise espacial com dados como quantidade de empresas, receita, gastos da população brasileira com essa atividade, entre outros. Por fim, o capítulo conclui-se com debate sobre como se moldam às características do hábito de alimentar-se fora do lar em especial nos espaços urbanos.

2.1 O setor terciário da economia

De acordo com o IBGE (2020), setor terciário abrange as atividades do comércio de bens e prestação de serviços, as quais expressam significativa importância econômica em âmbito nacional, já que durante as duas últimas décadas representam uma média próxima à 70% do valor adicionado ao Produto Interno Bruto (PIB), chegando a 73% em 2018.

De acordo com Silva (2005), essa atividade se intensificou no Brasil não por investimento direto nela, mas sim indireto, tendo como estopim a crise mundial de 1929 e a Era Vargas, quando as elites nacionais e o Estado brasileiro deram prioridade de investimento às indústrias (química, siderúrgica e metalúrgica) e infraestrutura (energia, transporte e comunicação).

Esse investimento em industrialização fez surgir duas demandas que influenciaram no desenvolvimento do setor terciário no país. Primeiro, pela aceleração do crescimento que exigiu das cidades serviços até então inexistentes, e, em segundo, pela população que foi excluída dos empregos da indústria e necessitava de uma forma de renda, encontrando-a no setor terciário que passa a surgir como refúgio.

Para a autora, a estrutura econômica e social vigente na época foi o que fez surgir a diversidade dos tipos do setor terciário, já que, essa heterogeneidade de postos de trabalhos do terciário acolhia a mão de obra excedente e/ou excluída dos outros setores econômicos como o industrial que se mostrou insuficiente em abarcar a força de trabalho existente.

Essa política econômica teve continuidade nos governos militares de 1964 a 1985, a qual “O que se viu foi que, além da forte interferência do Estado no planejamento econômico e

social, ele também se responsabilizou e agiu diretamente na produção direta e no setor de infraestrutura” (SILVA, 2005, p. 77). Para a autora, o Estado passou a funcionar como um empresário, apoiando e sendo apoiado pela elite econômica brasileira que eram beneficiadas por essas políticas.

Para Faria e Gomes (2018) até meados de 1970 os países em desenvolvimento, como o Brasil, tinham como prioridade e principal motor a indústria, e o setor primário que servia para abastecer esse setor secundário, ambos, lideravam os processos espaciais do período, todavia, os avanços nas telecomunicações e nos setores de transportes, além da união da ciência com a técnica faz com que o terciário surgisse como força motriz dos novos quadros de produção.

Há, na segunda metade do século XX uma maior (re)organização do espaço geográfico que não estava unicamente dependente dos setores primários e secundários, surgindo centros dinâmicos de esferas de produção se afirmavam também como centros de excelência do terciário (LIMA; ROCHA, 2009).

Com isso, o setor terciário, que já vinha apresentando relevante crescimento, passa a se destacar, tornando o mais importante dos setores a partir da década de 1980 até os dias atuais, servindo como abastecimento de produtos negociados a partir do comércio, e outros que geram bens intangíveis pelos serviços (FARIA; GOMES, 2018, p. 52), a qual “O terciário não se especializa de forma aleatória, mas em harmonia com a reprodução do capital e as especificidades do lugar”.

Salienta-se que, apesar do surgimento do conceito pós-industrialização, que traz conotação da irrelevância ou retraimento da indústria pelo terciário, como demonstrado no Quadro 1, esse fenômeno, na verdade, não se evidencia, pois, não há um detrimento da indústria, o que há é cada vez mais uma interligação e continuidade do terciário com as atividades da indústria (LIMA; ROCHA, 2009).

Quadro 1 - Dados SEBRAE de participação do PIB por setores

Setor	2010	2012	2014	2016	2018	2020
Agropecuária	4,8%	4,9%	5,0%	5,7%	5,2%	6,8%
Comércio	12,6%	13,4%	13,6%	12,9%	13,0%	13,6%
Indústria	27,4%	26,0%	23,8%	21,2%	21,8%	20,4%
Serviços	67,8%	69,1%	71,2%	73,1%	73,0%	72,8%

Fonte: SEBRAE (2020)

O Quadro 1 mostra o avanço, principalmente dos serviços, que aumentou 5% da representação do PIB nacional entre 2010 e 2020, enquanto a agropecuária cresceu 2%, o

comércio cresceu 1%, e o único setor que retraiu a representatividade foi a indústria, com uma diminuição de 7%.

Para Pereira Júnior (2019) a análise dessa diminuição da indústria no Brasil deve levar em consideração dois fenômenos: 1) A relação entre a terciarização e a industrialização; 2) A reestruturação territorial e produtiva materializada nas últimas décadas no país.

O primeiro fenômeno considera a multiplicação dos serviços diversos que ocorreram no mundo a partir do fim da década de 1970, fundamentais para o funcionamento da economia a partir das mudanças estratégicas do comércio, indústrias e finanças.

Para o autor esses serviços não formaram uma oposição às indústrias mas sim uma interpenetração, muitos eram ligados de forma direta as atividades produtivas, a partir de serviços de gestão, desenvolvimento, *marketing* e distribuição de produtos que aos poucos, do ponto de vista estatístico, foi separado da indústria, a qual “[...] a consequência disso é que etapas antes realizadas dentro de plantas industriais se dispersaram, principalmente mediante a contratação de prestadores de serviços externos” (PEREIRA JÚNIOR, 2019. p. 14).

O segundo fenômeno ocorreu no mundo a partir da década de 1980 e no Brasil nos anos 1990, a qual em muitas indústrias, os avanços de estratégias tecnológicas estabeleceu flexibilidade, tendo os esquemas de produção e circulação alterados para atender demandas mundiais.

Essas novas realidades estratégicas e tecnológicas foram capazes de integrar parcelas do espaço geográfico a partir da circulação e da produção, gerando novas possibilidades de gastos para os investidores, havendo, dessa forma, uma fragmentação do processo de produção da indústria no espaço.

Para Lima e Rocha (2009) o terciário, motriz do novo quadro de produção, surge como atividade de intensa complexidade a partir da modernização, modificando os fluxos e suas conexões em dimensões espaço-temporais que são moldados e ao mesmo tempo moldam as feições do período técnico-científico-informacional.

O setor terciário foi ampliado e adaptado, absorvendo atividades tanto do setor primário quanto do secundário, nas formas atuais de produção, o bem final integra uma variedade de serviços antes, durante e depois da produção. Anteriormente como fornecimento de matéria-prima com agregação de inovações técnicas e científicas; durante como prestação de serviços de alguma empresa em dado intervalo da fabricação de um bem; e depois da produção a partir do atendimento ao consumidor, assistência técnica, pesquisa, etc. (LIMA; ROCHA, 2009).

Vale ressaltar que essa presença assídua e heterogênea do terciário diz respeito, também, à serviços e comércios não modernos, de baixa tecnologia e distantes das estatísticas formais, Santos (1982) já alertava isso:

O estudo do setor terciário impõe que se levem em conta, de um lado, a existência de novas atividades terciárias, nem sempre discerníveis sob as condições atuais da coleta estatísticas; e, de outro lado, a heterogeneidade fundamental do setor como definido oficialmente, heterogeneidade que as estatísticas oficiais mascaram (SANTOS, 1982, p. 56)

Apesar das dificuldades das estatísticas formais em abarcar e desmascarar todo o setor terciário, este está presente no espaço geográfico, como fonte de emprego e renda de vários indivíduos, e em especial no ramo de alimentação, como fonte não apenas de venda mas, também, de sobrevivência.

Na próxima subseção o debate do setor terciário será constituído no comércio e serviços de forma específica, apresentando o tratamento das atividades em diferentes governos, além de dados gerais e regionais sobre impacto econômico, geração de emprego e renda das categorias em âmbitos nacionais e regionais.

2.2 O comércio e serviço de alimentação

Apesar dessa importância econômica, a participação de representatividade do comércio e serviços no governo federal fora reduzida, levando em consideração que o Decreto nº 5.532, de 6 de setembro de 2005, no governo do então presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011: Partido dos Trabalhadores), criou o que antes era Secretaria de Comércio e Serviços (SCS) no âmbito no antigo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

No entanto o Decreto 9.745/2019, do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-Atual: Partido Liberal), criou o Ministério da Economia e reduziu a SCS de secretaria para Subsecretaria de Desenvolvimento do comércio e Serviços, sujeita à Secretaria de Desenvolvimento da Indústria, Comércio, Serviços e Inovação que por sua vez é vinculada à Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade.

Ao todo são 18 as competências da SCS de Bolsonaro (BRASIL, 2019), entre elas estão:

- a) Atuar de forma a apoiar ações integrais, em enfoque sistêmico e transversal, que contribuam para o fortalecimento da competitividade e da produtividade dos setores de comércio e serviços;

- b) Propor ações para o planejamento, a coordenação, a implementação e avaliação de políticas públicas para fomentar a competitividade e a produtividade dos setores de comércios e serviços;
- c) Analisar e propor políticas públicas que estimulem a competitividade e o desenvolvimento de setores de serviços de alto valor agregado;
- d) Articular e estabelecer parcerias entre executores de programas e atores da área governamental, de entidades representativas do setor empresarial, de instituições técnicas e tecnológicas e de ensino de pesquisa nas questões temáticas referentes ao aumento da competitividade e da produtividade nos setores de comércio e serviços;
- e) Propor diretrizes, e programas para o desenvolvimento de políticas públicas de promoção do comércio, inclusive, comércio digital e para o setor de serviços;
- f) Propor e articular ações e políticas públicas que aumentem a produtividade dos serviços que contribuem para a inovação e competitividade das demais atividades econômicas;

Tais competências foram destacadas devido a percepção de uma palavra recorrente da SCS que faz parte da própria nomenclatura da Secretaria a qual ela está vinculada: Competitividade. Competitividade esta que há anos fora debatida por Milton Santos como um dos principais elementos de comando de ação da globalização perversa (SANTOS, 2001).

O geógrafo diferencia competitividade, como observado acima palavra tão utilizada pelo governo federal na SCS de 2019 do ministro Paulo Guedes, por concorrência (palavra utilizada na SCS de 2005, no inciso XVI do Art. 19¹), sendo a concorrência uma ação que pode ser saudável pois se baseia na batalha entre agentes para melhor empreender uma tarefa, obtendo melhores resultados.

Enquanto a competitividade tem uma única regra que é a conquista da melhor posição através do esmagamento do outro, tendo como base uma guerra em que tudo vale, até mesmo o enfraquecimento dos valores morais, a intensificação da individualidade e a ausência de compaixão e solidariedade, uma espécie de salve-se quem puder (SANTOS, 2001).

Outras diferenças que podem ser percebidas nas competências da instituição de representação do comércio e serviços entre os dois governos é a ausência de combate à

¹ Art. 19, À Secretaria de Comércio e Serviços compete: inc. XVI - participar das questões de concorrência dos setores de comércio e serviços relacionados ao processo de inserção internacional e fortalecimento das cadeias produtivas, em coordenação com áreas afins do Ministério e outras entidades governamentais e privadas.

informalidade na SCS de 2019 e a inserção do debate do comércio digital, que já vinha sendo crescente, tendo papel expressivo posteriormente na pandemia COVID-19.

Como visto, as competências das entidades que representavam o comércio e serviços no governo federal foram moldadas a partir de duas razões:

- 1) A realidade social, com a inserção de pontos como comércio digital por vivermos numa época a qual este comércio se faz presente, além do desfoque da informalidade que na época da elaboração da SCS 2019 não estava tão presente quanto em 2005;
- 2) A base ideológica do governo federal, nota-se nas competências da SCS que enquanto em 2005 o governo federal se preocupava com o desenvolvimento da economia a partir do comércio no país dando relevância nas atividades do território nacional, em 2019 há ênfase nas palavras competitividade e preocupação em fortalecer a participação brasileira no comércio exterior.

É a partir dessa concepção que há o entendimento da relevância de atualização dos estudos geográficos, levando em consideração que as realidades sociais mudam e a análise do setor terciário, a partir estudo do comércio e serviços, ajuda nessa compreensão devido sua heterogeneidade, importância econômica e presença assídua nos espaços mais diversos, em que:

Atualmente, nada no espaço geográfico está livre da necessidade dos serviços. Nem as empresas, nem o indivíduo que vive isolado, nem o Estado. Para que funcione o espaço geográfico, é de grande importância o suporte à fluidez à competitividade dos fluxos proporcionados pelo terciário e que respondem a um ritmo espontâneo de polarização de mais serviços, garantindo a vitalidade do sistema produtivo (LIMA; ROCHA, 2009, p. 103).

Para o estudo do comércio e dos serviços de alimentos a partir dos circuitos da economia urbana, deve-se inicialmente compreender o que são. Neste estudo, as atividades e os estabelecimentos serão classificados a partir do IBGE (2018, p. 2). De acordo com o Instituto, a atividade comercial é definida do seguinte modo:

Atividade caracterizada pela revenda de mercadorias, sem transformações significativas. As mercadorias revendidas podem ter como finalidade o uso pessoal e doméstico ou sua utilização para a atividade produtiva. Existe, na atividade comercial, um descolamento temporal entre aquisição do bem e o seu consumo.

Enquanto para as atividades relacionadas aos serviços:

São o conjunto de atividades em que a produção e o consumo ocorrem ao mesmo tempo. Essas atividades podem ser oferecidas para consumo de famílias ou empresas, diferenciando não só pelo destino final dos serviços, mas também pela intensidade do uso de tecnologias.

De forma mais simples, pode-se compreender a diferença entre as atividades quando um indivíduo compra um produto para consumi-lo fora do estabelecimento, caracterizando aqui a atividade comercial, enquanto consumir o produto no estabelecimento seria caracterizado enquanto atividade de serviços (IBGE, 2018).

Para Ghizzo (2017) o comércio faz parte do processo produtivo e reproduz o espaço econômico urbano, que é cada vez mais controlado de acordo com seu desenvolvimento e uso, a qual o consumo ocupa lugar essencial.

De acordo com Silva (2014), o comércio, conjuntamente ao consumo, é de suma importância para a compreensão do espaço urbano pois contém e produz centralidades a partir das (re)valorizações do espaço, além de debater pautas como padrões de consumo, sociabilidade e estruturas sociais.

O mesmo autor ressalta que há uma relação dialética e histórica entre o desenvolvimento do espaço para com os componentes que integram sua produção, tal como circulação, distribuição, troca e consumo. Para o autor, esta relação histórico-dialética do comércio e consumo se dá a partir da inserção de elementos que influenciam e foram/são influenciados pelos componentes sociais, econômicos e culturais.

O surgimento dos Supermercados, dos Hipermercados, dos Shopping Centers, do Sistema de Franquias, as Lojas de Conveniência, o Delivery e o comércio Virtual, são exemplos da busca por inovações que o comércio foi criando ao longo dos últimos cem anos (SILVA, 2014, p. 158).

Ambas as atividades são de suma importância para a economia brasileira. O Quadro 2 apresenta números da Pesquisa Anual de Comércio, para a demonstração da dimensão da atividade para a economia nacional ao longo dos últimos anos.

Quadro 2 - Empresas comerciais na economia, emprego e renda nacional em termos brutos, entre 2005 e 2019

Empresas Comerciais	Receita operacional líquida (em trilhões)	Salários, retiradas e outras remunerações (em bilhões)	Pessoal ocupado (em milhões)	Unidades locais com receita de revenda (em milhões)	Número de empresas (em milhões)
2005	0,9	52,9	7,07	1,5	1,4
2010	1,8	112,0	9,03	1,6	1,5
2015	3,1	206,3	10,3	1,7	1,5
2019	4,0	246,4	10,2	1,6	1,4

Fonte: IBGE (2005, 2010, 2015 e 2019)

No que diz respeito aos serviços, seu crescimento nos últimos anos pode ser notado a partir da dados da Pesquisas Anual de Serviços, do IBGE no Quadro 3.

Quadro 3 - Serviços empresariais não financeiros² na economia, emprego e renda nacional, em termos brutos, entre 2005 e 2019

Serviços empresariais não financeiros	Receita operacional líquida (em trilhões)	Valor adicionado bruto (em bilhões)	Salários, retiradas e outras remunerações (em bilhões)	Pessoal ocupado (em milhões)	Número de empresas (em milhões)
2005	0,45	239,6	82,4	7,5	0,9
2010	0,86	510,4	172,5	10,6	1,0
2015	1,4	856,0	315,0	12,7	1,3
2019	1,8	1.100,0	376,3	12,8	1,4

Fonte: IBGE (2005, 2010, 2015 e 2019)

Observa-se que houve um crescimento significativo dos serviços empresariais em todas as características apontadas no Quadro 3, até mesmo durante a crise da economia nacional (entre 2015 e 2018), enquanto as empresas comerciais não acompanharam as mesmas características, nas empresas comerciais a redução foi, além do pessoal ocupado, no número de empresas ao todo.

As empresas comerciais apresentaram um crescimento de receitas operacionais líquida maior do que as empresas de serviços, no período entre 2005 e 2018 (311% e 255%, respectivamente), embora o pessoal ocupado tenha tido um maior crescimento nos serviços (68%, com 42% no comércio).

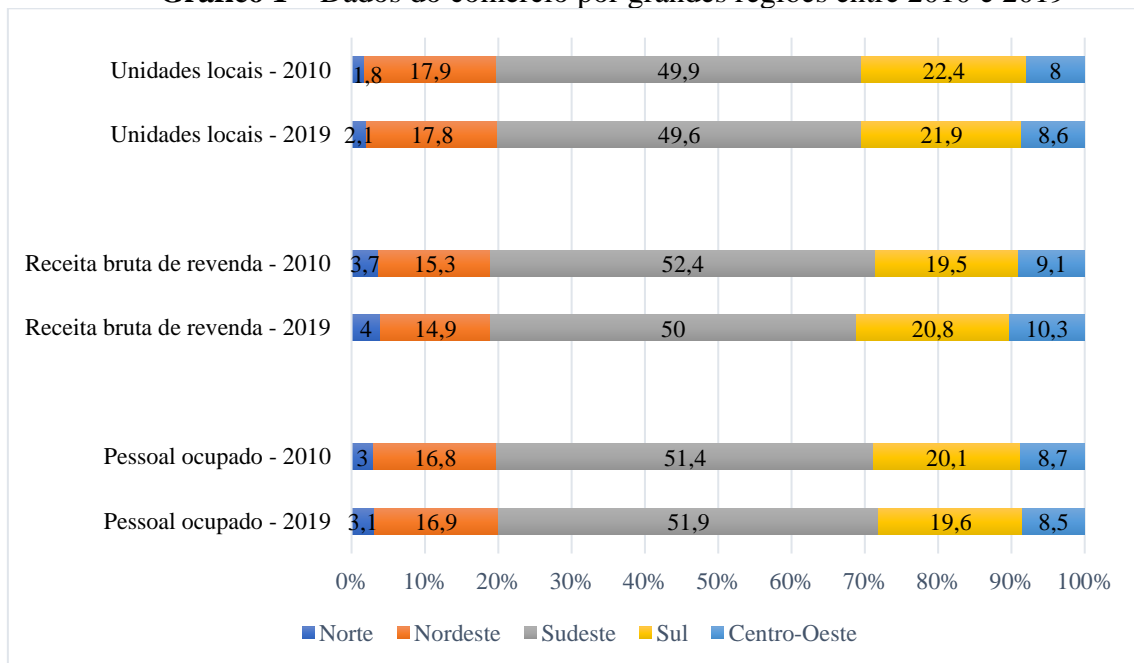
²Atualmente, a pesquisa investiga empresas que atuam nos seguintes setores, formados a partir do agrupamento de classes da CNAE 2.0: Serviços prestados principalmente às famílias; Serviços de informação e comunicação; Serviços profissionais, administrativos e complementares; Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio; Atividades imobiliárias; Serviços de manutenção e reparação; e Outras atividades de serviços (IBGE).

É no número em empresas que há uma disparidade maior entre as duas categorias, as empresas de serviços não monetárias tinham um total de 0,94 milhões em 2005, chegando a 2018 com 1,34 milhões de empresas, um crescimento de 42,5%, já as empresas comerciais eram de um total de 1,43 milhões em 2005, chegando a 2018 com 1,50 milhões, com um aumento de 4,8%.

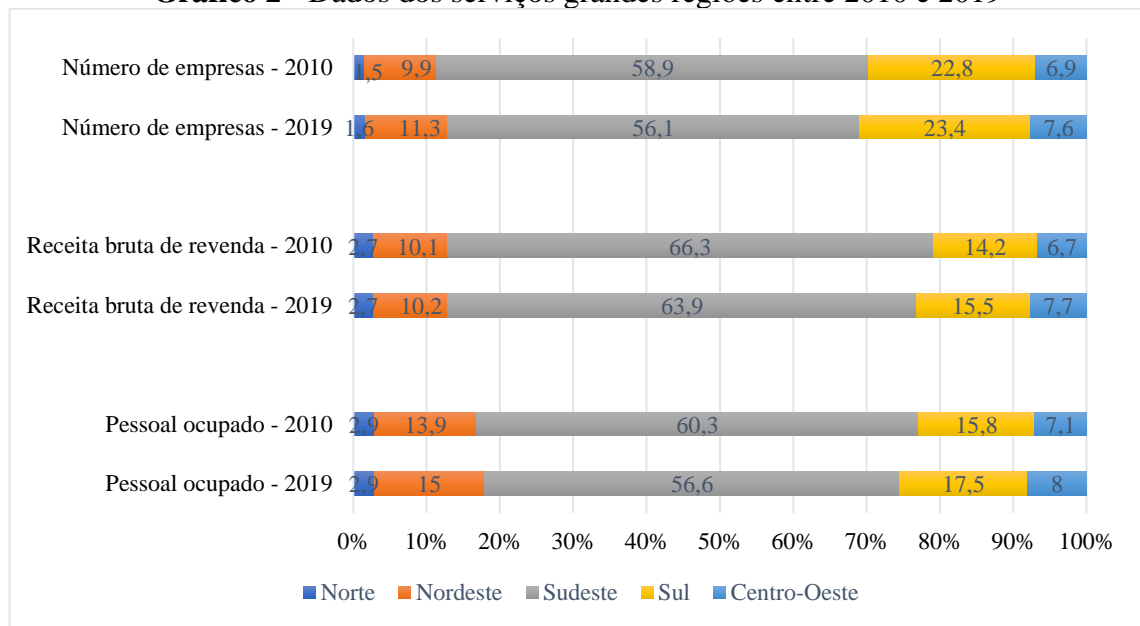
A partir da disparidade de crescimento entre os dois grupos percebe-se que, quando comparado com os serviços, o crescimento de estabelecimento do comércio está praticamente estagnado nos últimos anos, sobretudo tendo dificuldade nos momentos de crise financeira, levando em consideração que esses estabelecimentos foram reduzidos em um total entre 2015 e 2018.

Os Gráficos 1 e 2 ainda mostram os dados a partir das grandes regiões brasileiras.

Gráfico 1 – Dados do comércio por grandes regiões entre 2010 e 2019



Fonte: IBGE (2010; 2019)

Gráfico 2 - Dados dos serviços grandes regiões entre 2010 e 2019

Fonte: IBGE (2010; 2019)

A partir dos dados pode ser visto que há uma concentração nas categorias de Unidades locais, Número de empresas, Receita bruta de revenda, Pessoal ocupado no comércio e serviços no Sudeste do Brasil, e que, excedendo o número de Pessoal ocupado no comércio, houve uma redução nessa concentração regional do Sudeste.

Os gráficos ainda ajudam a compreender a desigualdade regional brasileira pois, a região Nordeste com 27,1%³ da população brasileira contém porcentagens menores em todos os quesitos do comércio e serviços que a região Sul, com 14,8% da população do país, da mesma forma o Norte com 8,8% da população nacional contém todos os números referentes menores do que o Centro-Oeste, com 7,8% da população. O Quadro 4 mostra dados que refletem essa desigualdade regional.

Quadro 4 - Representação dos dados de comércio e serviços por regiões (2019)

	População	Unidades locais de comércio	Pessoal ocupado no comércio	Receita bruta no comércio	Número de empresas prestadoras de serviços	Pessoal ocupado nos serviços	Receita bruta nos serviços
Sul e Sudeste	56,3%	71,5%	71,5%	70,8%	79,5%	74,1%	74,1%
Norte, Nordeste e Centro-Oeste	43,7%	28,5%	28,5%	29,8%	20,5%	25,9%	25,9%

Fonte: IBGE (2019)

³ Estimativa da população IBGE em 2020

Observa-se que a diferença populacional entre os estados Sul e Sudeste com as demais regiões brasileiras é de apenas 12,6%, todavia todos os outros tópicos essa diferença vai além, sendo uma diferença de: Unidades locais de comércio, 43%; Pessoal ocupado no comércio, 43%; Receita bruta no comércio, 41%; Números de empresas prestadoras de serviços, 59%; Pessoal ocupado nos serviços, 48,2%; Receita bruta nos serviços, 48,2%.

Esses dados demonstram uma concentração do comércio e serviços nessas áreas. São características como essas que materializam o que Santos (2006) chama de áreas luminosas e áreas opacas, sendo as áreas luminosas caracterizadas por serem vetores das ações modernas globalizadas pelo meio técnico-científico-informacional a qual instalam-se os modos produtivos, múltiplas formas de consumo e lógicas de níveis de trabalho, organização e informação.

Enquanto as áreas opacas são, do ponto de vista geográfico, menos modernas, e de um perspectiva econômica de atividades tradicionais e/ou marginalizadas, o próprio autor destaca que “No caso do Brasil [...] esse meio técnico-científico-informacional, espaço do artifício, formado, sobretudo, pelo Sul e pelo Sudeste e, de outro lado, o resto do território nacional” (SANTOS, 1997).

Como visto, Santos (1997) descreveu que as áreas luminosas estão concentradas principalmente nas grandes regiões Sul e Sudeste, enquanto o Norte, Nordeste e Centro-Oeste se concentram áreas opacas. Percebe-se que a concentração do comércio e serviços até os dias atuais nessas regiões citadas reafirmam que as falas do autor ainda se fazem realidade.

Para o IBGE (2018), a análise das atividades do comércio se faz importante devido sua interação com as demais atividades econômicas e detém uma capacidade significativa de geração de emprego e renda. Quanto a atividade de serviços o IBGE também ressalta sua importância de geração de emprego e renda, acrescentando o dinamismo tecnológico da atividade e a sua heterogeneidade em diversas dimensões.

No que diz respeito à renda que essas atividades dão aos trabalhadores, de acordo com o IBGE, em 2018, o salário médio mensal dos trabalhadores do comércio, foi de 1,9 salário mínimo, enquanto nos serviços, a média salarial foi de 2,3 salários mínimos. Em níveis regionais, o Nordeste obteve a menor média salarial entre as regiões, com 1,5 e 1,7 salários respectivamente. O Quadro 5 demonstra a média salarial paga pelas empresas por região.

Quadro 5 - Média salarial de trabalhadores das empresas de serviços e comércios por grandes regiões em salários

		Empresas prestadoras de Serviços				Empresas Comerciais				Rendimento médio da população			
Grande Região	Ano →	2010	2013	2016	2019	2010	2013	2016	2019	2010	2013	2016	2019
↓													
Sudeste		2,8	2,6	2,6	2,5	2,0	2,0	2,1	2,0	2,7	2,7	2,8	2,6
Sul		2,1	2,0	2,1	2,0	1,8	1,8	1,8	1,9	2,5	2,6	2,6	2,5
Centro-Oeste		2,2	2,1	2,2	2,1	1,7	1,8	1,7	1,8	2,8	2,9	2,6	2,5
Norte		2,0	2,0	2,0	1,9	1,8	1,7	1,8	1,8	1,9	1,6	1,8	1,7
Nordeste		1,8	1,7	1,7	1,7	1,4	1,4	1,4	1,4	1,6	1,9	1,6	1,6
Brasil		2,5	2,3	2,3	2,3	1,8	1,8	1,9	1,9	2,3	2,4	2,4	2,3

Fonte: IBGE (2010; 2013; 2016; 2019)

Observa-se que apesar de abarcar um grande número de trabalhadores, a renda média dos funcionários do comércio e serviços é baixa, à exceção de alguns grupos com qualificação profissional, como o caso dos serviços vinculados a informações e comunicações, que apresentaram uma média de 4,7 salários mínimos (IBGE).

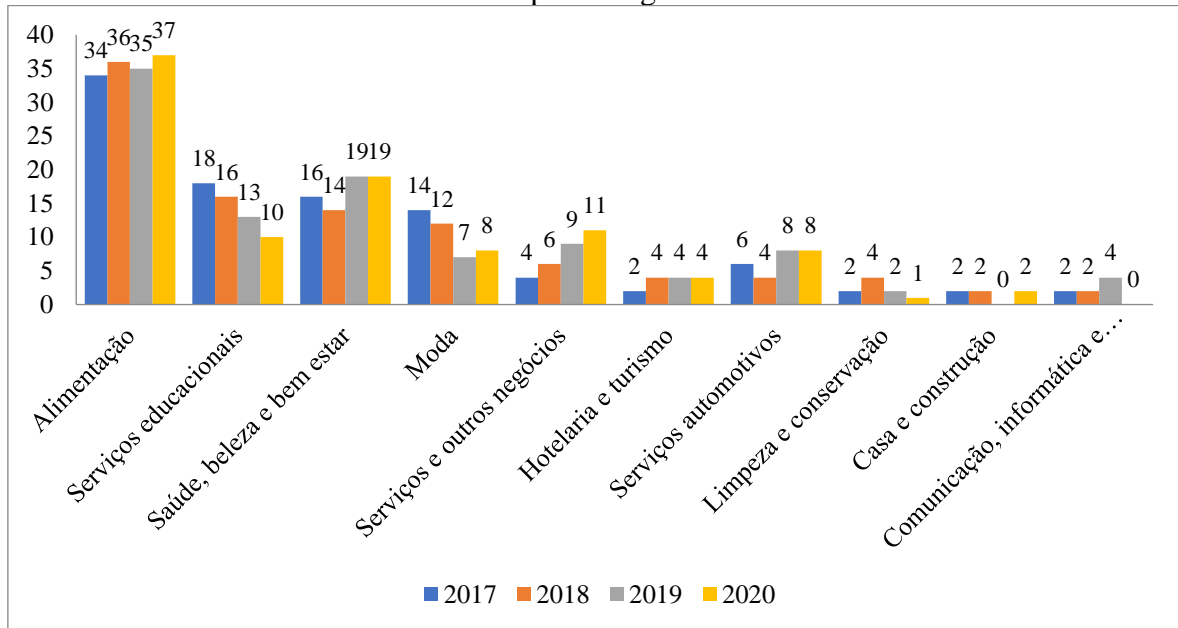
De modo geral, as rendas do comércio e serviços são menores do que a renda média da população brasileira, embora, os serviços se aproximem ligeiramente da média nacional enquanto a distância do comércio é maior.

Esses números podem representar a heterogeneidade dessas atividades a qual por um lado há serviços prestados por profissionais qualificados e com alta renda, mas, também há no comércio e serviços realidades em que “é mais necessário o trabalho que o capital. E como a mão-de-obra é barata, não é difícil começar um negócio” (SANTOS, 2018, p. 204)

É reconhecendo essa heterogeneidade de organização e formas de venda dos estabelecimentos na cidade que este estudo leva em consideração as duas atividades para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que não necessariamente um estabelecimento está limitado a apenas uma forma de negociação.

De acordo com a Associação Brasileira de Franchising (ABF), o segmento de alimentação é o maior no país e com tendência de crescimento, perceptível a partir de dados de pesquisa da associação sobre as 50 maiores redes de franquias do país, que podem ser observados os segmentos das empresas no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Segmentos das 50 maiores redes de franquias do Brasil entre 2017 e 2020, por porcentagem



Fonte: ABF (2019;2021)

Nota-se dominância do segmento de alimentação ao longo dos últimos anos, inclusive, com aumento de 2% mesmo no período pandêmico. De acordo com a associação isso demonstra a resiliência e a capacidade de reação do setor até mesmo em crises (ABF, 2021).

A alimentação apresenta-se enquanto um setor consolidado que atrai investimentos em âmbitos nacionais, como demonstram os dados da ABF, e internacionais, levando em consideração que parte desses estabelecimentos são empresas transnacionais como Subway, McDonald's e Burger King. Na próxima subseção será debatido um dos principais hábitos alimentares da contemporaneidade, a alimentação fora do lar.

2.3 A alimentação fora do lar

A alimentação fora do lar une questões de praticidade e lazer, tornando-se cada vez mais comum nas áreas urbanas, acarretando transformações nas atividades do comércio e serviços, nas lógicas espaciais, nos movimentos de oferta de bens e serviços e na divisão econômica e social do espaço (COUTO, 2018).

Compreender as formas de alimentação diz respeito a uma análise que abrange questões como organizações e movimentos ligados à distribuição, venda e consumo dos alimentos, sendo uma considerável temática para entendimento de fatores socioculturais, econômicos e

principalmente espaciais das atividades comerciais e de serviços de alimentação (ANTIPON; CATAIA, 2018).

Entender as relações de consumo na cidade é de fundamental importância para compreender a organização da economia urbana e as dinâmicas socioespaciais cotidianas (SILVEIRA, 2013). Observa-se que o consumo alimentício fora do lar é uma realidade social, é possível verificar isso no Quadro 6 elaborado a partir de dados do IBGE:

Quadro 6 - Despesa monetária e não monetária⁴ média mensal familiar com alimentação, por situação do domicílio – Brasil – entre os períodos 2002-2003 e 2017-2018

Tipo de domicílio↓	Ano→	2002-2003	2017-2018
Domicílio Urbano			
Gastos absolutos com alimentação		R\$ 311,02 (1,3 SM)	R\$ 681,13 (0,7 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		74,3%	66,1%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		25,7%	33,9%
Domicílio Rural			
Gastos absolutos com alimentação		R\$ 265,73 (1,1 SM)	R\$ 514,84 (0,5 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		86,9%	76,0%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		13,1%	24,0%

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 e 2017-2018

Nota-se, que 1/3 das despesas com alimentação da população urbana entre 2017-2018 foi realizada com despesas fora do domicílio, o que fez com que a dinâmica de alimentação fora do lar se tornasse parte da rotina de parcela da população urbana mais do que da população do rural, que teve uma representação pouco menor do que ¼ de sua despesa no mesmo período.

Em ambas as situações domiciliares, houve, entre o período de 2002-2003 e 2017-2018 um aumento do consumo fora do lar, indicando o quanto esta dinâmica se torna cada vez mais presente nos espaços do país, embora, como já citado, seja mais comum no meio urbano.

Para Antipon e Cataia (2018) o ato de comer fora do lar é uma realidade urbana, pois, na cidade se encontram indivíduos que são incluídos numa alta rotina de trabalho, muitas vezes

⁴ São aquelas efetuadas sem pagamento monetário, ou seja, aquisição obtida através de doação, retirada do negócio, troca, produção própria, pescado, caçado e coletado durante os períodos de referência da pesquisa, disponíveis para utilização. As valorações das despesas não monetárias foram realizadas pelos próprios informantes, considerando os preços vigentes no mercado local.

com baixos salários que os obrigam, além de se alimentar nas ruas, também a buscar refeições mais baratas, tornando esse tipo de hábito um mercado de consumo em massa.

Da mesma forma como a divisão entre famílias de zona urbana e rural, o estudo demonstra dados das despesas domiciliares e fora do domicílio com a alimentação a partir dois grupos econômicos, o primeiro cujo a renda familiar vai até dois salários mínimos e o segundo com renda acima de 20 salários, como observado no Quadro 7.

Quadro 7 - Despesa monetária e não monetária média mensal familiar com alimentação, por classes extremas de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar - Brasil – entre os períodos 2002-2003 e 2017-2018

Tipo de faixa de renda↓	Ano→	2002-2003	2017-2018
Até 2 salários			
Gastos absolutos com alimentação		148,59 (0,6 SM)	328,74 (0,3 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		88,2%	79,4%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		11,8%	20,6%
20 salários ou mais			
Gastos absolutos com alimentação		662,72 (2,7 SM)	2061,34 (2,1 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		62,9%	49,7%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		37,1%	50,3%

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 e 2017-2018

Observa-se que, entre a população de menor poder aquisitivo, embora a tendência de consumo ocorrer em sua maioria no domicílio (79, 4%), há uma representação de 20,6% dos gastos com alimentação fora do lar. No que diz respeito à população mais abastada os números demonstram haver um relativo equilíbrio entre os gastos, com uma diferença de 0,6% para os gastos fora do domicílio.

Em ambas as classes houve um aumento no que diz respeito ao hábito de alimentar-se fora do lar. Entre os períodos de 2002-2003 e 2017-2018 as classes de menor poder aquisitivo aumentaram o hábito de comer fora do lar em 74,5% enquanto as classes com 20 salários ou mais aumentaram em 35,5%. O Quadro 8 apresenta os dados a partir das grandes regiões do Brasil.

Quadro 8 - Gastos com alimentação por dados absolutos, no e fora de domicílio por Grandes Regiões

Grande Região↓	Ano→	2002-2003	2017-2018
Norte			
Gastos absolutos com alimentação		303,37 (1,5 SM)	554,13 (0,6 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		80,9%	78,6%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		19,1%	21,4%
Nordeste			
Gastos absolutos com alimentação		262,18 (1,3 SM)	587,11 (0,6 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		80,5%	67,7%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		19,5%	32,3%
Sudeste			
Gastos absolutos com alimentação		331,94 (1,6 SM)	692,73 (0,7 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		73,1%	65,8%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		26,9%	34,2%
Sul			
Gastos absolutos com alimentação		312,1 (1,5 SM)	692,33 (0,7 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		76,7%	68,9%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		23,3%	31,1%
Centro-Oeste			
Gastos absolutos com alimentação		259,4 (1,3 SM)	731,26 (0,7 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		75,5%	62,0%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		24,5%	38,0%
Brasil			
Gastos absolutos com alimentação		302,12 (1,5 SM)	658,23 (0,7 SM)
Despesa relativa com alimentação no domicílio		75,9%	67,2%
Despesa relativa com alimentação fora de domicílio		24,1%	32,8%

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 e 2017-2018

A partir dos dados dos Quadros 6 e 7 percebe-se que o hábito de comer fora do lar é mais comum entre pessoas de área urbana e de maior poder aquisitivo, isto ocorre provavelmente devido o ato de comer fora do lar está cada vez mais se tornando algo além da

necessidade de suprir a necessidade alimentícia, mas também vinculada a questões como lazer, sociabilidade e prazer (GHIZZO, 2017; COUTO; ELIAS, 2015).

O Quadro 8 mostra que os gastos com alimentação estão maior em números absolutos, mas, quando relativizados ao salário mínimo essa representação diminuiu em nos últimos 15 anos, a qual nos anos de 2002-2003 os gastos com alimentação representavam o equivalente a 1,5 salário mínimo enquanto entre 2017-2018 esses gastos se aproximavam a 0,7 salário mínimo.

Ainda percebe-se que os gastos com alimentação fora do lar teve um crescimento nacional de 8,7% no mesmo período de 15 anos, sendo esse número liderado pela região Nordeste com crescimento de 12,8% enquanto a região Norte apresentou um menor crescimento de 2,3%.

A pesquisa “Consumo de alimentos, tendências e inovações”, realizada pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), no ano de 2020, com intuito de apresentar as principais tendências e impactos para diferentes atividades e setores de alimentos divide a alimentação fora do lar em quatro grandes grupos de tendências, sendo: Conveniência e praticidade; Confiabilidade e qualidade; Sensorialidade e Prazer; Saudabilidade e Bem-estar e Sustentabilidade e Ética.

A tendência Conveniência e Praticidade representa a maior parcela, com 34% dos consumidores, em geral das classes sociais A⁵ e C⁶. Essa tendência é praticada especialmente por pessoas com um estilo de vida atarefado, a qual o trabalho agregado ao pouco tempo para afazeres domésticos, acarreta na procura da praticidade e confiança em produtos industrializados.

A tendência Confiabilidade e Qualidade representa um total de 23% do mercado e estão mais presentes na classe social C. Essa tendência se caracteriza pela confiança e fidelidade em marcas, empresas, produtos ou estabelecimentos, que estariam aptos a pagar mais por produtos de boa qualidade.

⁵ A pesquisa caracterizou como classe A o grupo de entrevistados que tinham condições socioeconômicas favoráveis, além de conhecimento sobre benefícios e malefícios alimentares essa classe obtém o poder de escolha do que consumir, optando muitas vezes por alimentação de empresas sustentáveis.

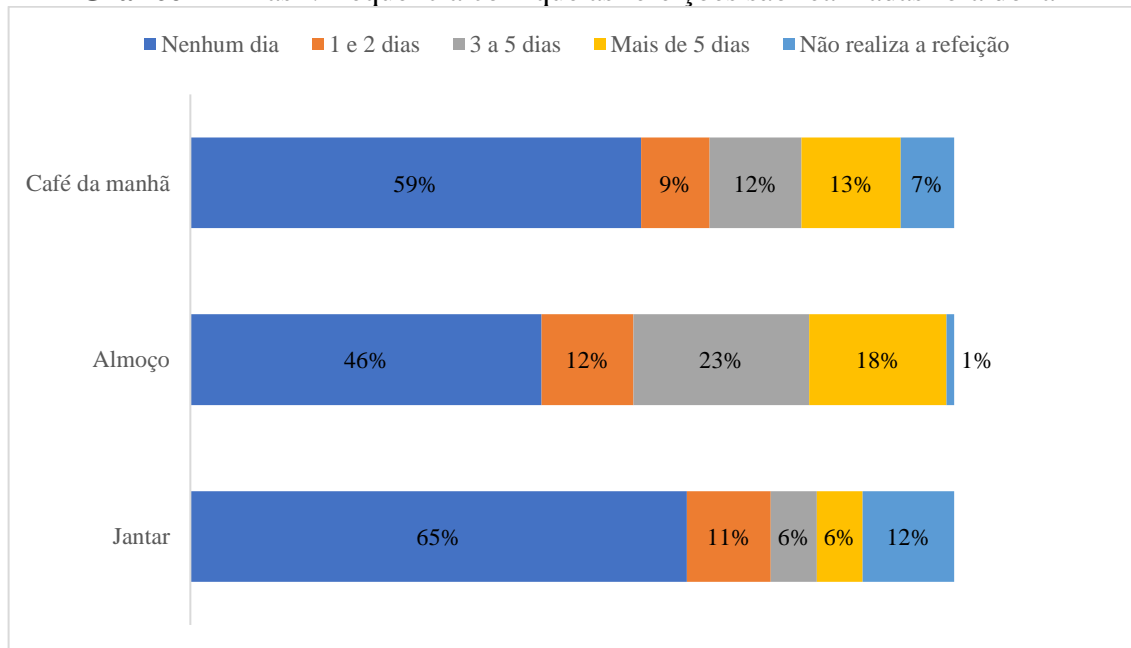
⁶ A classe C na pesquisa fora escolhida a partir do grupo de entrevistados que tinham limitações financeiras, este grupo alimenta-se fora do lar excepcionalmente, mesmo quando seu trabalho inibe a alimentação fora do lar muitos levam a refeição de casa para o trabalho. Nesta classe o preço e a fartura da alimentação estão como características de prioridades no ato da compra

A tendência Sensorialidade e Prazer representa 23% do mercado consumidor, caracterizado por compradores que se importam prioritariamente pelo gosto e atração da comida, mesmo sabendo que esta pode não ser a melhor opção para sua saúde. De acordo com a pesquisa, os consumidores dessa tendência são guiados pelo impulso que privilegia a satisfação.

Por último, as tendências Sustentabilidade e Bem-Estar e Sustentabilidade e Ética, com um mercado consumidor que representa 21% do total. Esta tendência se caracteriza enquanto alimentações voltadas a bons hábitos alimentares e bem-estar. Os consumidores desse grupo priorizam alimentos que venham de grupos e/ou empresas com responsabilidades sociais e ambientais.

Os dados da pesquisa ainda demonstram que mesmo que não seja de forma tão expressiva como a alimentação em domicílio, a alimentação fora do lar é uma realidade presente na população brasileira em todas as refeições diárias.

Gráfico 4 - Brasil: frequência com que as refeições são realizadas fora do lar



Fonte: Resultados da Pesquisa ITAL/Fiesp (2020)

Observa-se que há uma porcentagem considerável do consumo fora de casa entre as principais refeições diárias da população brasileira, 34% no café da manhã, 53% no almoço e 23% no jantar. A pesquisa também destaca os principais locais onde os brasileiros costumam realizar suas refeições fora de casa:

Quadro 9 - Brasil: principais locais onde os consumidores costumam fazer refeições fora de casa

Localidade	Porcentagem
Restaurantes por quilo	27%
Lanchonetes ou redes de <i>fast-food</i>	19%
Restaurantes <i>à la carte</i>	18%
Padarias	18%
Bares	18%
Ambulantes	6%

Fonte: Resultados da Pesquisa ITAL/Fiesp (2020)

De acordo com a entidade realizadora da pesquisa, o ato de sair para comer fora do lar está ligado às condições financeiras do indivíduo, quanto maior sua renda, escolaridade e classe social maior será a frequência, todavia há também aqueles que apesar do pouco poder aquisitivo mantêm o hábito de alimentação fora do lar, acarretando na diversidade de estabelecimentos para atender ambos os públicos.

A pesquisa destaca que são esses consumidores de maior poder aquisitivo, com o poder de escolha do quê e de onde consumir, que demonstram maior variedade de estilos e tipos de comidas, expressando como o ato de comer para alguns correlaciona entre o prazer e a necessidade.

Para Ortigoza (2019) são esses motivos de rotina e de cotidiano que fazem com que a alimentação seja uma temática importante para o estudo geográfico, pois:

A abordagem geográfica do cotidiano é uma característica central [...], pois por meio dela é possível compreender o próprio sentido da produção e reprodução do espaço. Isto porque o uso e a apropriação do espaço ocorrem no acontecer cotidiano [...] No ramo de alimentação, a mundialização se aplica de forma mais intensa, pois os hábitos de consumo são incorporados de maneira mais rápida no cotidiano urbano e acabam padronizando os comportamentos de compra. Este processo se desenvolve de maneira sutil, com a incorporação de ideologias de consumo e práticas socioespaciais, que podem até passar despercebidas num primeiro momento. (ORTIGOZA, 2009, p. 70-71)

São várias as explorações da alimentação na geografia, todavia neste estudo foi priorizado o comércio e serviço, a qual a sua análise se faz importante para a pesquisa do espaço geográfico devido à relação conciliar entre ambos a partir de realidades como influência e reestruturação espacial, bem como induzir na produção, distribuição, consumo, hábitos e mudanças de estilo (COUTO, 2010; COUTO; ELIAS, 2015).

Esta influência espacial ocorre pois alimentação é um dos gastos básicos de um cidadão, porém não de forma igualitária pois a proporção do gasto vai diminuindo de acordo com a renda familiar, já que uma família satisfeita com seu consumo alimentar, por mais que duplique a sua renda, não destinará o dobro de dinheiro à sua alimentação (PIRES et al., 2018).

Isto pode ser observado a partir de dados do IBGE (2019), que demonstram uma família com até 2 salários mínimos gastando 22% de sua renda em alimentação, enquanto aqueles com renda média acima de 25 salários mínimos gastam apenas 7% de sua renda. Com uma maior renda, esse capital pode ser transportado para outras despesas como saúde, lazer, aluguel, educação e transporte. O Quadro 10 apresenta os principais gastos das duas diferentes classes sociais:

Quadro 10 - Distribuição da despesa monetária e não monetária média mensal familiar, por classes extremas de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar, segundo os tipos de despesas selecionadas – Brasil – período 2017-2018, em porcentagem

Tipos de despesas selecionadas	Até 2 salários mínimos	Acima de 25 salários mínimos
Alimentação	22,0%	7,6%
Habitação	39,2%	22,6%
Transporte	9,4%	15,3%
Saúde	5,9%	5,6%
Educação	1,9%	5,1%
Outros	21,6%	43,8%

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamento Familiares 2017-2018.

Nota-se que a alimentação e habitação abrangem porções mais significativas entre as classes de menor poder aquisitivo abarcando 61,2% de sua renda, tornando muitas vezes o consumo desse grupo algo fundamental para mínima sobrevivência, enquanto para as classes de maior poder aquisitivo isso não é problemático, por ter poder aquisitivo de escolha de onde morar, além de onde e o quê consumir.

A partir dessa realidade, na qual alguns segmentos da sociedade têm o poder de escolha do que frequentar e do que comprar, os espaços de consumo vão se modificando para atrair e aumentar o público consumidor (ou selecionar), tornando-se estabelecimentos que se

caracterizam como algo além de locais de consumo mas também espaços de lazer, status/prestígio ou localidades para pequenas reuniões, negócios, encontros ou comemorações.

Esses indivíduos almejam, além do consumo de mercadoria, o consumo do espaço à ser frequentado movido pelo sentimento de prazer (GHIZZO, 2017), numa realidade a qual:

Em resposta à lógica de acumulação capitalista, os próprios espaços comerciais tornam-se também mercadorias e são consumidos, à medida que substituem antigos padrões comerciais; concentram uma variedade de serviços e de atividades de lazer; adquirem forte dimensão simbólica; e legitimam a segregação socioespacial (COUTO; ELIAS, 2015, p. 59).

Para Couto (2011) essa realidade em Mossoró se deu a partir da expansão do consumo que proporcionou a concentração econômica e territorial do comércio na cidade, ampliando assim o comércio moderno que afeta tanto o desenvolvimento desses estabelecimentos quanto a reestruturação do espaço urbano.

Para haver compreensão das atividades comerciais deve-se levar em consideração o contexto a qual elas estão inseridas. Atualmente esse contexto é marcado pela financeirização das relações econômicas e sociais, a dinâmica da divisão do trabalho e novos modelos de produção e de consumo que favorecem atividades modernas associadas às transformações do comércio (COUTO e ELIAS, 2015).

Porém, não são todos os estabelecimentos que acompanham essa realidade de modernização e concentração econômica. Há por outro lado, no comércio alimentício, segmentos nos quais sujeitos periféricos se reproduzem, sobrevivem e resistem num outro lado da mesma realidade, um lado que dinamiza sua renda de forma alternativa ao mercado excludente (ANTIPON, 2017).

3 OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E O ESTUDO DO COMÉRCIO E SERVIÇO DO RAMO DE ALIMENTAÇÃO

Neste capítulo apresentar-se-á os dois circuitos da economia urbana partindo das análises dos principais aspectos da teoria em Milton Santos e que se pretende fazer uso no trabalho. A seguir, o diálogo será estabelecido com os autores que vêm discutindo o tema na atualidade.

No terceiro momento, o capítulo focará na análise do setor terciário, das atividades de comércio e serviços, de Mossoró, fazendo um perpasso histórico para compreensão de como a cidade alcançou a condição de influência regional que hoje exerce.

3.1 Os dois circuitos da economia urbana em Milton Santos

A teoria dos dois circuitos da economia urbana fora apresentada na década 1970, pelo geógrafo Milton Santos, no livro “O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos”.

Passadas mais de quatro décadas após sua apresentação, a teoria continua com grande potencial de explicação da dinâmica da economia urbana a partir de uma compreensão sistêmica. Porém, uma vez que a realidade sofreu diversas mudanças durante esse período, nos mais diferentes aspectos, espaciais, políticos e econômicos, a leitura do presente mediada pela discussão requer a compreensão de tais transformações e, conseqüentemente, da necessidade em considerar novas formas e processos, a partir de variáveis e indicadores compreendidos pela economia urbana.

Apesar das mudanças, os dois circuitos continuam presentes nos espaços urbanos, pois enquanto houver formas de desenvolvimento geográfico desigual e combinado (HARVEY, 2006), haverá mercados distintos em tecnologia, capital e organização, assim como haverá diferentes formas de consumo (SANTOS, 2018). Este fato possibilita que muitos estudos sejam desenvolvidos acerca e/ou a partir dessa teoria miltoniana.

Quanto à terminologia de circuitos superior e inferior, ao invés de circuitos moderno e tradicional, que o próprio autor já havia usado, foi modificada pois chamar o circuito superior como moderno daria a ideia de que este está definido pela sua idade e não pela forma de organização e de comportamento, assim como o circuito inferior se chamado de tradicional não

traria a concepção de que está subordinado às condições de modernização, e envolvido em transformações e adaptações (SANTOS, 2018; 2013).

Para o autor, os países de terceiro mundo têm um espaço que se caracterizam por se organizarem e se reorganizarem em função de interesses que estão externos, cada vez mais frequente em escala mundial. Todavia essas (re)organizações são de formas descontínuas e instáveis, gerando um espaço multipolarizado pressionado por influências de diferentes níveis de decisões mundiais.

Além disso, há a agregação ao fato de que, em um país subdesenvolvido como o Brasil há dois tipos de perfis de consumidores:

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não tem condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas de consumo (SANTOS, 2018, p. 37).

Apesar dos últimos anos, especialmente no governo Lula do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 2003-2010, terem sido marcados pelos investimentos das esferas públicas e privadas, que acarretaram o estímulo ao consumo das famílias mais populares (SICSÚ, 2019), há, ainda, uma discrepância de poderes aquisitivos nos diversos extratos da população brasileira, o que acarreta uma contínua diferenciação de consumo.

Ao aumento do consumo possibilitado à população brasileira, somam-se desdobramentos diretos e indiretos oriundos da expansão da globalização capitalista, a exemplo da diversificação e popularização de alguns produtos, da velocidade e alcance na distribuição de mercadorias e do enorme poder da publicidade e da propaganda.

Para Santos (2014) na medida em que novos gostos são difundidos em escalas nacionais, substituindo gostos tradicionais, as organizações econômicas são forçadas a ajustar-se tanto às novas dinâmicas quanto às realidades herdadas. Isto ocorre tanto para os meios de produção quanto para os meios de distribuição. Esse processo, agora são manifestos numa dinâmica multiescalar e é a partir dessa circunstância que os circuitos da economia urbana se expressam e devem ser analisados.

Milton Santos ainda afirma que os circuitos surgem como efeitos da modernização, sendo o circuito superior resultado direto e beneficiado pela mesma enquanto o inferior

resultado indireto, advindo de pouco ou nenhum benefício das atividades modernas e dos progressos tecnológicos.

O autor elaborou um quadro, aqui correspondente ao Quadro 11, de características de cada circuito, diferenciando-os em temáticas como tecnologia, organização, preços e publicidade.

Quadro 11 - Características dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre comprados e vendedor (haggling)
Crédito	Bancário institucional	Pessoal não-institucional
Margem de lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relação com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização dos bens	Nula	Frequente
Overhead capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: Santos (2018)⁷

Observa-se mudanças do quadro de Milton Santos (2018) para com a realidade atual, como a ausência de tecnologia, crédito bancário, publicidade e ajuda governamental no circuito inferior. Assim como, as relações impessoais e reutilização de bens estão distantes da realidade do circuito superior, de acordo com o autor.

Visto de formas separadas as características de cada circuito se apresentam enquanto uma particularidade distinta, porém, ressalta-se que os circuitos são uma bipolarização da realidade, não uma dualidade já que ambos têm a mesma origem, conjunto de causas e são interligados, um e outro, são subsistemas dentro do sistema urbano sendo ambos subordinados às mesmas leis gerais do capitalismo (SANTOS, 2018)

⁷ Obra original publicada em 1979

Todavia, independente dessa realidade, o autor relata que “apesar da sua aparente interdependência, o circuito inferior aparece como dependente do circuito superior, do mesmo modo que as atividades rurais tradicionais dependem das atividades modernas” (SANTOS, 2018, p. 56) numa relação a qual o circuito superior se apresenta numa posição dominante (SANTOS, 2013).

O circuito superior é classificado em duas formas de organização: O circuito superior propriamente dito, e o circuito superior marginal. O circuito superior marginal seria composto por formas de produção menos modernas, tendo um caráter emergente, como resultado ou sobrevivência determinadas formas de organização, ou como reflexo de uma incapacidade de gerar atividades totalmente modernas.

Para Santos (2018, p. 103) “O circuito superior marginal pode ser o resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas”.

Características como despesas inferiores com a publicidade quando comparadas com o circuito superior propriamente dito, produtos de menor qualidade, níveis tecnológicos e de capitais empregado razoáveis garantem a permanência do circuito superior marginal no mercado.

Além da divisão de organização entre o circuito superior propriamente dito e o circuito superior marginal, este circuito pode ser diferenciado nas suas atividades em três formas: “puras”, “impuras” e “mistas” (SANTOS, 2018).

As atividades puras do circuito superior seriam a indústria moderna, o comércio moderno e os serviços modernos. As atividades impuras abarcam atividades como a indústria de exportação e comércio de exportação, isto pois são instaladas na cidade, mas se beneficiam das vantagens de outras localidades, o foco dos seus interesses é projetado para fora da cidade.

Os atacadistas e transportadores adentrariam nas atividades mistas pois contém laços de dupla ligação tanto com o circuito superior quanto com o circuito inferior da economia urbana, levando produtos para as diversas atividades comerciais e fabris.

Enquanto no circuito superior o principal objetivo é o acúmulo do lucro, no circuito inferior o principal objetivo seria sobrevivência, este teria suas atividades voltadas principalmente para a população que não têm acesso ao circuito superior.

A importância para a economia local dos circuitos corresponde ao tamanho da cidade: enquanto nas cidades pequenas o circuito inferior existe para substituir os serviços e comércios

modernos, nas cidades grandes eles existem apesar desses serviços e comércios modernos, como forma de atender a população pobre (SANTOS, 2018).

No que diz respeito às cidades regionais, estas apresentariam certas produções modernas, porém somente as metrópoles teriam um mercado urbano suficiente para permitir situações como monopólios. O circuito inferior destas cidades teria uma influência limitada à sua área de aglomeração, pois estes teriam concorrência com as atividades do circuito inferior das cidades locais.

Segundo Milton Santos (2018), o estudo dos dois circuitos da economia se faz importante para compreensão da cidade enquanto uma máquina viva, assim como também para explicação das relações externas da cidade, seja tanto com sua região de influência quanto relações com outras cidades. A partir dos dois circuitos da economia pode-se compreender os processos econômicos e aqueles que governam a organização do espaço (SANTOS, 2014).

Há uma relação dialética espacial entre os circuitos, estes se apresentam mutuamente enquanto complementaridade e concorrência na conquista pelo mercado e domínio do espaço, a qual há uma tendência advinda do circuito superior de unificar totalmente o mercado enquanto o circuito inferior reivindica uma parcela da organização do espaço (SANTOS, 2018).

Para o autor as relações entre os circuitos se dariam a nível local haja visto o alcance do circuito inferior ser apenas local enquanto o superior consegue abranger as demais escalas espaciais de níveis regionais, nacionais e mundiais. É o alcance local que faz com que o circuito inferior seja importante principalmente nas médias e pequenas cidades, pois, como o circuito superior não alcança de modo uniforme o território, cabe ao inferior prolongar e/ou substituir este circuito nos espaços menos valorizados, pobres e periféricos (SANTOS, 2018).

Apesar dessa realidade de ausência do circuito superior em alguns espaços, principalmente os mais pobres, este circuito muitas das vezes se apropria de características do circuito inferior a partir de atividades como camelódromos, tendas ou boxes de empresas do circuito superior que vendam produtos como lanches, desta forma, o circuito superior faz concorrência ao inferior em seu próprio terreno: as ruas (SANTOS, 2014).

Na próxima subseção será apresentado como os dois circuitos da economia urbana são encontrados na atualidade, como já dito a realidade em que o autor descreveu a teoria fora mudada, todavia ambos os circuitos continuam presente nas cidades pois, os dois circuitos representam as desigualdades de investimento e poder de compra da população e nas formas em que o sistema econômico se configura essa realidade está cada vez mais distante.

3.1.1 Os dois circuitos da economia urbana: perspectivas recentes

Levando em consideração que a realidade descrita por Milton Santos não é a mesma, faz-se necessário ter leituras atuais que olham na perspectiva dos novos processos que permeiam ambos os circuitos (MONTENEGRO, 2012).

Silveira (2007; 2013; 2015; 2017), que se destaca na atualidade enquanto estudiosa da teoria, assegura que o circuito superior pode ser reconhecido como os próprios motores da atual divisão territorial do trabalho, pautando-se a partir de temáticas como informação, capital, técnica e ciência, em outras palavras, nos fatores definidores da globalização. Destaca-se, que na atualidade esses mesmos fatores atingem, não na mesma medida nem na mesma intensidade, o circuito inferior da economia urbana.

A autora, afirma que o capital faz com que o circuito superior consiga controlar e privilegiar áreas do espaço que sejam do seu interesse, tornando uma atividade na maioria das vezes distante dos espaços periféricos da cidade. A contínua instalação do circuito superior em espaços centralizados ocorre pois é interessante para essa atividade instalar-se em locais onde haja boa qualidade de vias de transportes, eletricidade, esgoto e serviços como abastecimento, contabilidade ou consertos (SILVEIRA, 2013).

No que diz respeito às cidades médias, a autora descreve que há principalmente a presença do circuito superior marginal, enquanto o circuito superior puro iria se concentrar prioritariamente nas metrópoles (SILVEIRA, 2017). De acordo com a mesma, o circuito superior marginal é “altamente vulnerável às transformações na divisão territorial do trabalho hegemônica” (SILVEIRA, 2017, p. 74).

Há um movimento de transição permanente na sua natureza emergente e residual e são as multiplicações contemporâneas de pequenas empresas orientadas a partir da técnica, informação, normas, transportes, entre outros, que dá existência ao circuito superior marginal (SILVEIRA, 2017). Para a autora:

Tratar-se-ia de atividades confiadas a firmas de capitais mais reduzidos, cuja interlocução com a técnica e a organização do circuito superior é a condição mesma de sua existência. Não obstante, seus lucros são modestos em função do poder que os atores hegemônicos detêm para impor as condições e o valor do trabalho aos demais agentes (SILVEIRA, 2017, p. 74).

Vale ressaltar que isso não significa que não haja presença do circuito superior puro nas cidades médias, estes tendem a se apresentarem em quaisquer espaços que tenham expressivo

consumo popular, consumo este facilitado pelo crédito antes negado as classes menos abastadas (SILVEIRA, 2017).

Além da autora, há outros pesquisadores que se dedicam à interpretação da realidade auxiliada pela teoria dos circuitos da economia urbana em diferentes aspectos, como Antipon (2017; 2018) que pesquisa os circuitos a partir do ramo de alimentação, dando ênfase ao circuito inferior; Souza e Santos (2014), revisando os circuitos a partir de reflexões teóricas sobre a pobreza; Rossano Silva (2012) e Ribeiro (2019), pesquisando os circuitos a partir dos camelôs. Além desses, Cataia e Cristina Silva (2013), Tavares (2014), Araújo (2015), Montenegro (2012) e Postali-Santana (2017) se dedicam a atualização dos circuitos nos seus aspectos gerais.

O circuito inferior, em essência revela a pobreza urbana, desenvolvido a partir de indivíduos que cotidianamente resistem por meio do trabalho e não da acumulação de capital para a obtenção mínima de dinheiro que assegurem suas necessidades básicas a partir dos mercados não hegemônicos, a qual “o circuito inferior da economia urbana é a expressão geográfica do mercado socialmente necessário” (ANTIPON e CATAIA, 2018, p. 59).

A expressão “mercado socialmente necessário” é usada pois, é este mercado que garante a organização de atividades de comércios e serviços advindo do que Santos (1994) chama de homens lentos⁸ e Zaoaul (2006) de *homo situs*⁹, indivíduos que estão fora da velocidade da modernização, da tecnologia contemporânea e que desenvolvem uma economia espontânea relacionada a realidade do seu espaço vivido, ou seja, a economia do cotidiano (RIBEIRO, 2005; ANTIPON e CATAIA, 2018).

O circuito inferior é facilmente mutável, adaptável e muitas vezes despercebido pelas estatísticas oficiais, todavia, revela qualitativamente a realidade econômica e cotidiana de formas alternativas de sobrevivência dos cidadãos menos abastados da cidade (CATAIA e SILVA, 2013).

Esse circuito tem apresentado novos conteúdos devido à incorporação de novas tecnologias e o aumento de implementação do crédito para as populações mais pobres que

⁸ Para Santos (1994; 2006) existem no mundo os atores hegemônicos da economia, política, da cultura e da sociedade (não seriam esses agentes a representação do circuito superior da economia?), enquanto há, por outro lado, agentes hegemônicos por este primeiro grupo, são esses agentes hegemônicos os homens lentos, homens pobres comuns do cotidiano, estes, resistem e/ou não são incluídos de forma direta às velocidades externas da globalização e modernidade.

⁹ De acordo com Zaoaul (2006) os *homo situs* são indivíduos que resistem aos valores difundidos pelo neoliberalismo desenvolvendo seu próprio comportamento de acordo com a racionalidade do seu lugar, de forma singular, e não de modelo padrão de lógica econômica de normas e valores que o neoliberalismo tenta implantar, construindo seus próprios modos de sobrevivência que garantem uma pluralidade de formas econômicas alternativas. Para o autor, são os *homo situs* que explicam a grande variedade de atividades econômicas locais.

coexistem nele juntamente com as práticas tradicionais, fazendo dispor, no mesmo estabelecimento, a “maquininha de cartão” e a venda pelo fiado¹⁰ (CATAIA e SILVA, 2013).

Para Tavares (2014), no mundo contemporâneo prevalecem questões como o desemprego estrutural, a terceirização, a flexibilização, a precarização e a subcontratação, e é a massa de trabalhadores afetados por esta realidade que procura o circuito inferior enquanto abrigo e meio de existência.

Numa análise a respeito dos fixos e fluxos dos dois circuitos da economia urbana, Barbosa (2014) relata que enquanto no circuito superior os seus fixos são mais modernos e muitas das vezes símbolos de poder e status, legitimando cada vez mais as desigualdades sociais, no circuito inferior os fixos refletem o descaso do Estado para com a população e revelam meios alternativos de subsistência da classe trabalhadora.

Para Postali-Santana (2017), a teoria dos circuitos da economia urbana enriquece a compreensão do espaço geográfico enquanto território usado por atores de diferentes forças. São esses diversos atores que ajudam e enriquecem a dinâmica econômica urbana dos cidadãos independente de sua classe social.

As diferenças entre os circuitos é o resultado de duas coisas: a modernização capitalista e desigualdade da distribuição de renda (SILVEIRA, 2015). Apesar das distinções os circuitos mantêm relações um com o outro, pois estes estão não apenas subordinados as mesmas leis do sistema econômico urbano.

É devido fazerem parte do mesmo sistema econômico que não há dualismo entre os circuitos, mas, muitas das vezes, uma dependência, complementaridade e até mesmo concorrência (SILVA e CATAIA, 2013). Essas relações se dão no que Silveira (2015) chamou de relações de níveis horizontais e verticais.

As relações horizontais dizem respeito às ligações dentre os próprios circuitos, como a compra de um vendedor a outro, do circuito inferior, de um produto ou uma contratação de pequenos serviços dentro do próprio bairro ou cidade. No circuito superior essas relações podem ser a partir de feitas como parcerias de empresas ou contratações de agências para serviços como publicidade e propaganda.

¹⁰ O fiado, muito comum no circuito inferior da economia, é uma prática de compra e venda baseada a partir da confiança mútua. A venda ocorre quando há base de confiança tanto entre quem vende, que tem segurança na palavra do comprador de que este irá lhe pagar, quanto de quem compra, que convicção de que o vendedor não irá aumentar o preço de sua conta.

As relações em níveis verticais são de um circuito para outro, sendo esta a prova da existência de conexão entre eles. Estas partem de dinâmicas como a venda de produtos do circuito superior por pequenos vendedores, como ambulantes e microempreendedores do circuito inferior, assim como adquirentes de crédito desses pequenos vendedores vindo de origem do circuito superior.

Nas atividades que envolvem comércio e serviço de alimentos, pode-se perceber essas relações quando, por exemplo, os estabelecimentos do circuito inferior são abastecidos por grandes redes de distribuição de atacados ou varejo. Todavia, há também nesse mesmo setor uma quantidade expressiva de abastecimento a partir de pequenos produtores caseiros, de redes domésticas (ANTIPON, 2018), conectando ambas as relações horizontais e verticais em um mesmo estabelecimento.

Para Souza e Santos (2014), apesar dos circuitos terem surgidos para atender demandas diferentes da sociedade é perceptível a introdução de uma população pobre no circuito superior através dos apelos ao consumo, mesmo não sendo este o seu público-alvo, nem o mais frequente. Isso ocorre pois “nos últimos anos as instituições financeiras têm enxergado a população de baixa renda como clientes potenciais, disponibilizando cartões de crédito e débito à classe trabalhadora” (POSTALI-SANTANA, 2017, p. 63). Para Silveira (2008):

A complexa organização financeira do circuito superior, apoiada nos atuais sistemas técnicos e na propaganda, permite a expansão social e territorial dos seus mercados, evitando capacidades ociosas e invadindo os mercados tradicionalmente pertencentes ao circuito inferior. (SILVEIRA, 2008, p. 65).

Além dessa nova dinâmica do adentramento das classes populares no consumo do circuito superior, há também diferenças no que diz respeito à dinâmica de organização da publicidade no circuito inferior. Para Santos (2018), a presença desta característica era praticamente nula quando da produção da teoria dos circuitos da economia urbana. Hoje se percebe que o circuito inferior vem crescentemente (re)utilizando técnicas como anúncios de rádios e jornais locais, carros com alto-falantes ou o uso das redes sociais para divulgações em internet (POSTALI-SANTANA, 2017; J. SANTOS, 2017).

Neste trabalho os circuitos da economia urbana serão estudados a partir do comércio de alimentos. Esta delimitação contribui para a compreensão de fatores econômicos na cidade tais como os diversos comércios e serviços do setor com diferentes níveis de capital, técnica e organização que desenvolve oportunidade tanto para os agentes hegemônicos quanto para a

adaptação dos pobres inserir-se tanto no mercado de venda quanto no mercado de consumo. Na próxima subseção será debatido como esses comércios são significativos para a compreensão espacial da reprodução econômica urbana.

3.2 O comércio e serviços em Mossoró (RN)

Neste subcapítulo será apresentado o desenvolvimento de Mossoró a partir das atividades do comércio e serviços da cidade, como esta se configura enquanto influência regional a partir do setor terciário e a importância do segmento de alimentação para a economia local.

3.2.1 Desenvolvimento do comércio de Mossoró

Semelhante a outras localidades do interior do Nordeste, Mossoró começou a ser ocupada por pessoas que trabalham no setor da economia pecuarista. Em 1772 foi-se edificada a capela Santa Luzia onde na época era a fazenda de gado do Sargento Mór Antônio de Souza Machado (FELIPE, 2001).

A cidade ganhou notoriedade regional somente a partir do assoreamento do rio Jaguaribe, em 1857 que, prejudicando o fluxo do comércio em Aracati (CE), fez com que os comerciantes migrassem para a localidade propícia mais próxima, a Vila Mossoró, que apresentava o Porto Franco.

De acordo com Pinheiro (2007, p. 64) “Com o assoreamento, os comerciantes que utilizavam esse porto para escoamento de suas mercadorias, estavam impedidos de exercer suas atividades. E a Vila de Mossoró tem sua chance de atrair esses comerciantes”.

Com a migração do comércio de Aracati, Mossoró ganhou outra dinâmica. Chegam negociantes, há circulação de riquezas e embarcações passam com seus produtos como couro, queijo, farinha, arroz e milho no porto de Mossoró.

Mossoró passou a ser reconhecida como empório comercial atraindo negociantes vindos de outros estados como Ceará e Paraíba, além de comerciantes europeus. Neste período a cidade já não dependia unicamente do ciclo do gado. A circunstância em que se encontrava fez com que surgissem novos capitais, novos comércios de produtos e até mesmo uma praça comercial com produtos como algodão, sal, carne seca, cera de carnaúba, couros e resina de angico (FELIPE, 2001).

Todavia, fatores como a construção tardia da estrada de ferro, o fortalecimento do comércio de Campina Grande, na Paraíba, e de Baturité, Crato e Jaguaribe, no Ceará, causaram a perda de Mossoró de sua influência de empório comercial, estagnando a dinâmica nas primeiras décadas do século XX.

Para Couto (2011) a decadência que a cidade se deparou enquanto entreposto comercial na época fez com que os negociantes locais se consolidassem com estabelecimentos de firmas regionais envolvidas com produtos locais de exportação como sal, açúcar, algodão e cera de carnaúba. Seria essa nova dinâmica um indício do que a cidade iria se transformar, uma produtora de matérias-primas em beneficiamento das localidades industrializadas no país.

Desse modo, houve a reinvenção de sua dinâmica econômica tendo como partida impulsionadora as políticas governamentais de desenvolvimento da Era Vargas e tornando-se um centro repassador de matérias-primas para as indústrias do Centro-Sul do país (ROCHA, 2005; COUTO, 2011).

De acordo com Felipe (2001) esse novo contexto de cidade que tem como função repassar matérias-primas para o Centro-Sul do país a partir da especialização industrial marcou o fim do empório comercial mossoroense, que se caracterizava na divisão internacional do trabalho e inserindo-a numa divisão interregional do trabalho.

Nesta mesma época ocorreu a modernização dos setores produtivos tradicionais que refletiram no setor terciário da economia. O desenvolvimento dessas atividades atraiu para a cidade investidores, trabalhadores especializados e não especializados, assim como surgiram na cidade diversos comércios, lojas, farmácias, hotéis, pousadas e escritórios (ROCHA, 2005; PINHEIRO, 2007).

Entre o final da década de 1950 e início de 1960 as atividades agroindustriais começaram a dar indícios de crise devido fatores como a dificuldade dos produtores agrícolas em adquirir crédito para obtenção de novos equipamentos assim como períodos de estiagens que prejudicavam a produção de matérias-primas. Ao mesmo tempo ocorreu na indústria salineira um processo de mecanização na sua produção, acarretando ao desemprego de vários funcionários (COUTO, 2011; SILVA, 2012; BESERRA, 2017). Para Rocha (2005, p. 73):

Relativamente à geração de empregos, as empresas modernas, ao utilizarem tecnologias avançadas no seu processo produtivo, não absorveram o contingente de mão-de-obra não qualificada, disponível na região. Ao contrário da atividade salineira praticada antes da mecanização, para a qual exigia-se um nível educacional formal

praticamente nulo, na empresa mecanizada, o próprio uso dos maquinários exigia um mínimo de conhecimento.

Devido ao desemprego gerado foi-se necessário reorganizar a economia local como forma de absorção dessa população, com isso, as atividades terciárias foram reforçadas a partir do crescimento de atividades do comércio e serviços públicos e privados (COUTO, 2011; BESERRA, 2017).

De acordo Couto (2011), de todas as tentativas para absorção dessa população de desempregados a que mais se beneficiou foi a da construção civil, com isso houve na cidade de Mossoró construções de conjuntos habitacionais e prédios públicos como Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), atual Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), atual Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

O comércio e serviços também se caracterizaram enquanto importantes atividades que abarcaram esses trabalhadores desempregados, muitos buscaram trabalhos formais ou informais nessas áreas como forma de sobrevivência financeira única ou de complemento de renda (COUTO, 2011).

Com as novas construções e expansão da cidade, Mossoró teve uma aceleração no seu ritmo econômico. Outros fatores que impulsionaram essa aceleração foi a instalação do escritório da Empresa Petróleo Brasileiro S.A. em 1975, que atraiu prestadoras de serviços do setor petrolífero, expandindo o terciário na cidade, além do surgimento da produção de frutas tropicais no município que se iniciou por volta da década de 1980

Para Santos (2010), no início dos anos 1980 houve uma intensificação do setor terciário na cidade, advindo da expansão e geração de empregos do início extração de petróleo, a demasia de trabalhadores que ficaram desempregados devido a modernização das demais atividades produtivas, buscando outras áreas como prestações de serviços e casas comerciais.

Segundo Couto (2011), o final do século XX e início do XXI foram marcados pelo avanço do meio técnico-científico e informacional, através das modernizações dos transportes e comunicações, intensificando a circulação de capital e favorecendo a consolidação de centros urbanos não metropolitanos, a qual Mossoró se inclui, a qual:

A difusão do meio técnico-científico-informacional na cidade promoveu a ampliação da sua estrutura urbana e regional e o crescimento das suas atividades econômicas, particularmente do comércio. Este experimento da expansão das suas atividades, cada vez mais especializadas, principalmente com o aumento do consumo de bens e

serviços modernos, à instalação de novos fixos associados às formas modernas de distribuição de mercadorias, como os supermercados e o *shopping center* e o estabelecimento de novos fluxos urbanos e regionais (COUTO, 2011, p. 83).

De acordo com Elias e Pequeno (2018), estas atividades produtivas modernas que até hoje são à base da economia mossoroense se baseiam em velhas formas de apropriação da natureza que transforma fatores naturais em mercadorias: 1) o sal, recurso natural advindo do mar; 2) Gás e petróleo, advindo de fontes de energias minerais extraídos da terra; 3) frutas tropicais a partir da terra agrícola.

Para os autores essas características demonstram que boa parte da economia da cidade e de sua região de influência está ligada na apropriação privada de recursos naturais e na sua transformação em mercadoria, desencadeando em rendas absolutas e diferenciadas, além de monopólios por parte das empresas atuantes.

A respeito da região de influência, outra característica destacada é que, apesar de grande parte da produção dessas atividades serem feitas em territórios de cidades vizinhas (como fazendas nas próprias zonas rurais, ou zonas rurais das cidades de Baraúna, Serra do Mel, Areia Branca, Apodi, Açú Ipanguaçu, entre outras), é no espaço urbano de Mossoró que passam os circuitos locais e regionais de produção das atividades (ELIAS E PEQUENO, 2018). Soma-se a esse outro fato, o de ser o espaço urbano de Mossoró que reúne um conjunto de comércio e de serviços especializados para atender o consumo produtivo das atividades (SANTOS, 2010).

A seguir será analisado como a cidade de Mossoró vem se configurando no século XXI para compreensão atual da cidade e a configuração dos circuitos da economia urbana.

3.3 As atividades terciárias em Mossoró no século XXI

Como visto, Mossoró adentrou o século XXI como uma cidade que vem se construindo desde décadas passadas como ponto de influência regional e que validou isso a partir de impulsionamentos de setores como o terciário, consequência das atividades e empregos no comércio e serviços (SILVA, 2017). Dados do Quadro 12 demonstram a importância dessas atividades para com a empregabilidade do município.

Quadro 12 - Empregos ativos em Mossoró por grandes setores do IBGE

Setor↓	Ano→	2005	2010	2015	2019
Indústria		8.956	11.983	10.348	8.903
Construção Civil		2.503	5.741	5.269	5.690
Comércio		9.404	14.551	15.196	15.061
Serviços		14.175	22.378	29.032	27.984
Agropecuária		4.838	2.695	4.644	4.040

Fonte: Ministério da Economia (2022)

Observa-se que os setores de Comércio e Serviços estão entre os que mais dão empregabilidade na cidade, sendo em 2019 as atividades de comércio responsáveis por 24,4% dos empregos ativos em Mossoró e as atividades de serviços por 45,7%.

Para Couto (2010), Mossoró demonstra até os dias atuais ser um centro comercial e de serviços. Essa centralidade se daria a partir das alterações dos modos de realizações do setor terciário, com o surgimento de novas atividades e instalações de novos equipamentos comerciais, além da chegada de novos hábitos de consumo.

Elias e Pequeno (2018) ainda descrevem que o comércio e serviços desempenham uma importante atribuição tanto no processo de expansão econômica de Mossoró quanto da estrutura urbana, a qual o setor terciário serve como guia de análise dos fluxos das pessoas, de matérias-primas e de mercadorias da cidade.

Os autores pontuam que o crescimento da população, a revolução do consumo através do consumo de massa, conjuntamente às atividades produtivas, propiciou o surgimento do comércio e serviços especializados que até décadas passadas eram restritos às principais metrópoles do país.

Ao específico do ramo de alimentação podem ser citados às redes de franquias nacionais e internacionais como McDonald's, Cacau Show, Bebelu, Mestre-Cervejeiro.com, entre outros, além de super e hipermercados, vestuário, perfumarias e cosméticos, eletrodomésticos, serviços de ensino e saúde privados, hotelaria, entre outros.

Baseando-se em Lipovetsky (2014) pode-se ter uma compreensão desse fenômeno como sendo um fenômeno não do próprio capitalismo, que criou uma cultura da mitologia da felicidade, que é alcançada, pelo consumo ao bem-estar material e prazeres imediatos, e esse mito do bem-estar da felicidade pelo consumo alcança as classes populares dominadas pelo sentimento de inclusão e estilo de vida homogêneo.

Além dos comércios e serviços citados, vale destacar também a concentração de muitos dos escritórios das empresas de salineiras e fruticultura irrigada, além de serviços voltados para essas produções na cidade. São essas, entre outras características que validam Mossoró enquanto cidade média que exerce influência na hierarquia urbana do Rio Grande do Norte.

3.3.1 Mossoró e sua Influência Regional

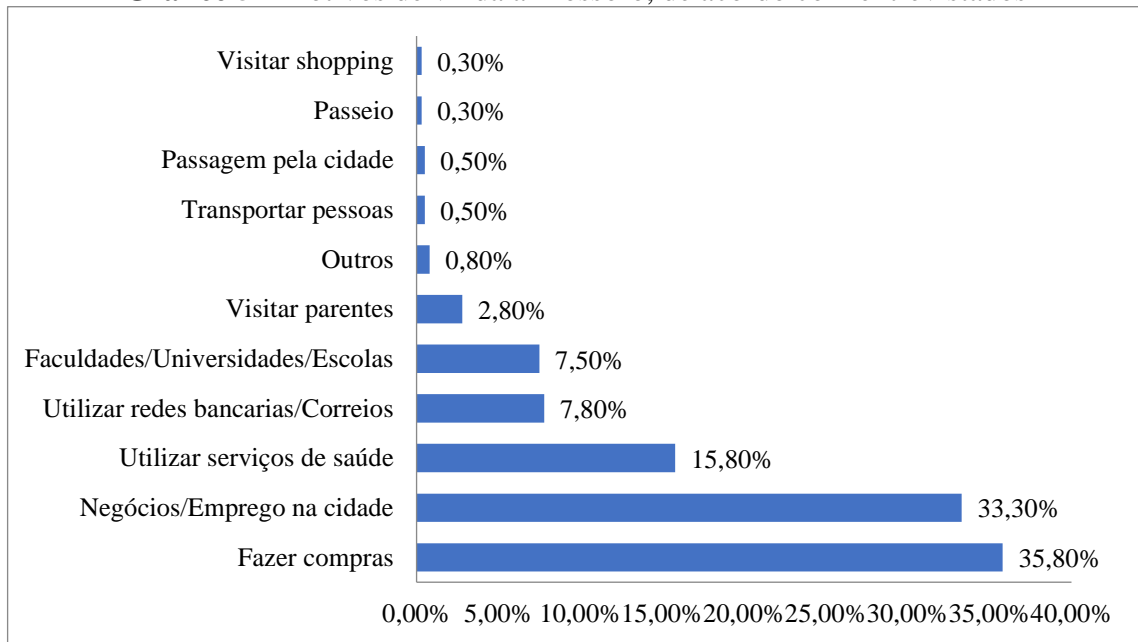
As cidades médias, como Mossoró, devem ser compreendidas do ponto de vista geográfico além da classificação quantitativa populacional do IBGE. Com isso:

[...] podemos caracterizar as cidades médias, afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades (SPOSITO, 2001, p. 635)

Para Amorim Filho e Serra (2011), a população por si só não explica a dinâmica em torno das cidades médias, estas devem ser analisadas a partir de tais atributos: a) interações constantes com seu espaço regional subordinado e aglomerações superiores; b) tamanho demográfico e funcional suficiente para desempenhar o papel de centro de crescimento regional; c) capacidade de receber e fixar migrantes servindo como pontos de interrupção do movimento migratório na direção de grandes cidades; d) e diferenciação do espaço intraurbano, com centro funcional e uma periferia dinâmica.

Tais características são encontradas na cidade, a interação constante entre Mossoró e suas cidades vizinhas é perceptível a partir da classificação da Regiões de Influência das Cidades (REGIC, 2018) e dados da FECOMERCIO (2015) que demonstram uma articulação da população das localidades vizinhas para com o comércio e serviços da cidade pois estas não apresentam uma variedade de empresas comerciais, de saúde e/ou de educação (SILVA, 2017).

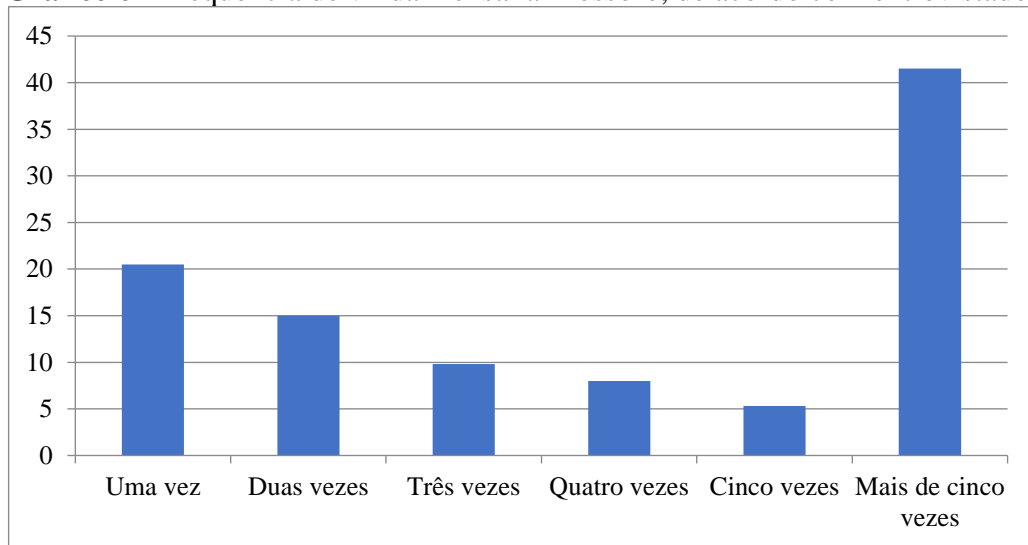
São vários os motivos que fazem a população de outras cidades buscarem Mossoró. Alguns exemplos são demonstrados no Gráfico 5, elaborado a partir de pesquisa de coleta de dados da FECOMERCIO (2015), em estudo sobre a população flutuante de Mossoró com o objetivo de traçar o perfil de consumo de atividades comerciais e de serviços.

Gráfico 5 - Motivos de vinda a Mossoró, de acordo com entrevistados

Fonte: FECOMERCIO/RN (2015).

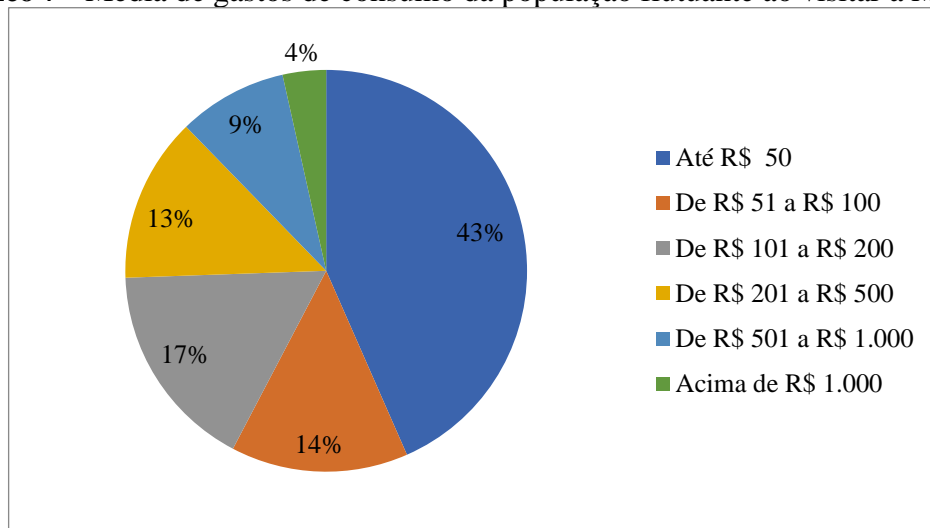
Nota-se, a partir do Gráfico 5, que são diversos os motivos de vinda à Mossoró, embora os principais sejam dois: 1) Comércio e serviços; 2) Emprego e/ou renda. Poucos são os motivos que não giram em torno dessas temáticas, como a visita a parentes. Todavia, mesmo não sendo diretamente voltados para algo que gere renda na cidade isso não significa que, de forma indireta, esses indivíduos não contribuam para a economia local pois, mesmo ao visitar parentes, fazem compras, pagam passagem (ou abastecem seus veículos), etc.

Esse fluxo de pessoas para Mossoró faz com que o lugar se apresente como um “nó” central na sua região (SILVA, 2017). Há uma população flutuante presente na cidade, como demonstra o Gráfico 6, no que diz respeito a frequência da vinda do entrevistado a localidade.

Gráfico 6 - Frequência de vinda mensal a Mossoró, de acordo com entrevistados

Fonte: FECOMERCIO, 2015

A importância dessa população flutuante vai além da legitimação de Mossoró enquanto influência, pois diz respeito também a uma importância de giro de capital que essa população gera, essas pessoas vêm para a cidade para consumir o que ela oferta, como mostrado no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Média de gastos de consumo da população flutuante ao visitar a Mossoró

Fonte: FECOMERCIO, 2015

Observa-se que essa população flutuante não consome grande quantia de dinheiro 47% consomem menos de R\$ 50,00 (o que representava 6,3% de um salário mínimo no ano da pesquisa). Apesar dessa quantia apresentada, a população flutuante é intensamente presente.

Como demonstrado no Gráfico 6, mais da metade vão, pelo menos, cinco vezes ao mês ou mais à cidade fazendo com que seja realizado um significativo impacto de giro econômico devido sua mobilidade regular e intensa (SILVA, 2017).

A cidade também se caracteriza como uma área polarizadora da economia pobre, apresentando dinâmicas de serviços e comércios que atraem populações por mobilidade permanentes ou pendulares de baixo poder aquisitivo das cidades vizinhas para consumir o que não há no seu local de origem (SILVEIRA, 2010; TAVARES, 2017).

Vale ressaltar que Mossoró se destaca não apenas enquanto localidade importante de influência para a população flutuante que busca a cidade apenas para consumir, mas também chama a atenção de imigrantes que a procuram como localidade de oportunidades de melhoria de vida (SILVA, 2012).

Como visto, a influência de Mossoró é uma realidade espacial, advinda de um processo histórico e construída conjuntamente com as atividades do setor terciário, sendo acentuada de acordo com a oferta de bens e serviços como um dos principais fatores para elevação de uma cidade na hierarquia urbana (SOUZA, 2013).

Para Couto (2018, p. 108) isto ocorre pois “a implantação de novas estruturas comerciais na cidade de Mossoró intensificou e complexificou as interações espaciais em múltiplas escalas, redefinindo a estruturação da cidade e a centralidade urbana”.

É levando em consideração a importância do comércio para o desenvolvimento da economia urbana que este trabalho irá discutir as relações entre ambos e em mais e específico em Mossoró. O próximo capítulo irá detalhar a metodologia utilizada para tal estudo, especificando os recortes geográficos e temporais além de justificar as bases de classificações para a pesquisa.

4 OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA DO RAMO DE ALIMENTAÇÃO EM MOSSORÓ

Neste capítulo serão apresentados e justificados os recortes metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, a partir das escolhas dos tipos de estabelecimentos, dos espaços de pesquisa de campo e período temporal de análise.

Após a explanação metodológica serão apresentadas as falas obtidas a partir da pesquisa de campo com os agentes da economia urbana do ramo de alimentação, que aqui foram identificados como sendo: Agentes sindicais; Agentes públicos; Agentes empregadores e Agentes empregados. Esses agentes foram aqui entendidos e tratados como:

1. **Agentes sindicais:** Aqueles que fortalecem o coletivo de empregadores através da luta pela garantia dos direitos trabalhistas, além do combate à ausência desses direitos.
2. **Agentes públicos:** Aqueles que atuam no desenvolvimento de políticas públicas, ações e planos para os desdobramentos da economia local.
3. **Agentes empregadores:** Indivíduos proprietários dos estabelecimentos que precisam contratar mão de obra de algum outro sujeito para o desempenho do seu estabelecimento.
4. **Agentes empregados:** Indivíduos remunerados pela venda de sua mão de obra.

O capítulo está dividido em três partes, sendo a primeira composta pela explicação da metodologia de pesquisa, a segunda pelas entrevistas ao agente sindical, na figura do presidente Gilmar Moreira de Oliveira, do Sindicato dos Empregados do comércio Hoteleiro de Mossoró e região, representante formal dos trabalhadores de restaurantes, bares e lanchonetes na cidade e a entrevista com o agente público, o secretário Franklin Alves Filgueira da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo da Prefeitura Municipal de Mossoró, demonstrando a visão e ações perante a crise, pandemia e relação com os trabalhadores do ponto de vista dos seus representantes e do poder público.

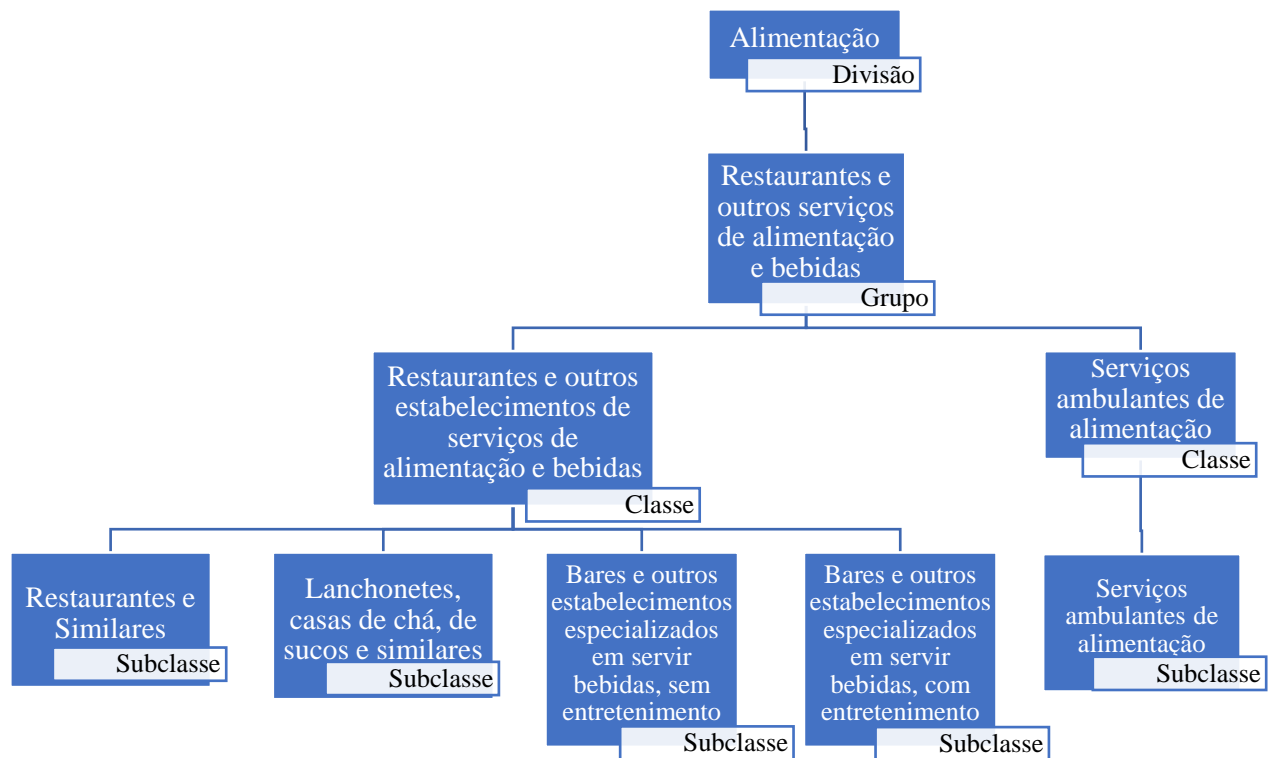
Na terceira parte serão apresentados resultados da pesquisa de campo e dos questionários aplicados com os agentes empregados e empregadores dos estabelecimentos de alimentação dos bairros Dom Jaime Câmara, Alto de São Manoel, Ilha de Santa Luzia, Centro,

Doze Anos e Nova Betânia a partir das avenidas Presidente Dutra e João da Escóssia. Este segundo momento se faz importante para compreensão das adaptações que as pessoas envolvidas no comércio e serviço de alimentação tiveram na crise econômica e pandemia.

4.1 Classificações metodológicas de pesquisa

A seleção dos estabelecimentos foi determinada de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE, 2020). A Figura 1 apresenta a delimitação a partir dos grupos e subgrupos da CNAE 2.3:

Figura 5 - Atividades, por grupo, classes e subclasses, selecionadas para investigação a partir da CNAE 2.3



Fonte: CNAE 2.3 (2020).

A partir da Figura 1 compreende-se quais as atividades delimitadas para pesquisa no trabalho. O Quadro 13 especifica, em detalhes, as características de cada subclasse de acordo com as notas explicativas da CNAE 2.3.

Quadro 13 - Características das subclasses de acordo com a CNAE 2.3

Subclasse	Característica
Restaurante e similares	-As atividades de vender e servir comida preparada, com ou sem bebidas alcoólicas ao público em geral, com serviço completo; -Os restaurantes self-service ou de comida, a quilo; -As atividades de restaurante e bares em embarcações explorados por terceiros.
Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	-O serviço de alimentação para consumo no local, com venda ou não de bebidas, em estabelecimentos que não oferecem serviço completo, tais como: •Lanchonetes, fast-food, pastelarias, casas de chá, casas de suco e similares; •Sorveterias com consumo no local, de fabricação própria ou não.
Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento	-As atividades de servir bebidas alcoólicas, sem entretenimento, ao público em geral, com serviço completo.
Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento	-As atividades de servir bebidas alcoólicas, com entretenimento (música ao vivo ou não, apresentação, utilização de equipamentos sonoros, ainda que de forma eventual ou periódica), ao público em geral, com serviço completo.
Serviços ambulantes de alimentação	-O serviço de alimentação de comida preparada, para o público em geral, em locais abertos, permanentes ou não, tais como trailers, carrocinhas e outros tipos de ambulantes de alimentação preparada para consumo imediato. -A venda de alimentos preparados em máquinas de serviços automáticas.

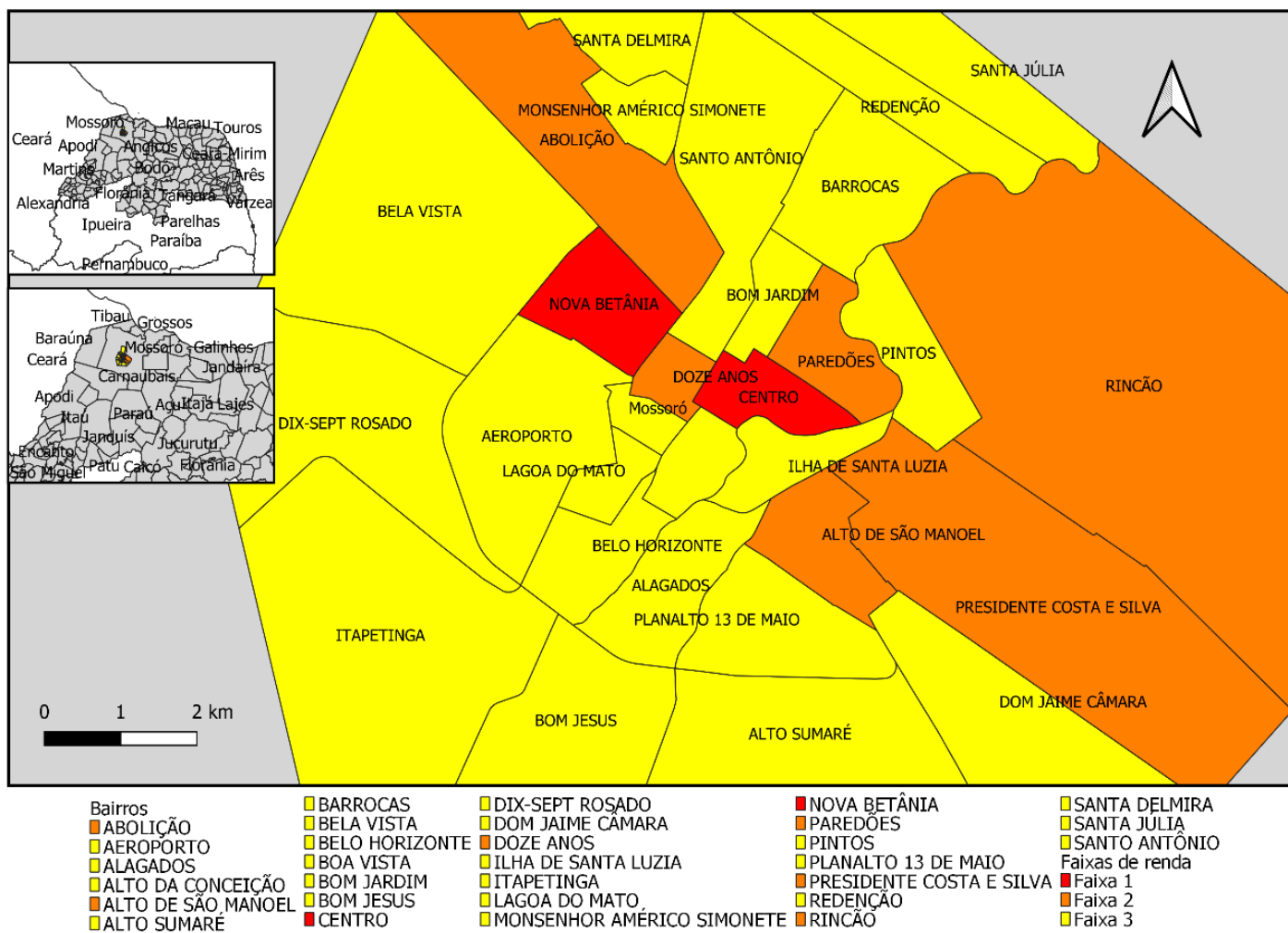
Fonte: CNAE 2.3 (2020).

A escolha de tais estabelecimentos para o estudo foi necessária devido sua heterogeneidade e a possibilidade de abarcar atividades de ambos os circuitos da economia urbana com objetivos, formas de venda, produtos e públicos-alvo diferentes. Em virtude do grande número de estabelecimentos, bem como das limitações impostas pelo tempo e pela ausência de recursos para a execução da pesquisa, associado a esse recorte, foram realizados dois outros, a saber, o recorte espacial e o recorte temporal.

No que diz respeito ao recorte espacial, este teve como ponto de partida a compreensão de que espaço é desigualmente valorizado pelo capital (HARVEY, 2006). Essa valorização desigual do espaço faz com que os agentes hegemônicos produzam, se apropriem e reproduzam espaços mais modernos, acarretando com que os capitais e investimentos sejam direcionados para um número limitado de áreas (SILVEIRA, 2013), concentrando determinados tipos de serviços e comércios em áreas privilegiadas.

Essa realidade não se faz diferente em Mossoró. O último censo demográfico, em 2010, apontou a diferenciação, por bairros, da renda média da população residente, sendo possível dividi-los, em três faixas, como demonstrado na Figura 2.

Figura 6- Bairros de Mossoró por faixa de renda média de população acima de 10 anos de idade



Fonte: IBGE, Censo 2010. Elaboração: Sousa, 2021

A diferenciação dos bairros, de acordo com as três faixas de renda, a partir do quantitativo de renda por salários mínimos, foi disposta do seguinte modo:

A Faixa 1 composta pelos dois bairros cujos residentes apresentaram as maiores rendas médias na cidade, entre 4 e 6 salários mínimos (R\$ 2.040,00 a R\$ 3.060,00), representando, respectivamente os bairros Centro, com renda média de R\$ 2.378,62 e o bairro Nova Betânia¹¹, com R\$ 2.648,23.

A Faixa 2, abarcando os bairros Presidente Costa e Silva, Doze Anos, Rincão, Abolição, Alto de São Manoel e Paredões, são aqueles nos quais seus residentes possuem renda média definida entre 2 e 4 salários mínimos (R\$ 1.020,00 a R\$ 2.040,00).

Por fim, a Faixa 3 sendo composta pelos bairros com residentes de menores renda, entre 1 e 2 salários mínimos (R\$ 510,00 a R\$ 1.020,00R\$), compreendendo os seguintes bairros Ilha de Santa Luzia, Santo Antônio, Boa Vista, Planalto 13 de Maio, Alto do Sumaré, Santa Delmira, Bom Jardim, Pintos, Dix-Sept Rosado, Aeroporto, Alagados, Belo Horizonte, Dom Jaime, Redenção, Lagoa do Mato, Bom Jesus, Barrocas, Itapetinga.

Essa diferença de rendas médias por residentes nos bairros faz surgir nichos de consumidores distintos. Essas desigualdades pecuniárias, associadas a um conjunto de outras manifestações espaciais, a exemplo da tipologia de empreendimentos imobiliários, da infraestrutura urbana, da renda do solo urbano em Mossoró (BESERRA, 2017), acarreta em atividades do comércio e serviços distintos em tecnologia, capital e organização (SANTOS, 2018).

Os estabelecimentos se instalam em locais estratégicos, propícios para a realização da venda e obtenção de lucros, porém de formas diferentes, enquanto, por um lado, o circuito superior detém o poder de escolha de privatização, do ponto de vista legalizado, das mais valorizadas áreas do território usado, o circuito inferior recorre, muitas das vezes, a instalações informais como trailers, barracas e tendas.

Esses tipos de estabelecimentos alimentícios levam em consideração o fator da localidade de instalação, que se faz de forma estratégica pois “estes são localizados

¹¹ Destaca-se aqui que, o bairro Bela Vista, criado pela Lei Municipal nº 2.774 de 04 de novembro de 2011, será estudado como parte do bairro Nova Betânia devido tratamentos políticos, econômicos e culturais que ainda incluem o bairro Bela Vista como uma continuidade do bairro Nova Betânia, tanto em condições de marketing, quanto em catalogação e divulgação de dados oficiais, endereços, reconhecimento da população, além do recorte de classificação dos bairros foi realizado num período temporal em que os bairros estavam interligados.

segundo a lei da oferta e da procura, que regula também os preços a cobrar [...] obedecem, como é natural, à lei do próprio mercado” (SANTOS, 2011, p. 194)¹².

De acordo com Porto-Sales (2014) os estabelecimentos de venda priorizam, para suas instalações, pautas como segurança, boa vizinhança, acessibilidade, aproximação com o seu mercado consumidor e a visibilidade espacial que o local pode ofertar, de acordo com a autora essas são características que dão qualidade do ponto de venda e propiciam uma maior lucratividade.

Levando em consideração as diferenças expostas, os bairros escolhidos para estudo foram: Nova Betânia, Centro, Alto de São Manoel, Doze Anos, Ilha de Santa Luzia e Dom Jaime Câmara. Suas escolhas ocorreram pelos seguintes motivos:

1) São seis bairros com diferentes realidades no que diz respeito aos tipos de comércios e serviços prestados e à renda média da população residente que se caracteriza enquanto mercado de consumo em curto alcance;

2) Com os seis bairros, há representatividade de dois em cada faixa de categoria de renda média na cidade, apresentadas na Figura 02, tornando a pesquisa uma análise de compreensão dos circuitos em cada faixa;

3) Os bairros são interligados pelas avenidas Presidente Dutra e João da Escóssia, importantes artérias da cidade devido o fluxo de pessoas, transportes, quantidade de estabelecimentos, entre outros.

O recorte temporal estabelecido para pesquisa foi o período compreendido entre 2005 e 2020. Este foi-se estabelecido levando em consideração: 1) a geografia ser uma ciência do presente e, desse modo, é a sua face contemporânea que precisa ser desvelada e analisada e, 2) nesse período houve uma dinâmica que compreende expansão e retração da economia nacional, refletidos tanto na reestruturação de estabelecimentos, quanto na criação e fechamento de outros e uma dinâmica a ser compreendida na manifestação espacial a partir dos circuitos da economia.

4.2 As áreas de estudo

O recorte geográfico delimitado para o trabalho abarca três áreas com importância comercial da cidade, sendo o bairro Centro, que é interligado às vias Presidente Dutra e

¹² Devido à dificuldade de localização espacial e a falta de campo dificultada pela pandemia, este trabalho objetiva inicialmente analisar apenas agentes sedentários do circuito inferior (SANTOS, 2018), ou seja, aqueles que tenham algum fixo como camelódromos, barracas ou tendas.

João da Escóssia, ambos agregam importantes equipamentos comerciais com estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação que impactam significativamente a economia local.

As avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra e o Bairro Centro são demonstrados na Figura 3.

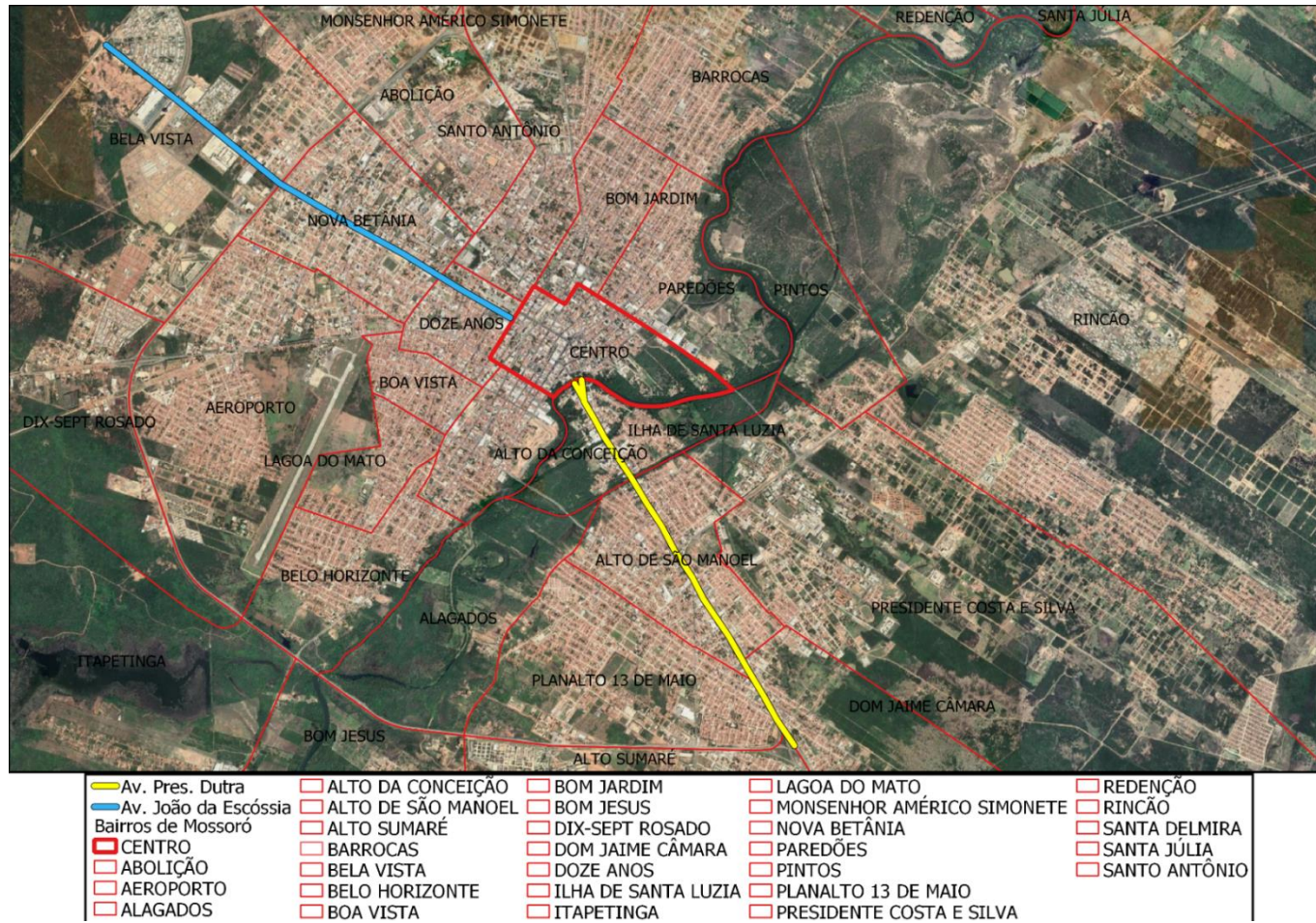
Porto-Sales (2014), em um estudo sobre as redes de franquias de cidades médias da América do Sul, identificou três grupos de áreas centrais, sendo: a) núcleos comerciais; b) vias comerciais e c) equipamentos comerciais. Um centro é caracterizado como local em que a “concentração das pessoas, mercadorias e postos de trabalho lhe atribuem valor, as áreas centrais respondem ao crescimento demográfico, territorial e econômico das cidades” (PORTO-SALES, 2014, p. 168-169).

Para a autora, os núcleos comerciais concentram estabelecimentos de comércios e serviços de diversos setores ao longo de quadras, estes apresentam limites de influência imprecisos, tendo como tipos: o centro principal da cidade, o que contém o maior alcance espacial de influência, concentração de estabelecimentos e maior acessibilidade; os subcentros, que apesar de menor extensão dividem algumas funcionalidades, a partir de estabelecimentos públicos e privados, com o centro principal; e os centros de bairros que detém um alcance espacial limitado a sua vizinhança.

As vias comerciais são distintas dos núcleos comerciais inicialmente pela sua disposição morfológica que impulsiona sua capacidade de volume de tráfego, mas não unicamente por isso. Para a autora as vias comerciais apresentam vantagens locacionais como a visibilidade mais ampla, devido serem a partir das vias que há o fluxo da população entre as residências e os centros.

No que diz respeito aos equipamentos comerciais, estes são compreendidos como estabelecimentos para prática de consumos, tais como supermercados, hipermercados, *shoppings*, comelódromos, franquias, entre outros, que se diferenciam pela sua arquitetura, alcance espacial e padrão de consumo. Apesar destes não serem uma área central, expressam uma centralidade enquanto lugares de consumo.

Figura 7 - Localização das Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra, em Mossoró



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Reconhecemos aqui o bairro Centro, enquanto núcleo comercial, interligado às avenidas Presidente Dutra e João da Escóssia, sendo estes os recortes de estudo, importantes vias comerciais não apenas para a dinâmica dos bairros que elas perpassam mas para a cidade como um todo, estas podem ser compreendidas como fixos condutores (BARROS, 2020), que se configuram com duas importantes funções: intermediar os fixos presentes na cidade (comerciais, turísticos, de lazer, etc), e conduzir fluxo aos mesmos.

A Avenida João da Escóssia perpassa pelos bairros Nova Betânia, Doze Anos e Bela Vista, detém presente aos seus arredores estabelecimentos comerciais e de serviços do ramo de alimentação importantes para a economia da cidade como o Tchê Gourmet, Restaurante Busca Pé Budd, Maroca's Burguer e Pizza, restaurante Nordestina e lanchonete Bambinos. As Figuras 4 e 5 apresentam alguns desses estabelecimentos:

Figura 8 – Estabelecimento Tchê Gourmet adjacente a Avenida João da Escóssia



Fonte: Autor, 2020.

Figura 5 – Estabelecimento Bambinos na Avenida João da Escóssia



Fonte: Autor, 2020.

Além disso, há o Partage Shopping Mossoró que conta com estabelecimentos como McDonald's, Burguer King, Pittsburg, Bebelu, Tábua de Carne e Bob's. A Figura 6 demonstra a praça de alimentação do estabelecimento.

Já a Avenida Presidente Dutra percorre os bairros Alto do Sumaré, Dom Jaime, Alto de São Manoel e Ilha de Santa Luzia. Estão presentes na avenida estabelecimentos como Bambinos Burguer, pizzaria FicFrio, restaurante Prato de Ouro, lanchonete O Sebosão, restaurante O Laçador e restaurante Arte da Terra. Em seguida apresenta-se imagens de alguns dos estabelecimentos localizados nessa da avenida.

Figura 6 - Praça de alimentação no Partage Shopping em Mossoró



Fonte: Autor, 2020.

Figura 7 – Estabelecimento Bambinos na Avenida Presidente Dutra



Fonte: Autor, 2021.

Figura 8 – Estabelecimento FicFrio na Avenida Presidente Dutra



Fonte: Autor, 2021.

No que diz respeito ao Bairro Centro, vale ressaltar que este não é cortado diretamente pelas avenidas, todavia sofre influência de ambas pois tanto a Avenida Presidente Dutra quanto a Avenida João da Escóssia vão ao encontro ao bairro.

Vale lembrar que tanto nas avenidas, quanto no bairro Centro, são encontrados, além das atividades de comércio e serviço de alimentos citados, vários estabelecimentos como lanchonetes, bares e espetinhos, além de camelôs e ambulantes, distribuídos em trailers de açaí, guaraná do amazonas, vendedores nas ruas com máquinas de sorvete e *milk-shake*, entre outros, como demonstrado nas Figuras 9 e 10.

Figura 9 - Estabelecimento Fofão Burg na Avenida Presidente Dutra



Fonte: Autor, 2021.

Figura 10 - Serviço ambulante na Avenida Presidente Dutra



Fonte: Autor, 2021.

Para Silveira (2013, p. 65) a cidade se configura enquanto “um grande mercado, formado por diversos circuitos de produção e consumo”, todavia isto não se dá como uma totalidade igualitária. Alguns espaços apresentam mais estabelecimentos que outros, além de possuírem diferenças tipológicas com diversas características. É por este motivo que o recorte geográfico da pesquisa se deu nas avenidas e bairros escolhidos.

São as coexistências dos diversos estabelecimentos nas avenidas e no bairro Centro que configuram essas localidades como áreas centrais de pontos comerciais, de serviços e lazer significativos na cidade, conduzindo fluxos de clientes com diferentes gostos e poderes aquisitivos atraídos pela preferência pela variedade (CRUZ, 2011).

Tornando as avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra e o bairro Centro espaços desejados e propícios para diferentes tipos de atividades do comércio e serviços em que se caracterizem enquanto lugar de consumo e consumo de lugar (LEFEBVRE, 2001). Porto-Sales (2014, p. 61) reforça que:

Assim, enquanto lugares de consumo que se multiplicam na estrutura urbana, as áreas centrais propiciam a ampliação do consumo e, como lugares a serem consumidos, respondem à necessidade de diferenciação espacial esboçada nos padrões arquitetônicos, para distintos padrões de consumidor.

Isto, faz com que sejam localidades importantes para a economia da cidade quanto relevantes para estudo devido seu funcionamento em variados horários, pois, o espaço da economia urbana é dividido, mas ao mesmo tempo, compartilhado (SILVEIRA, 2013).

Como visto, estudar o bairro Centro e as Avenidas se caracteriza enquanto recorte espacial importante na cidade devido não apenas a diversidade de quantidade de estabelecimentos do comércio e serviços, mas também qualitativa no que diz respeito à diversidade, pelo compartilhamento do espaço por estabelecimentos dos circuitos da economia urbana.

4.3 O ramo de alimentação em Mossoró

Como observado, Mossoró exerce uma influência regional sobre as cidades vizinhas, o que faz com que muitos dos investimentos regionais públicos e privados sejam concentrados na cidade, o mesmo ocorre no ramo de alimentação.

O Gráfico 3 demonstrou que 37% das 50 maiores redes de franquias do país são do ramo de alimentação, destas, seis contém filiais em Mossoró, sendo o McDonald's, Cacau Show, Am/Pm, Burguer King Brasil, Br Mania, Chocolates Brasil Cacau e Mundo Verde. O Quadro 14 mostra estas redes de franquias do ramo de alimentação e quais delas detém estabelecimentos em Mossoró.

Quadro 14 – Localização por bairros das redes de franquias de alimentação classificadas entre as 50 maiores redes de franquias do país

Rede de Franquia ↓	Bairro →	Centro	Nova Betânia	Planalto	Aeroporto	Ilha de Sta Luzia	Alto da Conceição	Santo Antônio	Alto do Sumaré	Dix Sept Rosado	Alto de São	Doze Anos	Total
Br Mania		1	2	2	1	1	1	1	1	1	-	-	11
Am/Pm		-	-	1	1	-	-	-	-	-	1	1	4
Cacau Show		1	1	-	-	-	1	-	1	-	-	-	4
McDonald's		1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Chocolates Brasil Cacau		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Mundo Verde		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Total		5	4	3	2	1	2	1	2	1	1	1	23

Fonte: Elaborado por Sousa, 2021.

Estes estabelecimentos se enquadram no circuito superior da economia urbana e, como observado, estes detêm o poder de escolha de onde podem se instalar formalmente se fixando em localidades que lhes são propícias (SILVEIRA, 2013).

É identificado que na cidade de Mossoró não há uma diversidade de redes de franquias, mesmo com o quantitativo de 23 estabelecimentos na cidade 15 destes são de conveniências de postos de gasolina das redes Petrobras e Ipiranga, restando 5 outros estabelecimentos divididos entre Cacau Show, McDonald's, Chocolates Brasil Cacau e Mundo Verde.

Nota-se que os bairros com maiores concentrações são Centro e Nova Betânia, os mesmos onde estão localizadas as maiores rendas médias da cidade, concentrando apenas em dois bairros 40% de todos os estabelecimentos do ramo de alimentação das principais redes de franquias do país na cidade. Vale ressaltar que esta dispersão ocorre devido as conveniências das empresas de postos Petrobrás e Ipiranga.

O número das maiores redes de franquias em Mossoró já foi maior do que os apontados hoje. Encontravam-se instalados na cidade outros estabelecimentos como Burger King e Bob's no Partage Shopping do Nova Betânia, bem como Subway no mesmo shopping além de outros dois estabelecimentos nos bairros Centro e Alto de São Manoel.

Todavia esses estabelecimentos foram fechados nos últimos anos, o que leva a desenvolver alguns questionamentos sobre o ramo de comércio e serviço de alimentação em Mossoró: estaria o circuito superior retirando-se de um mercado em decadência? Ou será que o circuito superior não conseguiu competir com os demais circuitos da economia na cidade? Ou esses demais circuitos se adaptaram a um ponto de substituir à demanda

do circuito superior não lhes dando espaço? Há uma sazonalidade na chegada e na manutenção de determinados estabelecimentos na cidade, relacionados à concorrência com outros de origem local?

Os dados tanto dos estabelecimentos do circuito superior instalados como os próprios que saíram demonstram a valorização diversa do espaço e a concentração de grandes redes de atividades de comércio e serviço de alimentação em bairros de maior faixa de renda da população, uma realidade econômica urbana, a qual para Harvey (2013, p. 29) “as cidades sempre foram lugares de desenvolvimentos geográficos desiguais”.

O fácil acesso (comparado às demais áreas da cidade), através das principais vias arteriais da cidade, a concentração de atividades de comércio e serviços aliadas ao fluxo contínuo de pessoas e capitais faz com que os bairros Centro e Nova Betânia se configurem enquanto centralidades da cidade (COUTO, 2011; OLIVEIRA, 2007; ELIAS E PEQUENO, 2010).

Para Santos (2011) esses espaços estratégicos de acumulação de estabelecimentos e melhores infraestruturas se comportam não apenas enquanto lugares de negócios, mas sim, eles mesmos, enquanto próprio negócio da economia urbana.

A presença de grandes franquias do ramo de alimentação na cidade é apenas uma representação do que o setor significa para a economia local. O ramo de alimentação é um dos mais dinâmicos nos espaços urbanos. Dados da RAIS demonstram que há em Mossoró diversos estabelecimentos ligados ao setor da alimentação, e com tendência de crescimento, como observado no Quadro 15.

Quadro 15 - Estabelecimentos do ramo de alimentação em Mossoró por categorias da CNAE

Classificação	Classificação↓	Ano →	2010	2013	2016	2020
Divisão	Alimentação		227	294	337	333
Grupo	Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas		207	262	308	293
Classe	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas		206	258	305	291
Classe	Serviços ambulantes de alimentação		1	4	3	2
Subclasse	Restaurantes e similares		106	139	153	167
Subclasse	Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares		92	107	125	118
Subclasse	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas (desativado)*		8	12	27	0
Subclasse	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento		0	0	0	5
Subclasse	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento		0	0	0	1
Subclasse	Serviços ambulantes de alimentação		1	4	3	2

*Categoria classificada em edições anteriores, hoje não utilizada

Fonte: Ministério da Economia, 2022

A partir dos dados do Quadro 15 observa-se uma vantagem entre os Restaurantes e similares com Lanchonetes, casas de chá, sucos e similares em relação às demais subclasses. A hipótese levantada com a leitura dos dados do Ministério da Economia é de que esses números estatísticos não correspondam com a realidade, levando em consideração o aumento dos estabelecimentos informais nos últimos anos.

Para Porto-Sales (2014) o crescimento de números e diversificações das empresas comerciais e de serviços nas cidades médias estão vinculados ao crescimento territorial, demográfico e econômico destas cidades que vão se configurando enquanto novas funções territoriais e papéis econômicos. Os Quadros 16 e 17 demonstram o desenvolvimento do PIB do Brasil, Rio Grande do Norte e da cidade de Mossoró nos últimos anos:

Quadro 16 – Produto interno Bruto a preços correntes (Mil reais)¹³

	2010	2012	2014	2016	2018
Brasil	3.885.847.000	4.814.760.000	5.778.952.780	6.269.328.000	7.004.141.000
Nordeste	207.093.315	259.100.991	308.076.997	337.302.084	387.535.316
Rio Grande do Norte	33.522.492	46.412.208	52.936.483	59.104.781	64.373.595
Mossoró	4.438.424	5.721.302	6.229.278	5.818.423	6.524.083

Fonte: SIDRA (IBGE, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018).

Quadro 17 – Desenvolvimento em porcentagem do Produto interno Bruto a preços correntes (Mil reais)

	2010-2012	2012-2014	2014-2016	2016-2018
Brasil	23,9%	20,0%	8,4%	11,7%
Nordeste	25,1%	18,9%	9,4%	14,9%
Rio Grande do Norte	38,4%	14%	11,6%	8,9%
Mossoró	28,9%	8,8%	-6,5%	12,1%

Fonte: SIDRA (IBGE, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018).

De acordo com o IBGE, entre 2010 e 2014, período em que o PIB do país e o município apresentaram bons desempenhos no crescimento econômico, houve um aumento dos estabelecimentos de alimentação na cidade, fato que fez com que em 2015 estivessem na cidade 108 estabelecimentos do ramo de alimentação a mais do que em 2010, representando um crescimento de 47,5%.

Já no período entre 2014 e 2018 em que houve uma desaceleração (até retração) da economia em níveis nacionais, regionais e locais, o aumento de estabelecimentos de alimentação fora menos significativo, com 2019 apresentando 16 estabelecimentos a mais

¹³ Produto interno bruto a preços correntes, impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos a preços correntes e valor adicionado bruto a preços total e por atividades econômicas, e respectivas participações

do que 2015, um crescimento de 4,7%, ou seja, dez vezes menos do que no período citado anteriormente.

Devido a ligação direta entre o crescimento da economia e o desenvolvimento da atividade, há uma retração numérica destes estabelecimentos em Mossoró, todavia, esta se apresenta enquanto uma atividade consolidada, não regredindo velozmente perante as crises econômicas mas mantendo seus números.

As subclasses mais presentes na cidade são, respectivamente, Restaurantes e similares e Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares, estas, não só acompanharam o desenvolvimento do ramo de alimentação na cidade como foram as principais responsáveis por impulsionar o seu crescimento, subindo em 66 e 38 estabelecimentos cada uma, enquanto as demais juntas cresceram um total de 21 estabelecimentos.

Os estabelecimentos das subclasses de Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas com e sem entretenimento, e a de Serviços ambulantes de alimentação, além de poucos, apresentam bastante instabilidade ao longo dos anos, deduzindo, que exista a possibilidade de haver uma dificuldade de dados formais dos reais estabelecimentos dessa classificação na cidade.

Em uma pesquisa anterior (SOUSA, 2019) a respeito da economia informal a partir dos camelôs no bairro Centro da cidade, foram contabilizados apenas no bairro 60 estabelecimentos informais voltados para a alimentação, a partir disso observa-se a importância do setor tanto no âmbito formal quanto do informal na cidade.

Como visto, em âmbito municipal, o crescimento e consolidação dos estabelecimentos é uma realidade na cidade de Mossoró, isso faz com que se desenvolvam inúmeros vínculos empregatícios do setor na cidade, estes dados podem ser observados no Quadro 18.

Quadro 18 - Vínculos ativos do ramo de alimentação em Mossoró por categorias da CNAE

Classificação	Classificação↓	Ano →	2010	2013	2016	2020
Divisão	Alimentação		1.703	1.789	1.717	1.394
Grupo	Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas		1.558	1.668	1.561	1.227
Classe	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas		1.547	1.664	1.558	1.222
Classe	Serviços ambulantes de alimentação		11	4	3	5
Subclasse	Restaurantes e similares		1.102	1.070	935	773
Subclasse	Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares		425	556	546	440
Subclasse	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas (desativado)*		20	38	77	0
Subclasse	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento		0	0	0	8
Subclasse	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento		0	0	0	1
Subclasse	Serviços ambulantes de alimentação		11	4	3	5

*Categoria classificada em edições anteriores, hoje não utilizada

Fonte: Ministério da Economia, 2022

Observa-se no Quadro 18 e informações complementares das já demonstradas no Quadro 15, como a predominância das subclasses Restaurantes e similares e Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares que representavam 68% e 31% de todos os vínculos ativos do setor em 2019, respectivamente, enquanto os demais juntos somavam pouco menos de 1%.

Novamente há pouca participação e instabilidade das subclasses Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas com e sem entretenimento e Serviços ambulantes de alimentação, reforçando a hipótese levantada de que os reais estabelecimentos dessas subclasses na cidade não estão formalizados.

Ao contrário da quantidade de estabelecimentos que cresceu 4,7% apesar da crise econômica nacional, a quantidade de vínculos ativos acompanhou o decréscimo, diminuindo em -1,7% a quantidade de empregados no ramo de alimentação no período entre 2015 e 2019.

Diante dessa diminuição de -1,7% dos vínculos ativos no ramo de alimentação perante a crise econômica, levanta-se outra hipótese de que na verdade os empregos do setor não diminuíram, mas sim cresceram a partir da economia informal, especialmente no circuito inferior da economia urbana, fazendo com que não fossem alcançados pelos dados estatísticos oficiais.

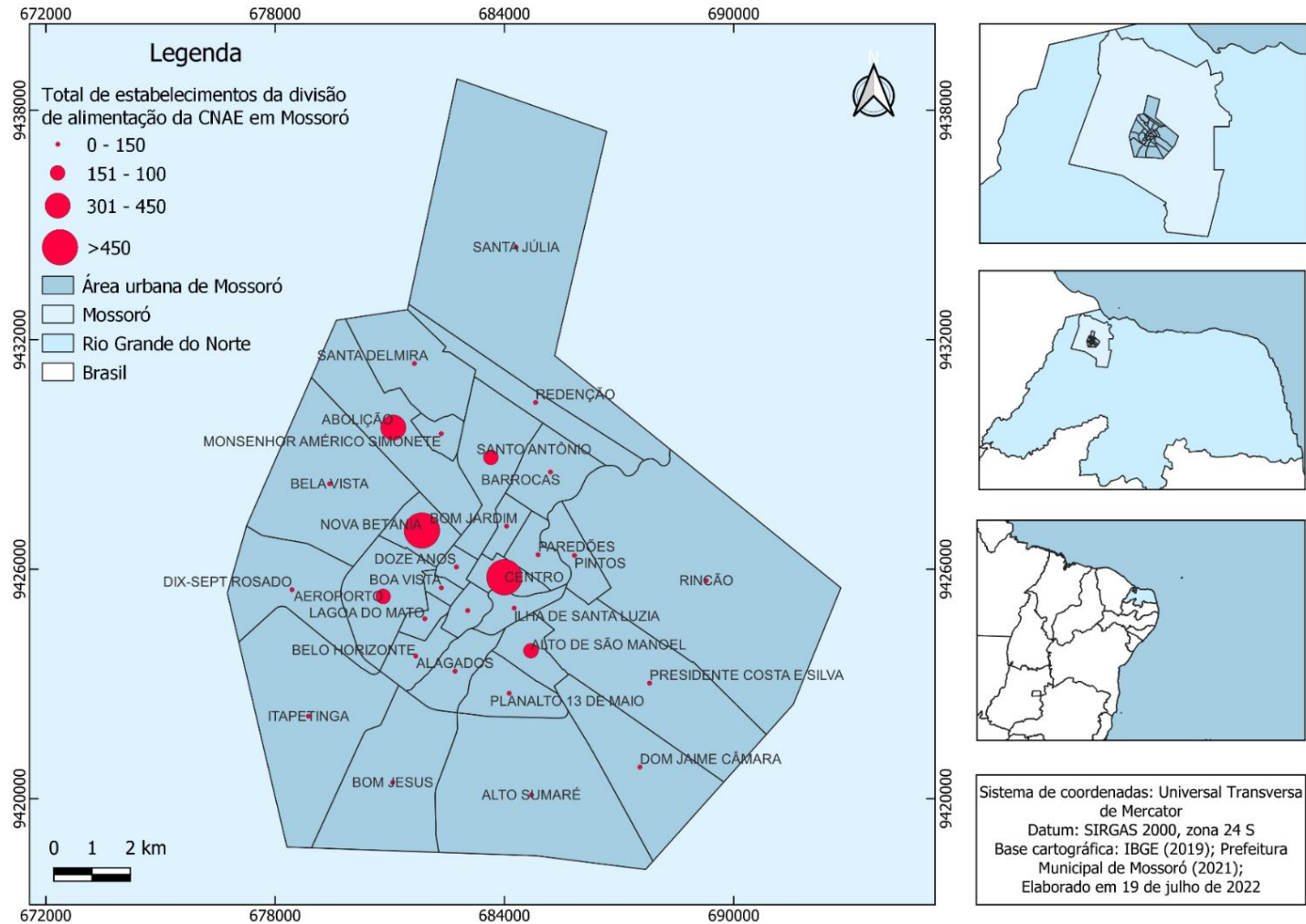
No próximo subcapítulo serão debatidos dados obtidos na Secretaria Municipal da Fazenda com dados dos estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação por bairros da cidade.

4.3.1 O Ramo de alimentação a partir dos recortes de estudo em Mossoró

Como já dito, para este estudo foram feitos recortes dos estabelecimentos a partir das classificações da CNAE 2.3, a qual foram escolhidos os estabelecimentos referentes ao grupo 56.1¹⁴ e suas respectivas classes e subclasses, além do recorte espacial a partir das faixas de renda encontradas na Figura 2. A Figura 11 mostra a espacialização dos estabelecimentos por bairro na cidade de Mossoró.

¹⁴ Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas

Figura 11 – Espacialização dos estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação em Mossoró por bairros



Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda de Mossoró (2011). **Elaboração:** Lucas Matheus Garcia Tôres (2022)

Como visto na Figura 11, os estabelecimentos em Mossoró se concentram principalmente em áreas mais centrais da cidade e de maior renda média da população, ou seja, os bairros Centro e Nova Betânia.

O bairro Abolição aparece logo em seguida como terceiro em maior concentração de estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação, provavelmente, por ser o bairro mais populoso da cidade (IBGE, 2010) há o desenvolvimento de diversos estabelecimentos locais como forma de atender o público de consumo a curto alcance.

Observa-se que, no âmbito da formalidade, os bairros periféricos de Mossoró pouco apresentam estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação. O Quadro 19 mostra de forma mais detalhada a quantidade de estabelecimentos por localidades e subclasses no município de Mossoró.

Quadro 19 – Quantidade de estabelecimentos no município de Mossoró por subclasses e localidade

Localidade ↓	Subclasse →	Restaurantes e similares	Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas sem entretenimento	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas com entretenimento	Serviços ambulantes de alimentação	Total
Abolição		170	122	8	5	34	339
Aeroporto		93	73	3	2	16	187
Alagados		0	0	0	0	0	0
Alto da Conceição		45	40	0	1	7	93
Alto São Manoel		116	95	8	2	17	238
Alto do Sumaré		41	57	6	0	0	104
Barrocas		13	31	0	2	9	55
Bela Vista		6	6	1	0	1	14
Belo Horizonte		31	49	0	1	8	89
Boa Vista		42	51	2	1	15	111
Bom Jardim		43	39	1	1	8	92
Bom Jesus		6	4	0	0	0	10
Centro		358	239	15	1	21	634
Dix Sept Rosado		7	5	0	0	3	15
Dom Jaime		28	30	1	0	6	65
Doze Anos		61	61	11	2	6	141
Ilha SL		36	41	5	3	5	90
Itapetinga		8	6	1	0	0	15
Lagoa do mato		4	11	1	1	1	18
Monsenhor		4	5	0	0	1	10
Nova Betânia		240	193	19	11	24	487
Paredões		29	44	0	0	10	82
Pintos		2	6	0	0	0	8
Planalto		33	34	4	1	10	82
Pres. Costa e Silva		71	60	3	3	12	26
Redenção		6	4	1	0	0	11
Rincão		32	37	2	3	16	70
Santa Delmira		30	53	6	1	8	98
Santa Júlia		13	17	1	1	6	38
Santo Antônio		79	80	4	4	14	181
Zonas Rurais		62	33	5	4	5	109
Total		1.642	1.449	105	50	266	3.512

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021). Elaboração: Sousa (2021).

Existem, na cidade de Mossoró, 3.512 cadastros no grupo CNAE 2.3 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebida, desses, 1.601 (45,5%) estão nos bairros de recorte de estudo.

Vale ressaltar que dados da Secretaria demonstram o quantitativo de estabelecimentos por segmentos, todavia, um mesmo estabelecimento pode ser classificado em mais de um segmento desde que haja características para ele ser classificado tanto um restaurante quanto uma lanchonete, ou até mesmo um restaurante, lanchonete e bar.

Há ainda, alguns estabelecimentos como hotéis e supermercados que, por terem um restaurante e/ou lanchonete funcionando em suas dependências, adentram nas classificações disponibilizadas pela Secretaria. Essas atividades podem ser vistas, por exemplo, na Figura 12, que mostra um restaurante dentro do supermercado Rebouças, na Avenida Presidente Dutra.

Figura 12 – Restaurante no Supermercado Rebouças, no Bairro Alto São Manoel



Fonte: Autor (2022)

Dinâmicas como essa presente na Figura 12 são comuns em pousadas, hotéis e supermercados da cidade, em que, além de prestarem os serviços prioritários (como alojamento no caso das pousadas e hotéis), esses estabelecimentos ofertam um restaurante ou lanchonete dentro de seu negócio, fazendo com que adentrem nos dados estatísticos da secretaria, foi o caso do supermercado Rebouças que está também incluso na classificação de Restaurantes e similares.

Nos dados, pode ser visto que somente os bairros da faixa 1, Centro e Nova Betânia, concentram 32% de todos os estabelecimentos catalogados, sendo, respectivamente aos bairros citados 19% e 13% dos estabelecimentos da cidade.

Os seis bairros da faixa 2 obtêm 25% dos estabelecimentos catalogados, enquanto os demais vinte e dois bairros que correspondem a faixa 3 abarcam 43% dos cadastros. Observa-se que há uma concentração de instalação entre os estabelecimentos na cidade, dando prioridade aos bairros de maiores faixas de renda.

Esta prioridade em bairros é melhor percebida quando comparada a relação entre quantidade de estabelecimento, renda média e população residente do bairro, como demonstra nos Quadros 20 e 21.

Quadro 20 – Quantidade de estabelecimentos, população residente, renda média, estabelecimentos a cada 500 habitantes e estabelecimentos a cada 250R\$ por renda média da população do bairro

Localidade	Quantidade de estabelecimento	População residente	Índice de rendimento médio das pessoas de 10 anos de idade ou mais (Reais)	Quantidade de estabelecimento a cada 500 habitantes	Quantidade de estabelecimento a cada R\$ 250,00 por renda média
Abolição	339	24.741	1.126,74	6,8	75,2
Aeroporto	187	17.889	847,34	5,2	55,1
Alagados	0	164	786,98	0	0
Alto da Conceição	93	543	979,68	85,6	23,7
Alto São Manoel	238	18.336	1.121,86	6,4	53,0
Alto do Sumaré	104	6.483	942,14	8,0	4,0
Barrocas	55	20.372	594,72	1,3	23,1
Belo Horizonte	89	8.495	742,46	5,2	30,0
Boa Vista	111	6.964	972,35	7,9	28,5
Bom Jardim	92	10.844	895,98	4,2	25,6
Bom Jesus	10	1.289	664,80	3,8	7,5
Centro	634	2.222	2.378,62	142,6	66,6
Dix Sept Rosado	15	1.715	866,17	4,3	4,3
Dom Jaime	65	11.209	734,30	2,8	22,1
Doze Anos	141	5.003	1.551,47	14,1	22,7
Ilha Santa Luzia	90	2.890	991,29	15,5	22,7
Itapetinga	15	318	510,49	23,5	7,3
Lagoa do mato	18	14.223	685,67	0,6	6,5
Nova Betânia	487	9.071	2.648,23	26,8	45,9
Paredões	82	8.348	1.045,96	4,9	1,96
Pintos	8	2.469	894,91	1,6	2,2
Planalto Treze de Maio	82	8.697	964,87	4,7	21,2
Pres. Costa e Silva	26	4.737	1.867,63	2,7	3,4
Redenção	11	2.954	690,38	1,8	3,9
Rincão	70	9.631	1.150,56	3,6	15,2
Santa Delmira	98	13.527	916,76	3,6	26,7
Santo Antônio	181	19.107	977,34	4,7	46,3

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e IBGE (2010). Elaboração: Sousa (2021).

Quadro 21 – Quantidade de estabelecimentos, população residente por média e bruta, renda média, estabelecimentos a cada 500 habitantes e estabelecimentos a cada 250R\$ por faixa de renda

Faixa de Renda	Média de quantidade de estabelecimentos	Média de população residente	População bruta e relativa da zona urbana da faixa de renda	Média de índice de rendimento médio das pessoas de 10 anos de idade ou mais (Reais)	Média de quantidade de estabelecimento a cada 500 habitantes	Média de quantidade de estabelecimento a cada R\$ 250,00 por renda média
Faixa 1	560,5	5.646	11.293 (5%)	2.513	84,7	56,3
Faixa 2	164,3	11.800	70.776 (30,5%)	1.310	6,4	28,6
Faixa 3	69,7	7.924	150.562 (64,5%)	823	9,7	19

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e IBGE (2010)

Com os Quadros 20 e 21 nota-se que entre os dois fatores, população residente e renda média, a correlação entre localização e renda, de forma geral, detém maior peso na prioridade de instalação dos estabelecimentos.

Apesar de ter a menor população média, bruta e relativa, a faixa 1, com maior renda média, apresenta uma maior média de estabelecimentos tanto por população (13 vezes mais que a faixa 2, e 9 vezes mais que a faixa 3), bem como estabelecimentos por renda média (o dobro da faixa 2, e o triplo da faixa 3).

A faixa 3, apesar de deter 64,5% de toda população urbana de Mossoró, fator que a impulsiona a ter uma média de estabelecimentos por população maior que a faixa 2 (com 30,5% da população), é ultrapassada no que diz respeito aos estabelecimentos por renda média, chegando a ter metade da faixa 2 e a ser três vezes menos que a faixa 1.

Vale enfatizar que o fator de renda média não é apenas o que impacta a realidade dos bairros, outros fatores como infraestrutura, quantidade de serviços públicos e privados, fixos e fluxos, qualidade de vida e até mesmo status social são motivos e razões para as instalações dos estabelecimentos do ramo de alimentação.

A diferenciação espacial não está apenas na quantidade dos estabelecimentos, mas também nos tipos de empresas. A seguir serão apresentados quadros que dizem respeito as quantidades de contribuintes ativos por subclasses da CNAE 2.3 a partir do tipo de empresa classificadas como Microempreendedor Individual (MEI), Micro Empresa (ME) e Empresa de Pequeno Porte (EPP)¹⁵ e dos bairros específicos estudados na pesquisa.

Quadro 22 - Cadastros ativos na subclasse Restaurantes e similares por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa

	MEI	ME	EPP	Não identificado ¹⁶	Total
Centro	48	165	4	18	453
Nova Betânia	22	149	17	3	399
Alto São Manoel	17	47	5	10	183
Doze Anos	10	32	4	3	111
Ilha de Santa Luzia	6	18	3	-	
Dom Jaime Câmara	13	6	-	3	22

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e elaboração: Autor (2021)

¹⁵ Limite de faturamento anual: MEI R\$ 81.000,00; ME R\$ 360.000,00; EPP R\$ 4.800.000,00

¹⁶ Não foi conseguido obter informação da classificação destes estabelecimentos

Quadro 23 - Cadastros ativos na subclasse Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa

	MEI	ME	EPP	Não identificado	Total
Centro	62	125	3	-	190
Nova Betânia	27	124	13	-	164
Alto São Manoel	30	48	1	-	79
Doze Anos	11	31	3	-	45
Ilha de Santa Luzia	11	17	2	-	30
Dom Jaime Câmara	18	4	-	-	22

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021). Elaboração: Autor (2021).

Quadro 24 - Cadastros ativos na subclasse Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa

	MEI	ME	EPP	Não identificado	Total
Centro	1	11	-	-	12
Nova Betânia	1	14	1	-	16
Alto São Manoel	2	6	-	-	8
Doze Anos	3	5	-	1	9
Ilha de Santa Luzia	-	2	1	-	3
Dom Jaime Câmara	1	-	-	-	1

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e elaboração: Autor (2021).

Quadro 25 - Cadastros ativos na subclasse Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa

	MEI	ME	EPP	Não identificado	Total
Centro	1	-	-	-	1
Nova Betânia	2	9	-	-	11
Alto São Manoel	2	-	-	-	2
Doze Anos	-	2	-	-	2
Ilha de Santa Luzia	-	1	2	-	3
Dom Jaime Câmara	-	-	-	-	-

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e elaboração: Autor (2021).

Quadro 26 - Cadastros ativos na subclasse Serviços ambulantes de alimentação por tipo de empresa e bairros estudados na pesquisa

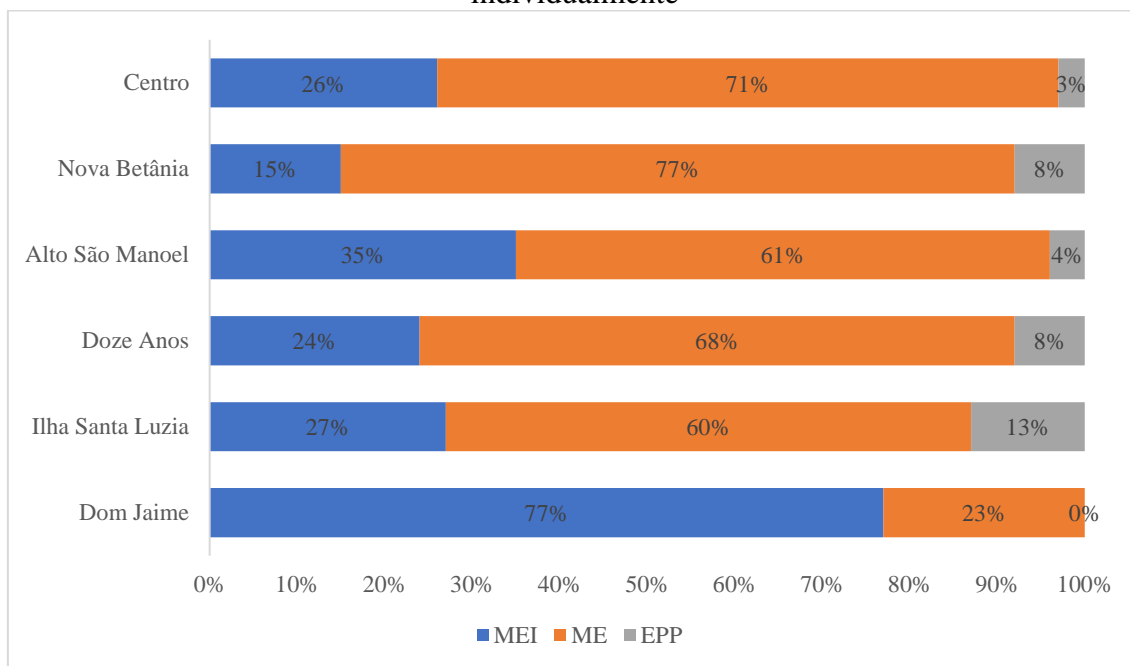
	MEI	ME	EPP	Não identificado	Total
Centro	3	12	-	-	15
Nova Betânia	6	11	-	-	17
Alto São Manoel	10	5	-	-	15
Doze Anos	2	3	1	-	6
Ilha de Santa Luzia	1	2	1	-	5
Dom Jaime Câmara	5	1	-	-	6

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021). Elaboração: Autor (2021).

A partir destes dados apresentados fora possível extrair elementos e elaborar estatísticas como a representação dos tipos de empresa por bairros e a representação por bairro de cada uma dessas classificações de empresas, como observado no Gráfico 8 que traz estatísticas no que diz respeito a quantidade de tipo de estabelecimento de cada bairro individualmente, quais são as classificações das empresas compostas nos bairros.

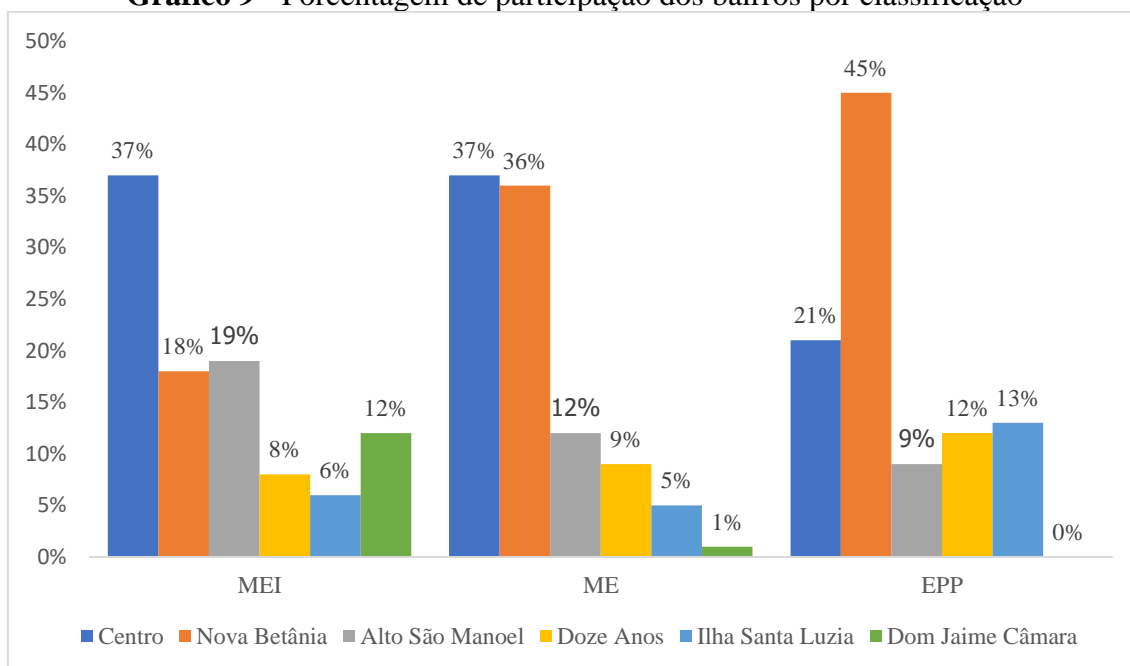
No Gráfico 8 que demonstra a participação que cada bairro tem em cada uma das classificações do recorte espacial estudado, quanto cada bairro contribui em cada classificação dos estabelecimentos.

Gráfico 8 - Porcentagem de representatividade das classificações por bairro individualmente



Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e elaboração: Sousa (2021).

Gráfico 9 - Porcentagem de participação dos bairros por classificação



Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda (2021) e elaboração: Sousa (2021).

Nota-se, a partir dos gráficos, que somente o bairro Dom Jaime foge de fatores como representação maior de cadastros ME entre as localidades estudadas e em segundo lugar a representação de cadastros MEI's, sendo em todos os casos os cadastros EPP os menores.

Observa-se que a média relativa entre os bairros não é de mudança brusca de um para com o outro, com exceção do Dom Jaime, isto ocorre nas representações tanto dos cadastros MEI, ME e EPP. Todavia, quando se analisa onde estão localizados os estabelecimentos estudados percebe-se uma concentração e diferenciação desses tipos de empresas em bairros de maior renda.

Há entre os bairros uma diferença de participação dos tipos de empresas, por exemplo, enquanto somente o Nova Betânia concentra 51% de todos os cadastros EPP dos seis bairros, no Dom Jaime não há nenhum, da mesma forma, enquanto os MEI's representam 72% dos cadastros do Dom Jaime essa classificação representa apenas 15% dos cadastros do Nova Betânia.

Os bairros que pertencem a faixa 1 detém juntos 66% dos cadastros de EPP, enquanto os bairros estudados da faixa 2 e 3 obtém, respectivamente, 21% e 13%. Quanto aos cadastros ME estes são divididos entre 73% nos bairros da faixa 1, 21% nos bairros representantes da faixa 2 e 6% na faixa 3.

Com os dados apresentados foi possível uma leitura de diferenciação socioespacial a partir do ramo de alimentação, a qual, os bairros de menor poder aquisitivo detém principalmente estabelecimentos MEI e ME, que aqui compreendemos como em sua maioria como sendo estabelecimentos do circuito inferior da economia, já que, seus limites de lucro são baixos e/ou médio, além de um conjunto de outras características mencionadas pelos estudiosos acerca da teoria dos circuitos da economia urbana.

Por outro lado, as EPP com maior limite de lucro que vão além do rendimento de investimento de estabelecimentos do circuito inferior, estão concentradas principalmente nos bairros da faixa de população de maior poder aquisitivo da cidade, talvez para um melhor alcance desse público? Ou porque as infraestruturas (iluminação, vias de acesso, etc.) lhes são propícias?

A partir dos dados secundários até aqui apresentados e debatidos compreendeu-se de forma mais nítida a diferenciação socioespacial e socioeconômica da cidade, o seu desenvolvimento a partir do comércio e seu impacto na economia.

As informações, fontes e referências até então usadas serviram de alicerce para o próximo capítulo que discutirá a partir da pesquisa de campo as realidades dos agentes envolvidos no desenvolvimento dos circuitos da economia urbana do ramo de alimentação.

4.4 Entrevista com representante agente sindical

Nesta subseção será apresentado o primeiro momento que é a entrevista realizada pelo presidente Gilmar Moreira de Oliveira no dia 22 de fevereiro de 2022. O presidente Gilmar Moreira de Oliveira demonstrou-se muito solícito para entrevista, o mesmo, ex-funcionário de um hotel da cidade tem hoje dedicação exclusiva para a representação da classe trabalhadora via presidência sindical. Inicialmente, o presidente explicou a dinâmica de funcionamento do sindicato, a partir do processo eleitoral que o conduziu ao cargo até os dias atuais.

O sindicato, ele é constituído de uma diretoria. Essa diretoria ela é feita através de uma eleição, a nossa eleição aqui é um triênio, a cada três anos, então é formada uma chapa e quem está na atual gestão puxa essa eleição através de um edital de publicação de jornal de circulação na cidade. Eu já estou no terceiro mandato, os três como presidente [sic] (OLIVEIRA, 2022).

Após esta explicação, a entrevista foi-se pautando no comércio local, a partir do questionamento: Qual a leitura feita pelo sindicato acerca da dinâmica do comércio em Mossoró antes e depois do início da pandemia? A resposta obtida foi a seguinte:

O antes da pandemia estava muito bem encaminhado, acredito que tinha uma média de 3 mil a 4 mil trabalhadores em atividade, só a nível de Mossoró, pois nosso sindicato representa a Região do Alto Oeste também, estes sendo os trabalhadores formais, e no início da pandemia o impacto foi massacrante, para você ter ideia, a gente aqui tinha uma média de mais de 600 sócios e de repente caiu para 80 sócios devido os estabelecimentos terem sido fechados. O Sindicato dos Hoteleiros e o Sindicato do comércio, foram os sindicatos mais afetados pela Pandemia, devido os decretos que fecharam os estabelecimentos, diferentes de outros serviços como Hospitais, clínicas e demais serviços de saúde que esses geraram emprego (OLIVEIRA, 2022).

Na pergunta sobre as principais dificuldades vistas pelo sindicato frente à crise econômica e período pandêmico, o representante aponta outros fatores, tais como a Reforma Trabalhista e as dificuldades de um período de governo não progressista.

A crise econômica está estendida desde 2015, em 2016 houve o golpe contra a classe trabalhadora, e depois veio a reforma trabalhista, na proposta inicial da reforma trabalhista era retirar 20 itens e praticamente foi retirado quase tudo, sem contar a questão da terceirização que foi regularizada com a reforma trabalhista que foi um gargalho para o trabalhador porque complicou, e aí veio a crise, quando tomaram o poder com aquele argumento para gerar emprego, veio a reforma trabalhista, quando eles tomaram o poder se não me engano os índices de desemprego eram de 5 milhões e depois do Michel Temer chegou a 12 milhões e neste momento atual até chegou a 14 milhões, segundo os dados de matérias de jornais, então estas reformas previdenciárias, trabalhistas que eram argumentadas para gerar emprego era tudo balela, tudo para a gente andar pra trás, tudo financiado pelos patrões que queriam retirar o governo Dilma, esta é a minha opinião pessoal. O impacto ele foi grande, pois, sempre nos governos progressistas pois se tinha a política de gerar emprego para o pobre, e o pobre ganha mas vai gastar, é o pobre quem gira a economia do país, o rico não, o rico ganha e investe fora (OLIVEIRA, 2022).

Sobre a relação sindical com os trabalhadores e patrões após a pandemia, a resposta obtida relata que esta relação piorou tanto com os trabalhadores quanto com o sindicato patronal e as empresas

Ficou ruim (a relação sindical com os trabalhadores e patrões) pelo fato da própria forma da reforma trabalhista, por exemplo nas negociações salariais, sentam o sindicato dos trabalhadores e o sindicato patronal, o sindicato dos trabalhadores faz uma pauta, manda para o patronal e há uma reunião para dialogar a negociação, a gente não conseguiu bons percentuais de aumento nos últimos anos, conseguimos maiores nos governos progressistas, de Temer para cá foi horrível para o trabalhador. Antes, até 2018/2019, quando os dois sindicatos não entravam em acordo com a negociação se instaurava um dissídio e mandava para a Justiça determinar o aumento, hoje o Supremo tribunal deu aval para que haja dissídio os dois sindicatos deve ter um amplo acordo entre os dois sindicatos entrarem em dissídio, se for apenas um o dissídio não será validade, então o trabalhador ficou a mercê pois o patronal não tem interesse em negociar. Hoje só conseguimos alguma negociação com greve ou início de greve, para você ter uma ideia já temos duas convenções de trabalho que faz dois anos que a gente não fecha, mandamos a pauta e eles não marcam a reunião, agendamos via ministério do trabalho, o Ministério chama a empresa e a empresa notifica dizendo que não vai (OLIVEIRA, 2022).

Quanto ao ponto sobre o impacto nas filiações, o presidente destaca a diminuição para pouco mais de 10% do início de 2020, antes da pandemia COVID-19, além das dificuldades dos sindicatos em se manterem.

Aquilo que eu falei, além dos decretos que fecharam os estabelecimentos, também houve a medida provisória de suspensão de contrato, que as empresas poderiam suspender o contrato do trabalhador e o governo custearia o salário deste período que o trabalhador ficava em casa, automaticamente o trabalhador não contribuía pois o desconto é feito no contracheque, como era o governo que estava pagando não tinha como fazer esse desconto. A pandemia afetou e muito, como falei, aqui temos a queda de quadro de filiados de mais de 600 para 80, ficamos sem arrecadação de Abril até Dezembro, se não tivéssemos um dinheiro em caixa a gente tinha fechado, chegamos a demitir uma

funcionária daqui, tiveram delegacias que fecharam. Tem sindicatos que já há a filiação automática na convenção, o nosso não, apenas diz que a empresa não pode rejeitar a filiação, nós vamos em campo, vamos até as empresas, explicamos aos trabalhadores e tentamos convencê-lo a se associar e explicamos a importância do Sindicato (OLIVEIRA, 2022).

No questionamento sobre a diminuição do setor formal, a pandemia aparece como principal apontamento para sua diminuição no que diz respeito os estabelecimentos de restaurantes, lanchonetes, bares e serviços ambulantes.

O principal motivo foi a pandemia que fez com que fechasse muitos estabelecimentos e desempregasse trabalhadores, e muitos destes trabalhadores foram para a informalidade, você pode passar no Centro da cidade e você ver proprietários de restaurantes pequenos que estavam até pouco tempo sendo trabalhadores formais nas empresas como Garçom ou Cozinheiro, pegaram o dinheiro da rescisão, tiveram coragem e abriram seu próprio negócio (OLIVEIRA, 2022).

Quanto ao relacionamento com demais instituições municipais, estaduais e federais o Ministério do Trabalho fora citado como principal instituição que o sindicato se relaciona apesar do apontamento de sucateamento apontada pelo presidente Gilmar Moreira de Oliveira

O Sindicato se relaciona muito com o Ministério do Trabalho principalmente por denúncia, o trabalhador formaliza a denúncia ao sindicato e fazemos a denúncia em nome do sindicato para não expor o trabalhador. No governo Temer, houve o sucateamento do Ministério do trabalho, não há nem concurso faz tempo, os fiscais quase todos na idade de se aposentar, e no governo atual piorou a situação, o Ministério foi fechado e se tornou uma Secretaria agregada ao Ministério da Economia e depois para agradar ao Centrão reabriu o Ministério do Trabalho. Fazemos as denúncias, mas não dá em muita coisa, os fiscais só vão quando diz respeito a falta de carteira assinada (OLIVEIRA, 2022).

No que refere as medidas e ações que o sindicato tem tomado para juntamente aos trabalhadores enfrentarem o desemprego e as dificuldades dos últimos anos, foram abordados fatores de dificuldades devido à falta de recursos além de falta de interesse entre os patrões de qualificar seus empregados.

Infelizmente nós não podemos tomar ações devido a pandemia e a falta de recursos, antes eu cheguei a procurar SENAC e cursos de capacitações, na minha opinião a capacitação quem deve dar é o patrão, para qualificar seu trabalhador. Uma vez em reunião com os empresários do sindicato patronal eu falei sobre isso e o empresário falou que não ia capacitar porque o profissional depois iria procurar uma empresa melhor do que a dele, deveriam pensar em

qualificar e valorizar o seu trabalhador para manter ele, mas pelo contrário, se possível tomavam até o próprio salário (OLIVEIRA, 2022).

Observa-se que há na fala do presidente pautas como Reforma Trabalhista, Reforma da Previdência e sucateamento do Ministério do Trabalho, medidas estas tomadas após evento que o presidente designou como golpe contra a classe trabalhadora 2016, fazendo referência ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT), partido até então conhecido e citado pelo presidente do sindicato como de governo progressista.

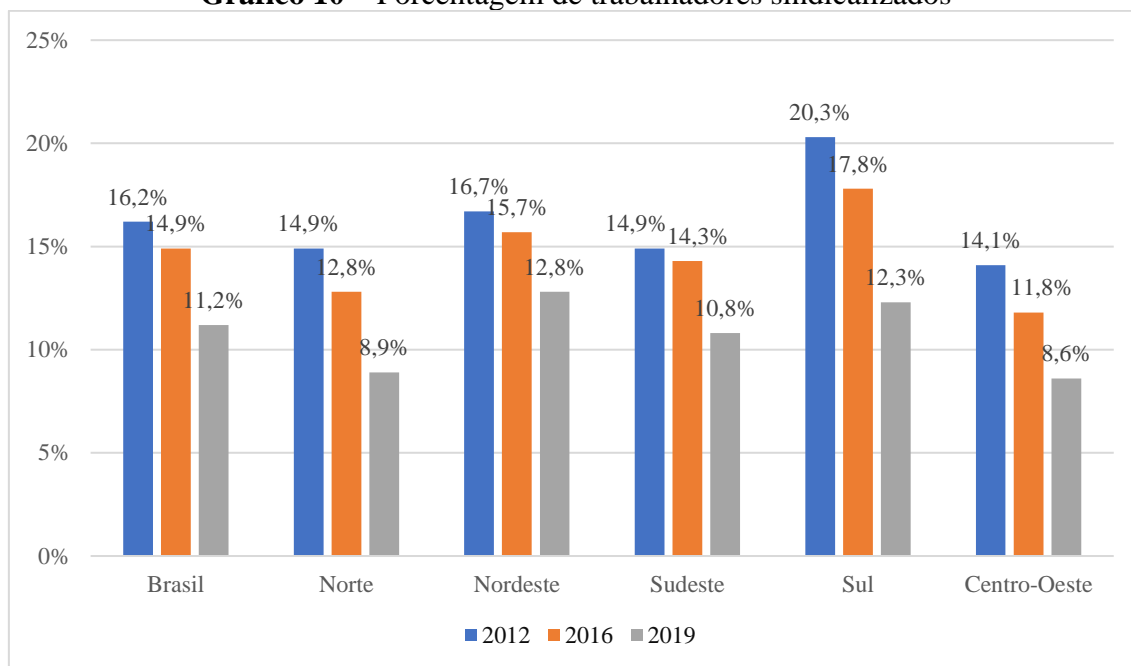
A Reforma Trabalhista, Lei 13.467 de 2017, entrou em vigor 120 dias depois de sua publicação, no dia 13 de julho de 2017, esta reformulou a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), facilitando a flexibilização e negociações em pautas como Jornada de trabalho, Descanso, Férias, Contribuição sindical, Demissões, entre outros.

No que diz respeito aos sindicatos, estes foram diretamente afetados pela Reforma Trabalhista pois, antes a contribuição era obrigatória, após a reforma, a contribuição sindical se tornou opcional, fazendo com que muitos sindicatos diminuíssem sua verba que advém diretamente do trabalhador sindicalizado.

Além disso há o reconhecimento do Trabalho Intermitente, a qual o trabalhador não se torna um funcionário fixo da empresa, mas sim um funcionário temporário sendo contratado por horas, dias ou meses de acordo com sua convocação para o trabalho. O Trabalho Intermitente afeta diretamente o trabalhador que pode não alcançar um salário mínimo na sua renda, bem como, pelo fato de ser um trabalhador temporário, não sentir necessidade de estar sindicalizado.

O sindicato fora enfraquecido nos últimos anos tanto por medidas políticas que flexibilizaram a associação sindical, quanto pela diminuição de sócios devido o desemprego e o fechamento de estabelecimentos em decorrência da crise econômica e da pandemia do COVID-19.

Vale destacar que a desassociação aos sindicatos é um movimento que já vem ocorrendo na última década, como pode ser visto no Gráfico 10 que demonstra a porcentagem de trabalhadores sindicalizados no país.

Gráfico 10 – Porcentagem de trabalhadores sindicalizados

Fonte: IBGE (2017; 2020).

A níveis nacionais e regionais a pandemia e a reforma trabalhista impulsionaram um movimento que já vinha ocorrendo, a de diminuição de trabalhadores sindicalizados. Este movimento pode advir de dinâmicas anteriores até mesmo a reforma trabalhista e ao período pandêmico, como a ascensão do setor informal devido à crise econômica dos últimos anos, além da revolução digital do meio técnico-científico-informacional.

A revolução digital, esta carrega consigo transições como a automação, cibersegurança, internet das coisas, *machine learning* e armazenagem em nuvem que dinamizam os processos de produção e distribuição das empresas, além das formas de consumo e hábitos dos compradores e que afetam as formas de trabalho, como home office, teletrabalho, trabalhos remotos e trabalhos a partir de usos de aplicativos.

Essas mudanças dificultaram o diálogo do sindicato a muitos destes trabalhadores que estão cada vez mais individuais e menos coletivos, logo, como os sindicatos conseguem acesso e fiscalizações de demandas como condições de trabalho e jornada de atividade desses funcionários do contexto digital de trabalho em domicílio em particular daqueles que trabalham por produção?

Não seria a partir destas pautas que se percebe a necessidade de haver um sindicalismo que se organize e se reinvente para que a entidade garanta os direitos básicos e a representação trabalhista atenda os trabalhadores do hoje, que é o trabalhador digital

do meio técnico-científico e informacional? Ou deveriam os sindicatos buscar maneiras de organizações para barrar os avanços do neoliberalismo nas relações de trabalho?

4.5 Entrevista com representante agente público

Nesta subseção far-se-á a apresentação e a análise da entrevista com Franklin Alves Filgueira, atual secretário da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo (SEDAT) da Prefeitura Municipal de Mossoró, e professor do departamento de Economia da UERN, o secretário mostrou-se prestativo à entrevista, mandando um e-mail com as respostas solicitadas e tendo disposto de tempo para uma pequena conversa antes do envio para explicações de dúvidas sobre a pesquisa.

A entrevista, realizada no dia 09 de março de 2022, iniciou-se com um questionamento a respeito da leitura do secretário acerca de como a Pandemia COVID-19 vem afetando o setor de comércio e serviço de alimentação em Mossoró, para este:

Apesar da carência de dados estatísticos ou de fontes mais seguras, mas a considerar pelos contatos que a SEDAT recebeu desde o início do ano passado, é possível emitir uma opinião generalista. O setor de alimentos e serviços relacionados sofreu forte impacto da crise sanitária pela Covid-19, inclusive com o encerramento das atividades de vários empreendimentos para os quais não foi viável operar apenas no modelo “*delivery*”. Tal impacto também se verificou com o desligamento de profissionais do setor, o que promoveu elevação do desemprego na cidade. Tal fator foi cumulativamente impactante não só pelas restrições de funcionamento determinadas pelos agentes públicos com relação ao cidadão residente na cidade, mas também pela queda considerável no fluxo de turistas de negócio e lazer em Mossoró, o que se verificou também na rede hoteleira local. Passada a fase crítica da crise, a retomada tem acontecido gradativamente, tanto com o retorno da operação de boa parte dos equipamentos inclusive os hotéis, mas também pela retomada do afluxo de turistas (negócios e lazer) (FILGUEIRA, 2022).

No que diz respeito a leitura do secretário sobre a dinâmica das atividades de comércio e serviços na última década, esta foi a resposta obtida

A dinâmica das atividades de comércio e serviços em Mossoró na última década pode ser entendida como de crescimento, a considerar que Mossoró é o polo comercial e de serviços na região, mesmo com a oferta de serviços nas cidades do entorno também crescendo, bem como a oferta de serviços online, disputando assim o mercado com nossa cidade, mas o segmento de serviços teve desempenho de crescimento nessa década de 12,5% em termos reais (INPC) mesmo com uma inflação acumulada em mais de 60% no período. A pandemia manifestou-se no início da presente década, sem influência na

última. Porém, nos nossos dias, esse fenômeno sanitário trouxe forte pressão sobre a oferta de alimentos e serviços relacionados, expandindo e geograficamente distribuindo tal oferta a considerar que os serviços de *delivery* de alimentos enfrentaram forte crescimento como decorrência (FILGUEIRA, 2022).

Num questionamento sobre a diferença da dinâmica do subsetor formal de estabelecimentos de restaurantes, lanchonetes, bares e serviços ambulantes comparado ao restante do setor de comércio e serviços em gerais, o secretário enfatizou o desempenho destes estabelecimentos.

Na opinião pessoal do entrevistado, o segmento de alimentos obteve desempenho superior ao apresentado por todo o setor de serviços, notadamente pelo forte apelo decorrente da crise econômica vivenciada a partir do meio da década e a forte corrida dos desempregados para as atividades informais em que se destaca a produção de alimentos e serviços de alimentação, ao passo que os agentes de fomento também disponibilizaram recursos – especialmente de microcrédito – o que reforçaram essa tendência (FILGUEIRA, 2022).

Quanto à atribuição da diminuição do setor formal dos estabelecimentos de restaurantes, lanchonetes, bares e serviços ambulantes nos últimos anos, o secretário mencionou a crise econômica dos últimos anos.

[...] Apesar da falta de dados estatísticos inclusive os que originaram a pergunta, mas considerando seu enunciado como um dado, a redução da formalidade decorre justamente tanto do encerramento das atividades de determinado contingente formal dos empreendimentos do segmento, notadamente pela crise verificada no meio da década passada, e pela decorrente absorção de trabalhadores pelo setor informal, inclusive, pelo surgimento significativo de empreendimentos informais como forma de enfrentamento do desemprego pelas famílias (FILGUEIRA, 2022).

Os pontos das principais dificuldades vistas pela prefeitura perante a crise econômica e período pandêmico foram de falta de recursos, como visto abaixo

As principais dificuldades percebidas pela Prefeitura nesses períodos de crise dizem respeito, basicamente, à dificuldade na captação e alocação de recursos para estímulo e fomento da economia no sentido de mitigar os efeitos sobre o emprego e a renda das pessoas. Também, há a dificuldade relativa à disponibilidade de dados estatísticos e informações relevantes ao planejamento público (FILGUEIRA, 2022).

Uma outra questão, sobre como a prefeitura se relaciona com demais instituições sindicais, estaduais, federais ou órgãos privados que atinjam diretamente o subsetor dos estabelecimentos de recorte de estudo.

A Prefeitura de Mossoró tem mantido, especialmente a partir de 2021, um estreito relacionamento com as entidades representantes de classes, tanto empresariais quanto dos trabalhadores, sempre desenvolvendo ações que tomem por base suas participações desde o planejamento até a execução. Assim tem sido com os eventos promovidos pela municipalidade e pelas ações de estímulo à economia, ações de melhoria na mobilidade urbana e serviços públicos (FILGUEIRA, 2022).

Por fim, o secretário descreveu quais foram as medidas e ações que a prefeitura tem tomado para juntamente aos trabalhadores enfrentarem o desemprego e dificuldades dos últimos anos.

A Prefeitura informatizou completamente o serviço de intermediação de empregos (Painel de Empregos), dando maior credibilidade e agilidade aos serviços nessa área, tem feito gestões junto ao setor produtivo para mobilização de investimentos, tem mantido contato permanente com as entidades representativas dos agentes econômicos em geral, tem apoiado iniciativas de captação de investimento público de outras esferas e também promovido diretamente ações nesse sentido, tem criado programas e leis com o fito de melhorar e facilitar o ambiente de negócios na cidade e zona rural, concedendo incentivos e facilidades operacionais importantes, como são os casos da Lei de Ciência, Tecnologia e Inovação e a do Alvará Automático, tem investido pesado no trabalho de base com a informatização completa dos serviços da Prefeitura, que visam reduzir custos operacionais tanto dos empreendedores e do cidadão, quanto da própria municipalidade, tem prospectado investimentos privados tanto a partir de empreendedores da cidade quanto de outras regiões do país, está desenvolvendo alguns eventos de fomento e estruturando a área de inteligência econômica, dentre outras ações (FILGUEIRA, 2022).

Percebe-se que há pautas em comum nas falas do presidente do sindicato Gilmar Moreira de Oliveira e do secretário Franklin Alves Filgueira, como dificuldades de verba (apesar destas advirem de fontes diferentes, de um lado a verba vindo de contribuição da folha de pagamento do colaborador trabalhista, e do outro, vindo de arrecadações de tributos repassados pela prefeitura municipal), consenso ao fato de que a pandemia fez fechar bruscamente estabelecimentos de comércios e serviços e que o ramo de alimentação não diminuiu mas sim migrou-se para a informalidade, além, das dificuldades de dados estatísticos oficiais.

As falas dos entrevistados se assemelharam com a análise que Pintaudi (2020) fizera ainda no início da pandemia, para a autora o Brasil vive uma simultaneidade de três problemas: a pandemia; a economia que já vinha em crise anterior; e o governo com políticas públicas com medidas e reformas que tenderiam a aumentar a pobreza, sendo o

comércio urbano uma das atividades mais afetadas devido está ligado diretamente ao fluxo da cidade.

Esses três problemas apontados, que intensificam o surgimento do informal nas cidades, pode ser visto na cidade de Mossoró a partir de pesquisa realizada pela SEDAT, entre 22 de Abril e 14 de Maio de 2021, sobre o comércio popular e ambulante da cidade em importantes pontos comerciais da cidade demonstrou que 60,3% dos trabalhadores do comércio popular atuam sem permissão, como demonstrado no Quadro 27.

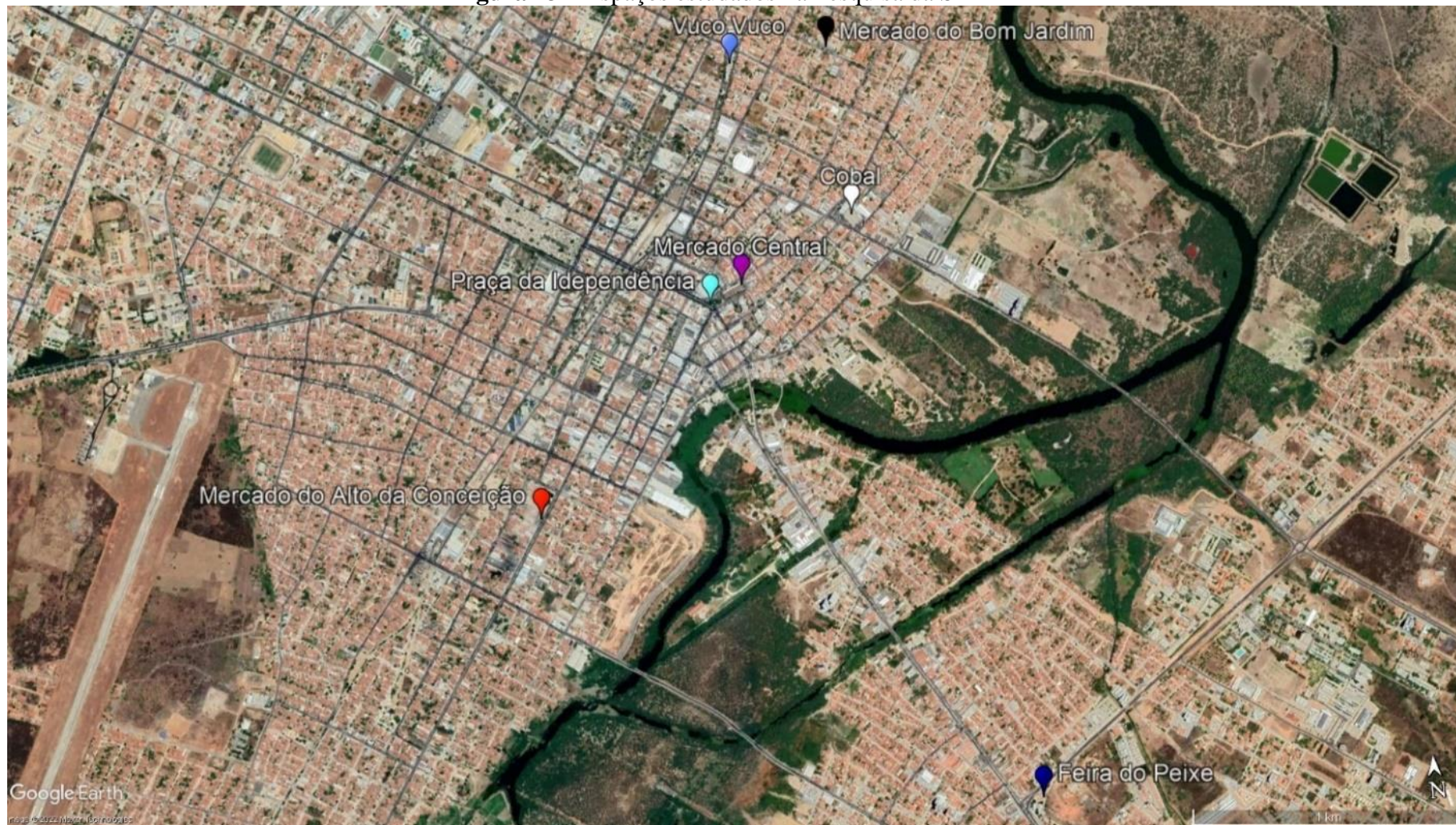
Quadro 27 - Distribuição de vendedores do comércio popular por localização, com e sem permissão

Localização	Bairro	Quantidade	%	Com permissão	%	Sem permissão	%
Centro	Centro	191	17,3%	51	26,7%	140	73,3%
COBAL	Paredões	333	30,2%	145	43,5%	188	56,5%
Feira do peixe	Alto de São Manoel	6	0,5%	-	0,0%	6	100,0%
Mercado Alto da Conceição	Alto da Conceição	30	2,7%	24	80,0%	6	20,0%
Mercado Central	Centro	126	11,4%	115	91,3%	11	8,7%
Mercado Bom Jardim	Bom Jardim	37	3,4%	33	89,2%	4	10,8%
Praça da Independência	Centro	74	6,7%	-	0,0%	74	100,0%
Vuco-Vuco	Bom Jardim	307	27,8%	70	22,8%	237	77,2%
Total	-	1104	100%	438	39,7%	666	60,3%

Fonte: Prefeitura Municipal de Mossoró (2021)

A espacialização desses locais pode ser vista na Figura 13.

Figura 13 – Espaços estudados na Pesquisa da SEDAT



Fonte: Google Earth (2022).

Observa-se que os espaços são espalhados pela malha urbana de Mossoró, sendo a Central de Abastecimento Prefeito Raimundo Soares (COBAL) e o Vuco-Vuco responsáveis pela maior quantidade de estabelecimentos do comércio popular na cidade.

Vale ressaltar que, levando em consideração que a Praça de Independência e o Mercado Público estão no bairro Centro, este, se configura como bairro de maior concentração do comércio popular na cidade com um total de 391 de estabelecimentos, uma representatividade de 35,40% do total da pesquisa.

Além destas informações, a pesquisa divulga que 68% dos trabalhadores deste comércio são do sexo masculino e 32% do sexo feminino, em que há uma renda mensal estimada em R\$ 2,5 milhões, uma renda média para cada comerciante de R\$ 2.235,00 mensais.

Apesar do entendimento de que circuito inferior não é sinônimo de setor informal, foi percebido que o setor informal crescente, apontado tanto pelo presidente do sindicato quanto pelo secretário de desenvolvimento econômico, trabalho e turismo, estão ligados ao circuito inferior devido, como os próprios entrevistados falaram, serem em sua maioria ex-funcionários que devido à crise econômica e impactos da pandemia não encontraram a quem vender sua mãos de obra, ou seja, estabelecimentos surgidos a partir do desemprego.

Essa hipótese é reforçada com os dados da pesquisa da própria SEDAT que como visto, de todos os vendedores do comércio popular mais de 60% atuavam de forma ilegal e detinham uma renda média abaixo de 2 salários mínimos, renda insuficiente para desenvolver qualquer estabelecimento que não seja do circuito inferior da economia urbana.

Logo, supõe-se que conjuntamente ao crescimento do desemprego e informalidade em Mossoró, houve, a expansão do circuito inferior da economia em especial ao segmento alimentício, como citado pelo secretário, já que, esse segmento se configura como uma prioridade essencial para a vida, ele continua atendendo as necessidades humanas não importa se há ou não crises, a qual é, como ele se configura nas crises?

No próximo subtópico serão apresentados e debatidos os resultados da pesquisa de campo a partir de entrevistas com os empregados e empregadores dos estabelecimentos de comércio e serviço de alimentação como objetivo de compreensão da dinâmica destes

indivíduos a partir de questionamentos sobre rotina, motivo de escolha do ramo de alimentação, formas de venda, propaganda, adaptações com a pandemia, entre outros.

4.6 Questionário com agentes empregados e empregadores

A pesquisa apresentada a seguir fora realizada no período entre 23 de fevereiro de 2022 até 10 de abril de 2022 realizada em 110 estabelecimentos dos bairros Nova Betânia e Centro como representantes da faixa 1, Alto São Manoel e Doze Anos como bairros da faixa 2, e Ilha de Santa Luzia e Dom Jaime Câmara como integrantes da faixa 3.

A escolha inicial como foco de estudo foi partir das Avenidas Presidente Dutra e João da Escóssia devido a concentração dos estabelecimentos nessas avenidas, como pode ser observado nos Quadros 28 e 29.

Quadro 28 - Concentração de estabelecimentos nas Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra

	Restaurantes	Lanchonetes	Bares	Ambulantes	Total
Avenida Presidente Dutra	77	56	8	6	147
Avenida João da Escóssia	102	102	10	11	225

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda de Mossoró (2021)

Quadro 29 - Concentração de estabelecimentos nas Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra por bairros e segmentos estudados

	Restaurantes		Lanchonetes		Bares		Ambulantes		Total	
Nova Betânia	127	66%	84	51%	10	37%	10	58%	231	57%
Alto São Manoel	50	63%	30	37%	2	20%	2	13%	84	46%
Doze Anos	4	8%	4	13%	0	0%	0	0%	8	11%
Ilha de Santa Luzia	21	77%	26	86%	6	100%	3	60%	56	82%
Dom Jaime Câmara	4	18%	0	0%	0	0%	1	16%	5	8%
Total	206	56%	144	42%	18	32%	16	34%	384	47%

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda de Mossoró (2021).

Como pode ser visto, com exceção do bairro Doze Anos, há uma relevante concentração dos estabelecimentos nas avenidas. A média geral entre os bairros estudados foram de quase metade dos estabelecimentos se concentrando nas avenidas, a qual o bairro Ilha de Santa Luzia ultrapassou a concentração em mais de 80% dos seus estabelecimentos na Avenida Presidente Dutra, e o bairro Nova Betânia detém 57% dos seus estabelecimentos na João da Escóssia.

Naqueles bairros a qual as Avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra não se tornaram suficientes para alcançar uma margem mínima estatística para a realização de

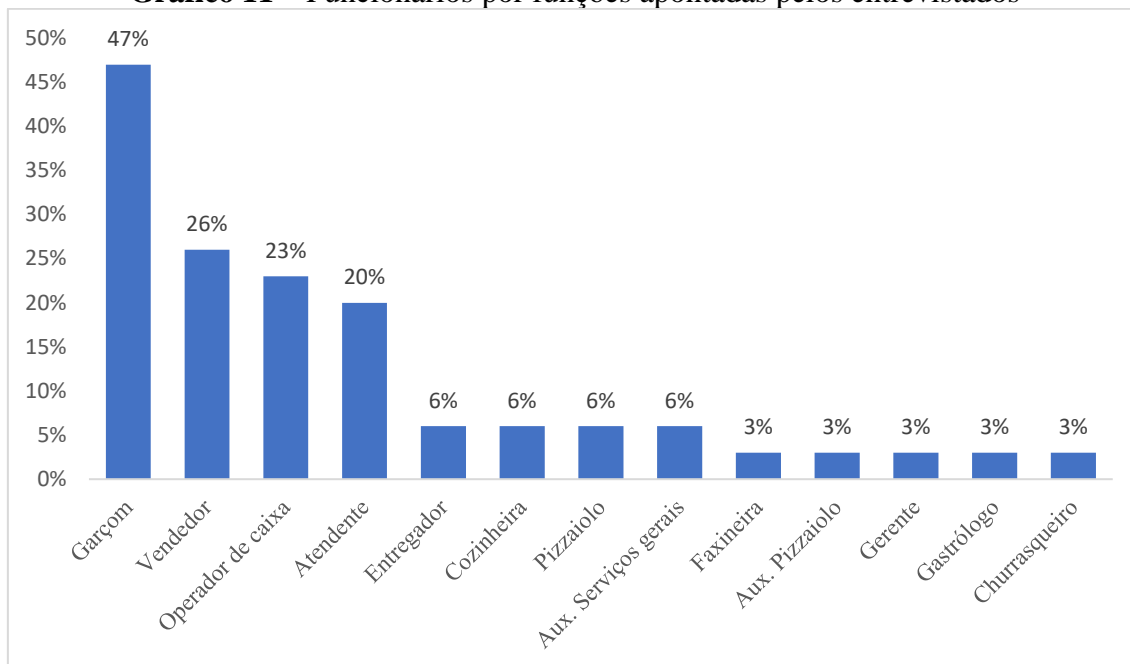
amostra entre 5% e 10%, foram realizadas entrevistas em estabelecimentos que se localizavam em ruas arteriais influenciadas de formas diretas às Avenidas Presidente Dutra e João da Escóssia.

Os questionários foram realizados *in loco*, durante as atividades dos trabalhadores, alguns pontos que de início estavam no planejamento foram excluídos como forma de agilizar à entrevista pois os empregados e empregadores respondiam enquanto trabalhavam, podendo atrapalhar sua dinâmica diária, outras foram excluídos e ou tornado de forma maleáveis devido algumas dificuldades percebidas.

Provavelmente essas resistências se deram devido o receio das entrevistas serem alguma fiscalização ou coisa semelhante, e, como apontado pelo secretário Franklin Alves Filgueira e presidente Gilmar Moreira de Oliveira, a informalidade se intensificou com a pandemia, logo, pode ter havido receio em expor, principalmente com a presença dos patrões.

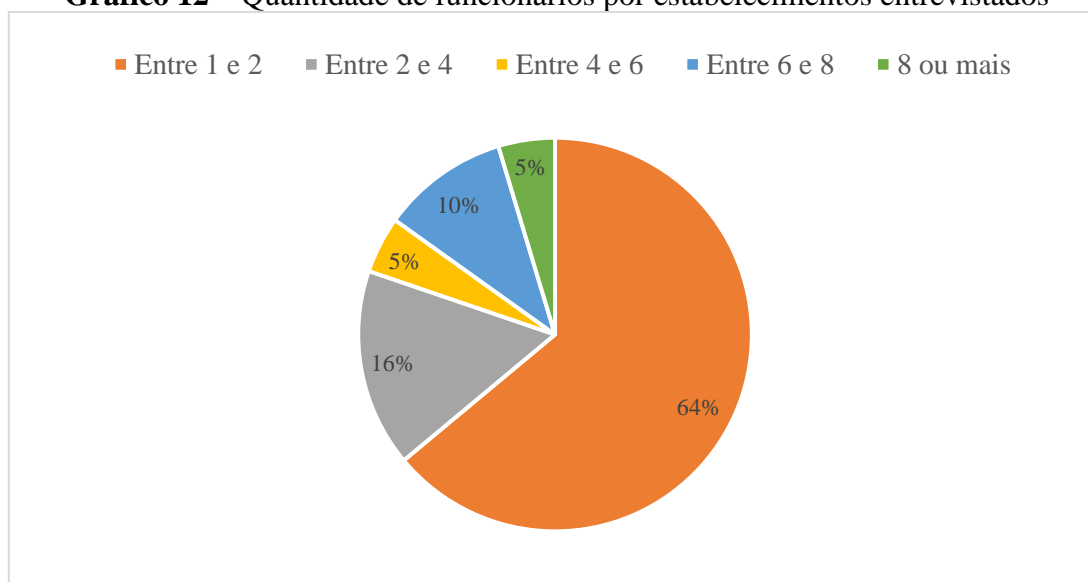
4.6.1 Características e dinâmicas dos agentes empregadores e empregados do ramo de alimentação em Mossoró

Como escrito, neste subtópico serão apresentados dados para compreensão do perfil dos entrevistados e dinâmica dos estabelecimentos entre os funcionários houve um total de 75 entrevistados em distintos cargos, sendo 56% do sexo feminino e 44% do sexo masculino, o Gráfico 11 mostra o percentual das funções dos apontadas pelos entrevistados.

Gráfico 11 – Funcionários por funções apontadas pelos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022)

Como visto, os funcionários do ramo de alimentação acumulam funções, dos entrevistados 44% apontaram exercer mais de uma função dentro do estabelecimento, isto pois, percebeu-se que era comum a pequena quantidade de funcionários entre os estabelecimentos, como demonstrado no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Quantidade de funcionários por estabelecimentos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022)

Ainda há, entre os funcionários uma forte presença de familiares, de acordo com os entrevistados, 55% dos trabalhadores dos estabelecimentos eram familiares a qual foram apontados esposa, esposo, filhos, mãe, pai, irmã, tia, sobrinha e sogra.

Quanto às localidades de moradia dos entrevistados, estas podem ser observadas no Quadro 30.

Quadro 30 - Localidade de moradia dos entrevistados

Bairro	Funcionários	Patrões
Abolição	4%	6%
Aeroporto	6%	6%
Alto da Conceição	4%	-
Alto de São Manoel	10%	22%
Bela Vista	-	5%
Belo Horizonte	-	-
Costa e Silva	6%	-
Dom Jaime	3%	-
Ilha de Santa Luzia	-	-
Liberdade	6%	-
Nova Betânia	4%	16%
Rincão	9%	5%
Planalto	4%	6%
Redenção	4%	6%
Santa Delmira	4%	-
Santo Antônio	9%	4%
Sumaré	3%	-
Zona Rural	3%	-
Não Respondeu	3%	6%
Total	100%	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

O Quadro mostra uma maior amplitude de bairros entre os funcionários e uma maior concentração entre os patrões nos bairros Alto de São Manoel e Nova Betânia, bairros que estão inclusos no recorte de estudo. Interessante destacar que nenhum dos entrevistados mora no bairro Centro da cidade, este, cada vez mais se configurando enquanto espaço comercial da cidade, e não residencial.

Com os dados obtidos foi-se possível fazer à relação entre os funcionários e patrões que moraram nos bairros em que trabalham, mostrado no Quadro 31.

Quadro 31 - Entrevistados que trabalham e residem no mesmo bairro

	Patrão	Funcionário
Sim	50%	17%
Não	50%	83%

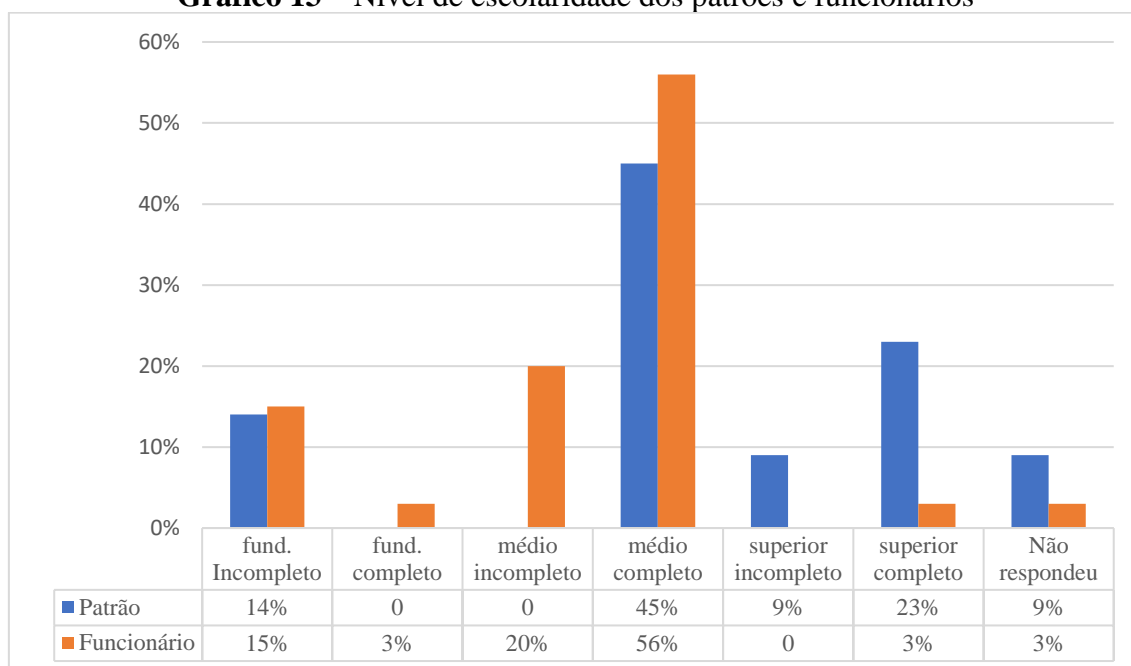
Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

Como pode ser visto, os patrões detêm maior porcentagem no que diz respeito o morar no bairro em que trabalham, isto ocorre por fatores como poder de escolha tanto de abrir a atividade próximo à sua residência, como o estabelecimento ser parte direta que existia (ex: uma garagem ou área que foi adaptada) ou usufruir diretamente da própria residência do patrão (um quiosque ou barraquinha na calçada).

O ato de transformar parte da sua residência no seu ponto comercial, ou usufruir diretamente da própria residência, acarreta tanto no benefício de economizar tempo e deslocamento, quanto economia de verba para o mesmo deslocamento e para o aluguel de um fixo, além de que muitos destes indivíduos reaproveitam recursos como eletrodomésticos que possuem na própria casa.

Já no que diz respeito à escolaridade os dados podem ser percebidos no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Nível de escolaridade dos patrões e funcionários

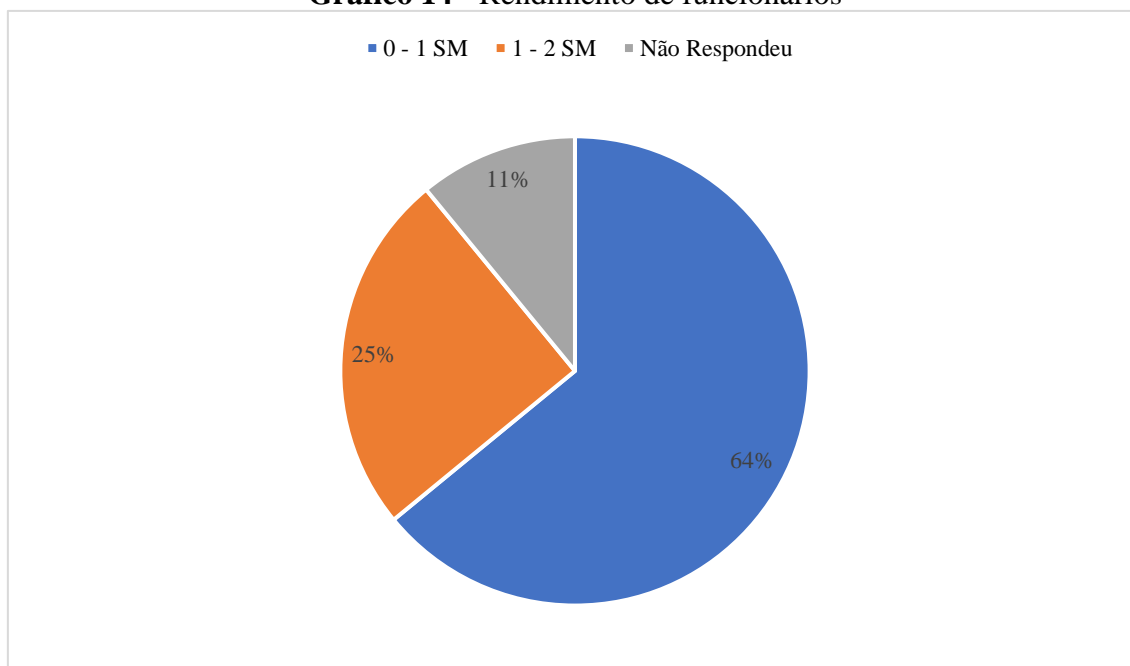


Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022)

Observou-se uma diferença ao acesso ao ensino superior, enquanto 1/3 dos patrões estavam no ensino superior ou já o tinham, apenas 3% dos funcionários atingira o grau de escolaridade. Fora perceptível que, apesar de poucos (17%), os funcionários tinham mais acesso a cursos de capacitação como auxiliar administrativo, vigilante, capacitação, informática e programação.

Apesar disso, dentre os que detinham alguma formação, apenas 16% estavam exercendo funções que necessitasse de forma direta, isto pois o curso ocorrera após a empregabilidade, os demais 84% ocupavam cargos dessemelhantes. A pesquisa ainda apresenta dados quanto ao rendimento dos funcionários, no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Rendimento de funcionários



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

Em Mossoró, 64% dos trabalhadores entrevistados estão abaixo, respectivamente, da média de 1,7 e 1,4 salário mínimo nos serviços e comércios do Nordeste no ano de 2019 (IBGE). Não fora apontado por nenhum dos funcionários um salário igual ou superior à 3 salários mínimos.

É talvez devido esse baixo rendimento entre 0 e 1 salário que 32% dos funcionários alegaram acumular o cargo com uma outra atividade, sendo apontados trabalhos como autônomo, vendedor de lanches em casa, MEI, promotor de vendas, cabeleireira, moto boy e faxineira. Para Cataia e Silva (2013, p. 62) “muitas atividades, mesmo com carteira assinada não geram renda suficiente para atender as necessidades básicas da população e atender à ditadura dos consumos modernos”.

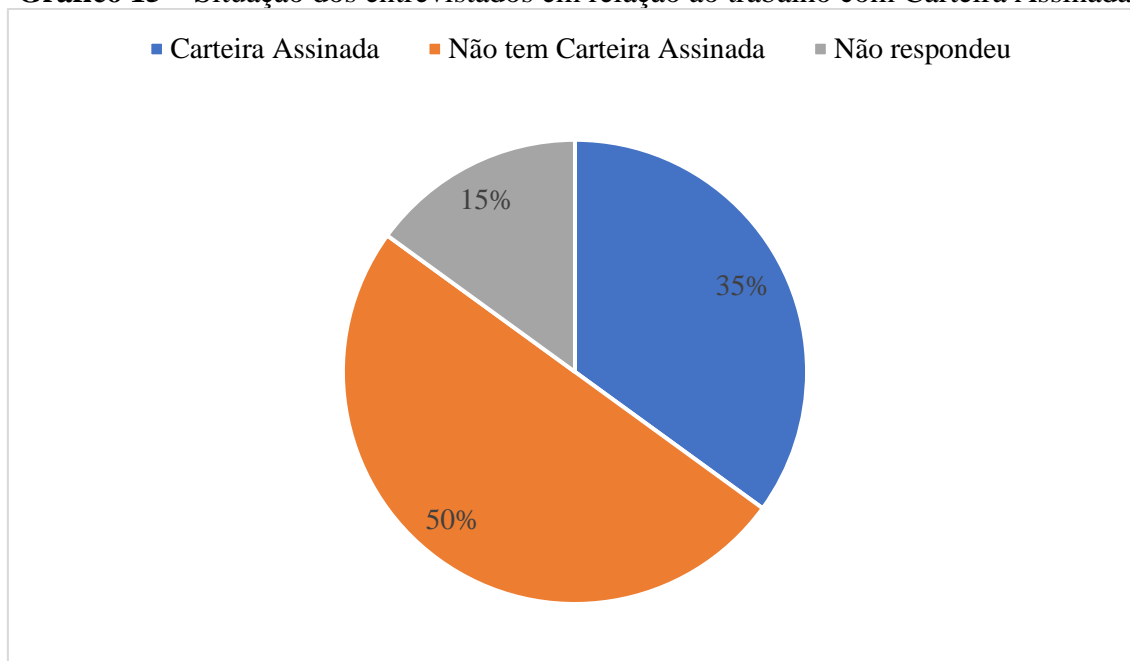
Ainda entre os funcionários, 38% afirmaram que a atividade atual fora sua primeira atividade, enquanto 62% já trabalharam em outras funções, sendo-as: estoquista, jovem aprendiz servente, impressor de jornal, vigilante, vendedora hamburguer em casa, operador telemarketing, MEI, vendedora de marmita em casa, motorista de ônibus

escolar, vendedor ambulante, vendedora de cosméticos, funcionário em outro estabelecimento, faxineira, pasteleiro, moto boy, vendedora de lanches em casa, frentista. Essa realidade pode ser compreendida a partir da afirmação de Silveira (2017, p. 75) na perspectiva do circuito inferior.

O circuito inferior nasce e se desenvolve em função tanto da insatisfação das demandas criadas pela economia hegemônica como do desemprego estrutural. As pequenas atividades permitem sobreviver pela criação de oportunidades de trabalho e, ao mesmo tempo, consumir bens e serviços de menor valor agregado

No que diz respeito à legalidade, o Gráfico 15 demonstra as respostas obtidas.

Gráfico 15 – Situação dos entrevistados em relação ao trabalho com Carteira Assinada

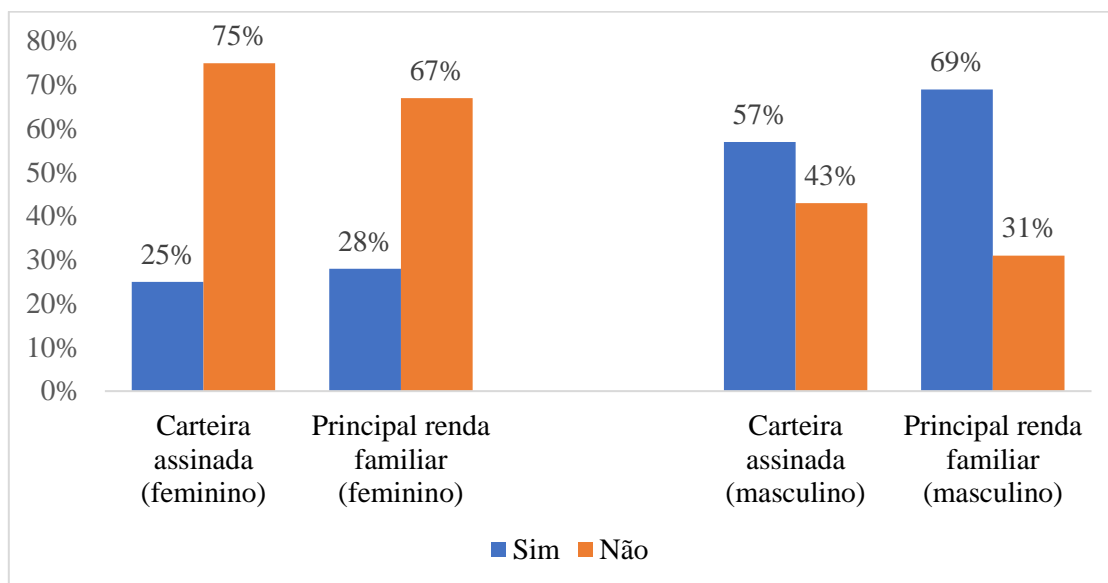


Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022)

O Gráfico 15 ressalta as falas já ditas pelo presidente do Sindicato Gilmar Moreira de Oliveira e pelo Secretário e Professor Franklin Alves Filgueira, a qual metade dos entrevistados alegaram estar na informalidade, e pouco mais de 1/3 terem afirmado ser carteira assinada.

Foi percebido também disparidades nas realidades masculinas e femininas no que diz respeito à contratação e renda familiar, como exposto no Gráfico 16.

Gráfico 16 - Índice de funcionários por sexo que são carteira assinada e/ou principal renda familiar

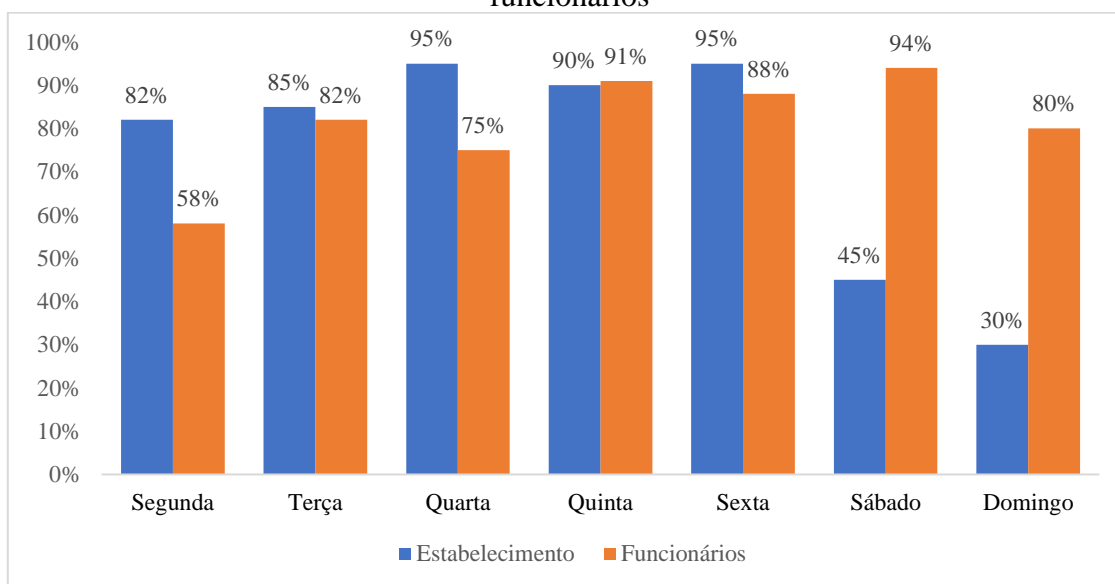


Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

Como observado, é o grupo feminino que tanto tem menos carteira assinada como é o menor na principal renda familiar, esse fenômeno pode ser compreendido a partir da pesquisa de Guiginski (2015) sobre o mercado de trabalho e relações de gênero a qual a autora descreve que a inserção da mulher no mercado de trabalho ocorre de forma desfavorável em relação ao homem, isso pois, as mulheres são mais expostas a trabalhos precarizados e informais, geralmente, também, com menor acesso à formação técnica e profissional

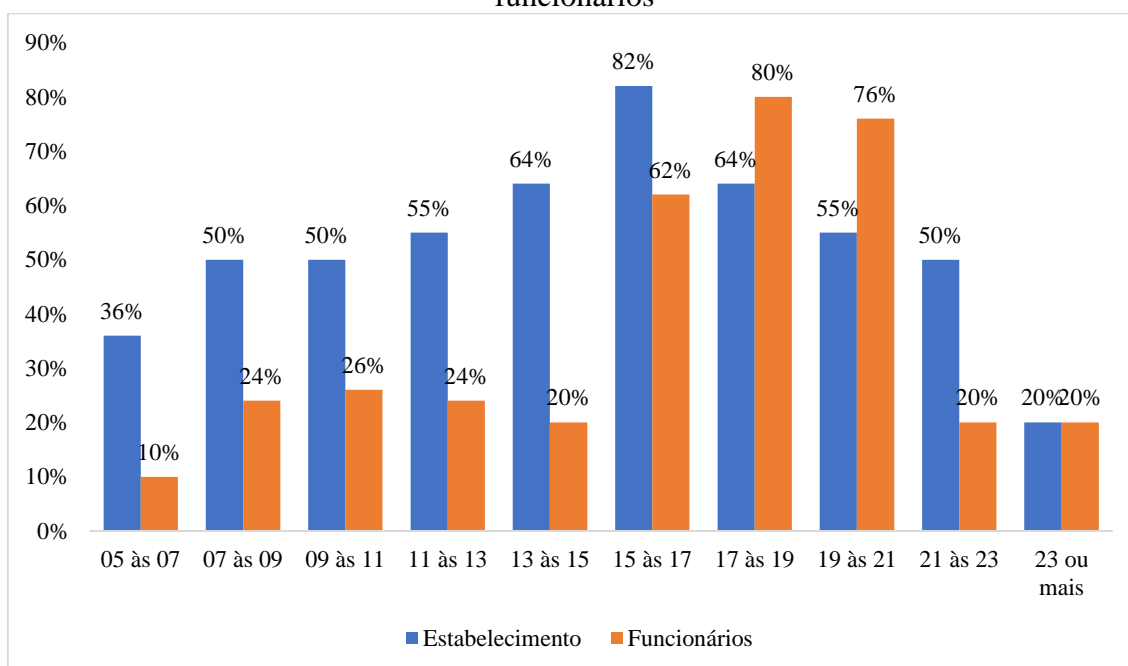
Os dias da semana de atividade bem como carga horária tanto dos estabelecimentos quanto dos funcionários também fora ponto de questionamento na pesquisa, os dados podem ser vistos nos Gráficos 17 e 18.

Gráfico 17 – Dias da semana de funcionamento dos estabelecimentos e trabalho dos funcionários



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

Gráfico 18 – Horários de estabelecimentos abertos e horário de trabalho dos funcionários



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

A partir dos Gráficos 17 e 18 percebe-se a importância da presença dos estabelecimentos de alimentação na cidade, levando em consideração que em todos os dias e em todos os horários sempre há algum estabelecimento aberto embora não na mesma intensidade.

Essas diferenças ocorrem tanto para atender demandas essenciais como as principais refeições diárias, quanto para atender e usufruir dos indivíduos que aproveitam de horários não comerciais como forma de lazer.

Além disso, nota-se que ao contrário do que aparenta ser, os fins de semana são os dias em que há menos estabelecimentos abertos, consistindo esses dias especialmente abertos as lanchonetes e bares noturnos, enquanto parte significativa dos estabelecimentos vespertinos que aproveitam os fluxos diários de trabalhadores e estudantes fecham.

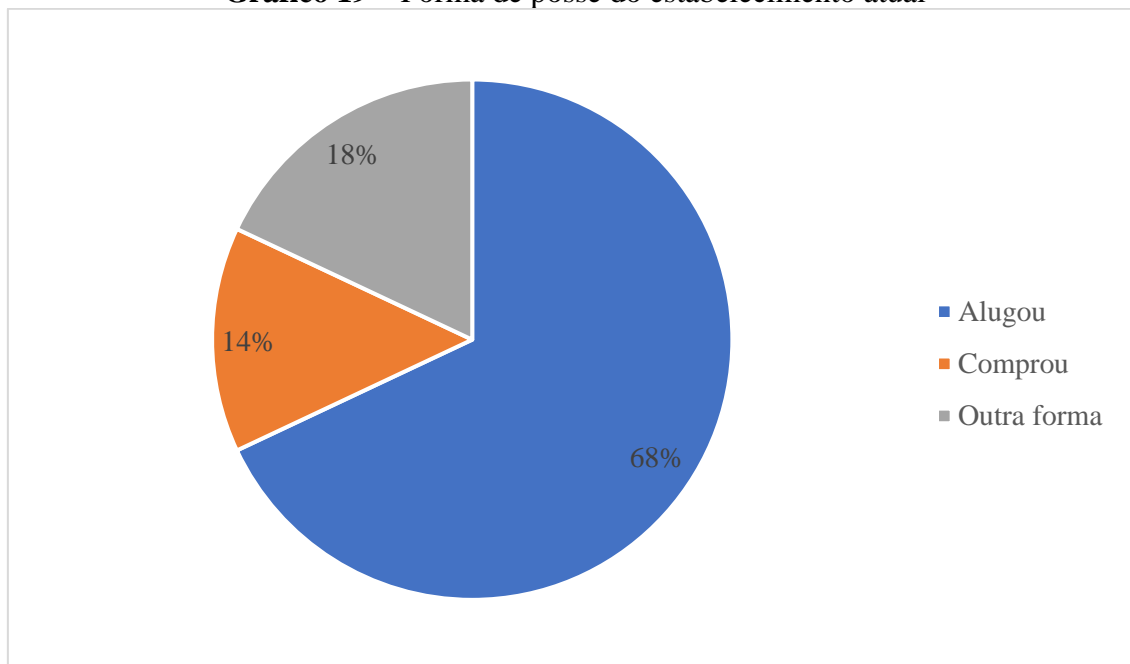
Quanto à carga horária, o horário em que mais estabelecimentos estavam abertos foi entre 15h e 17h, horário de intermédio entre os estabelecimentos que focam no horário de almoço ainda estarem parcialmente abertos e/ou em organização sem público, e estabelecimentos que focam no público noturno estarem começando suas atividades.

Os horários matutinos apresentam uma taxa elevada de estabelecimentos abertos em comparação aos funcionários pois estes números foram impulsionados por estabelecimentos que detinham nenhum ou apenas 1 funcionário, como serviços ambulantes e pequenas lanchonetes que tinham como alvo principal o público que se alimentavam nas ruas.

Já a partir das 21h ou mais o número de funcionários ultrapassou o de estabelecimento pois parte desse horário há o encerramento do atendimento aos clientes mas não o encerramento do trabalho, levando em consideração que os funcionários incluem em suas atividades reorganizar parte do estabelecimento para o dia seguinte.

O próximo subtópico irá trazer dados e falas obtidos na pesquisa de campo sobre as dinâmicas e organizações dos estabelecimentos além de impactos e adaptações enfrentados frente a crise pandêmica desde 2020.

Uma das questões para compreensão da dinâmica dos estabelecimentos é o seu início: a posse. Logo, o questionário teve como uma das perguntas aos patrões “Como conseguiu este local?”, as respostas podem ser vistas no Gráfico 19.

Gráfico 19 – Forma de posse do estabelecimento atual

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

O Gráfico 19 mostra que a principal forma de posse dos estabelecimentos é pelo meio do aluguel, a opção de outras formas aparece com 18%, esses alegaram fazer de parte de sua residência o estabelecimento, pedir permissão ao dono do estabelecimento para fixar-se, ter sido solicitada e fazer proveito da casa de parentes, algumas das falas foram:

“O dono do restaurante aqui me chamou, ele veio com a proposta pois é uma ajuda mútua já que eu posso vender açaí para o público dele, então complementa né, com produto que ele não tem” (Entrevista 02, Mulher, Segmento de Serviços ambulantes de alimentação, bairro Alto de São Manoel, há 1 ano na atividade)

“Aqui era um cômodo da casa de uma parente, um quarto que a gente quebrou e abriu o negócio, aproveitou que era na Avenida, daí a gente dá só uma ajuda nas despesas mesmo” (Entrevista 03, Homem, Segmento de Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares, bairro Nova Betânia, há 2 anos na atividade)

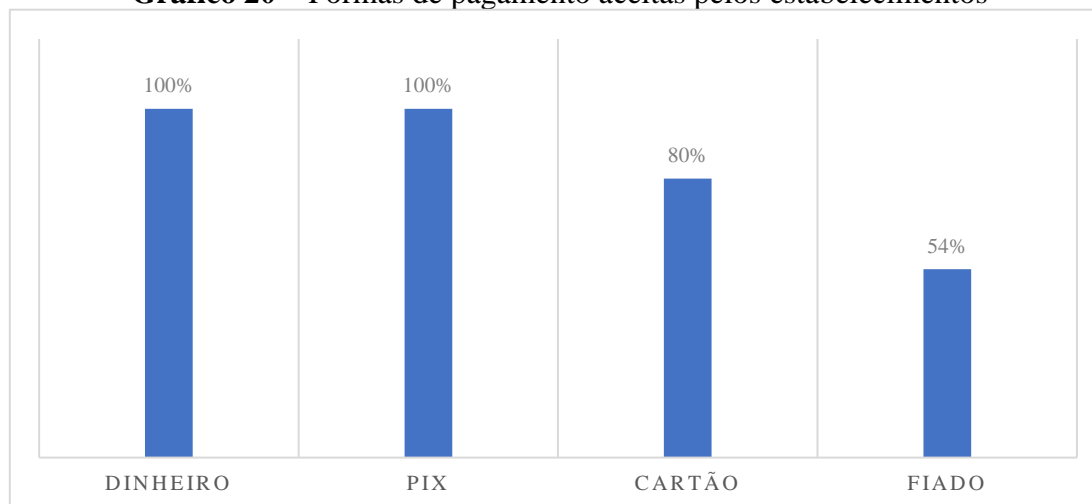
Por fim, o último segmento foi o de que o estabelecimento foi comprado com uma participação de 14%, isso pode ocorrer devido a dinâmica rápida e efêmera da atividade, que se mostrou uma atividade muitas vezes inconstante, a qual donos de pequenos negócios o fecham para entrar numa outra atividade rapidamente caso lhe seja conveniente.

No que diz respeito ao uso de propaganda 68% dos estabelecimentos alegaram utilizar o método, enquanto 32% não, esse número expressivo surge à partir da

democratização do uso de redes sociais como método de propaganda, alcançando com facilidade centenas de clientes.

As formas de pagamento que os estabelecimentos aceitaram aparecem no Gráfico 20.

Gráfico 20 – Formas de pagamento aceitas pelos estabelecimentos



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

O Gráfico 20 mostra que o dinheiro e pix são métodos utilizados integralmente pelos donos de estabelecimento como forma de pagamento, vale ressaltar que o pix é um meio de pagamento criado pelo Banco Central em novembro de 2020, estão em suas características fatores como rapidez, já que as transações são concluídas em poucos segundos, a disponibilidade 24 horas por dia, sete dias da semana, a gratuidade e segurança.

O fato do pix ser abarcado por todos os estabelecimentos demonstra o que Santos (2018) escrevia já ainda na década de 1970, que o circuito inferior apesar de não criar as conjunturas e dinâmicas modernas, esse circuito, se adapta às novas condições, logo, percebe-se que as coisas ainda se aproximam da afirmação do autor de que “O circuito inferior tem uma verdadeira ‘fome’ de dinheiro líquido” (SANTOS, 2018, p. 232).

De acordo Silveira (2007) o circuito inferior não pode ser observado de modo genérico igualmente à forma de atraso pois no mundo globalizado o sistema técnico, a informação, as formas de finanças alcançam o circuito inferior a qual a população pobre consome a partir do processo de crédito que atinge todas as classes sociais.

Essas novas formas de pagamentos como o pix e até mesmo o cartão de crédito como uso comum e aceitação comum entre os estabelecimentos ocorrem de acordo com

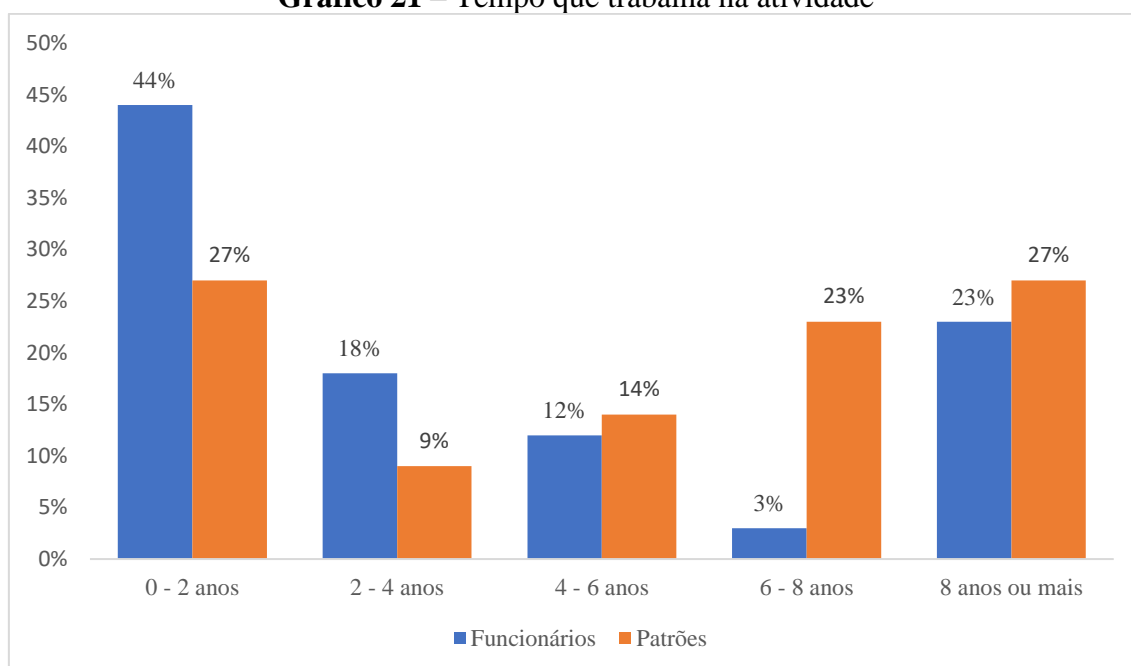
Cataia e Silva (2013) há uma necessidade no mundo globalizado pelo uso do elemento do crédito como forma de expansão do consumo.

O fiado ainda persiste como espécie de crédito informal, apesar do surgimento e expansão das formas de crédito e pagamentos sem necessidade de pagamento via dinheiro líquido, o número de patrões de estabelecimentos que disseram fazer vendas no formato de fiado foi de 54%.

Fora percebido que aqueles que aceitam fiado são os patrões que estão há longo tempo na atividade e já sentem seguros por ter uma clientela de tempo com confiança, entre aqueles que alegaram vender fiado apenas 8% tinha o estabelecimento há menos de 1, 25% que vendiam fiado estavam no setor em um período de tempo entre 1 e 3 anos, enquanto 67% trabalham no segmento num período entre 5 e 20 anos.

Dados quanto ao tempo de trabalho no segmento de alimentação podem ser melhor vistos no Gráfico 21.

Gráfico 21 – Tempo que trabalha na atividade



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

Levando em consideração que os primeiros decretos à níveis estaduais no RN foram publicados em Março de 2020¹⁷, as primeiras colunas de 44% dos funcionários e

¹⁷ Decretos estaduais de nº 29.512 e nº 29.513, ambos de 13 de março como primeiros decretos estaduais, com orientações principalmente para órgãos estaduais e orientações de medidas futuras pela secretaria de estado da saúde pública do rio grande do norte, fora, apenas a partir do decreto nº 29.541, de 20 de março que os serviços e comércios de alimentação foram afetados de forma direta, com a “suspensão do funcionamento de restaurantes, bares, lanchonetes e similares, mantendo o serviço de entrega e retirada no

27% dos patrões adentraram no ramo de alimentação durante o período pandêmico, logo, estes grupos foram grupos que em potencial viram o ramo de alimentação como uma oportunidade durante a crise pandêmica. Podemos constatar, por meio das falas obtidas durante a pesquisa de campo que reforçam a afirmativa do ramo de alimentação enquanto oportunidade durante a pandemia.

Essa pandemia foi uma das piores coisas que aconteceu no mundo, travou tudo, a gente não pôde trabalhar, além das mortes né, ainda bem que ainda não tava no comércio senão me desestruturava porque tinha que fechar. Antes da pandemia eu tava com um caminhão que comprei, vendi porque só queriam fazer frete de graça, não consegui manter por raiva mesmo. Sempre tive vontade de entrar nesse setor, aí quando apareceu oportunidade, peguei o dinheiro do caminhão que vendi e abri. (Entrevista 6, Homem, Segmento Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, bairro Alto de São Manoel, 1 mês no ramo de alimentação)

Fiquei sem emprego em casa vendendo comida, me virava, até consegui um emprego fixo, não recebi o auxílio. Estou agora eu e meu esposo com projeto de montar nosso próprio negócio de alimentação, por ser uma área que gostamos, que dá trabalho mas também renda (Entrevista 39, Mulher, Funcionária no segmento Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares, bairro Nova Betânia, 4 meses no estabelecimento atual)

O meu trabalho mesmo é de motorista, e fui afetado com a pandemia, eu era dono de um transporte escolar e parei na pandemia quando parou tudo. Fiquei recebendo auxílio, e se tornou minha única renda que eu utilizava para pagar o transporte. Infelizmente em Agosto de 2021 vendi o meu ônibus por não conseguir manter ele sem o auxílio. (Entrevista 45, Homem, funcionário do segmento Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, bairro Nova Betânia, 4 meses no estabelecimento atual)

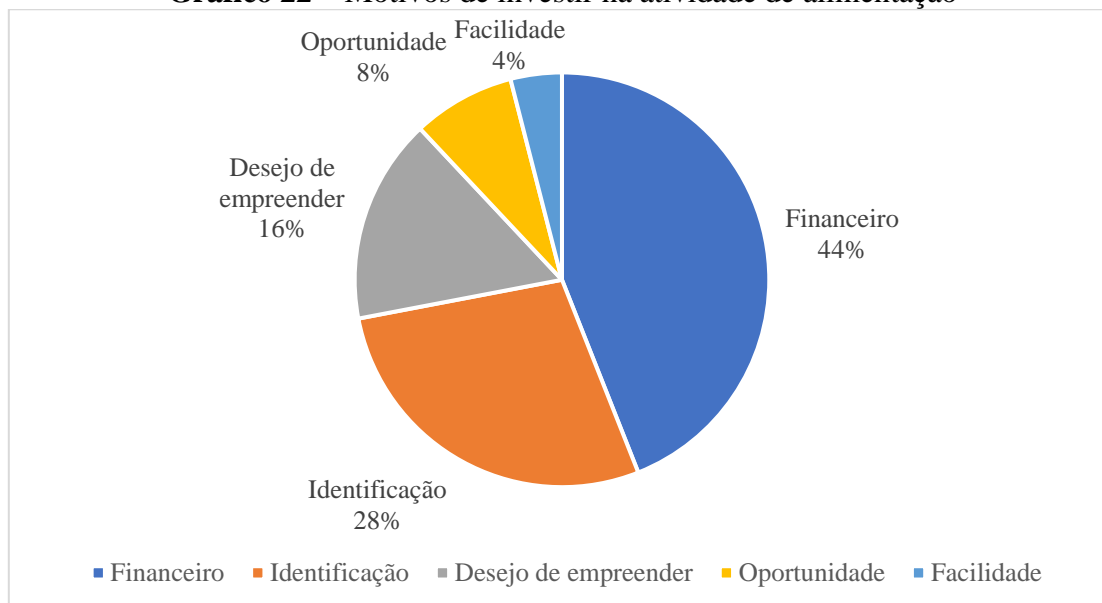
Como visto, a venda de alimentos é uma atividade tanto de geração de renda dos funcionários dos estabelecimentos como uma atividade de oportunidade entre esses próprios funcionários para desenvolver o seu próprio negócio, podendo ou não acumular as rendas como no caso dos entrevistados 24, 35, 47 e 50 que além de funcionários de estabelecimentos de alimentação trabalham com vendas de guaraná do Amazonas, açaí e lanches em geral em casa.

Isso ocorre não apenas como uma característica das vendas de alimentação mas como uma essência do próprio circuito inferior que surge com funções da insatisfação do desemprego estrutural da economia hegemônica, fazendo com que essas pequenas atividades abarque o desenvolvimento de oportunidades de trabalho e ao mesmo tempo o consumo de bens de menor valor agregado (SILVEIRA, 2013).

local.”, impulsionado pelo decreto nº 29.556, de 24 de março que houve “- ampliação até o dia 2 de abril da suspensão de funcionamento de todos os restaurantes, lanchonetes, praças de alimentação, praças de food truck, bares e similares, com a continuidade dos serviços de entrega e retirada no local.”

Quando questionados sobre o motivo de investir na atividade de alimentação, fora perceptível cinco motivos que se expressavam em suas falas, apresentados em percentuais no Gráfico 22.

Gráfico 22 – Motivos de investir na atividade de alimentação



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022)

Observa-se que o principal motivo que impulsionou o investimento no ramo de alimentação foi o financeiro com 44%, a qual apareceram falas como “Entrei por falta de trabalho, trabalhava numa empresa e ela fechou, peguei minhas contas e abri aqui” (Entrevista 05); “Estava desempregado e abri o negócio como tentativa de renda” (Entrevista 06).

A segunda tendência que mais aparecera nas falas fora a de Identificação com a venda de alimentos, em que surgiram os relatos “Faz tempo que trabalho nesse setor, antes eu trabalhava como cozinheiro em um hotel, depois em uma empresa de alimentação, daí então abri meu negócio” (Entrevista 19).

O Desejo de empreender apareceu com tendência em 16% das falas, como por exemplo o Entrevistado 13 “Já invisto em outro setor, abri esse negócio aqui por incentivo de um cunhado”, e o Entrevistado 21 que relatou “Comecei a atividade em 1993, antes eu era auxiliar de marceneiro. Sempre gostei de negócio próprio e quis fazer o meu”.

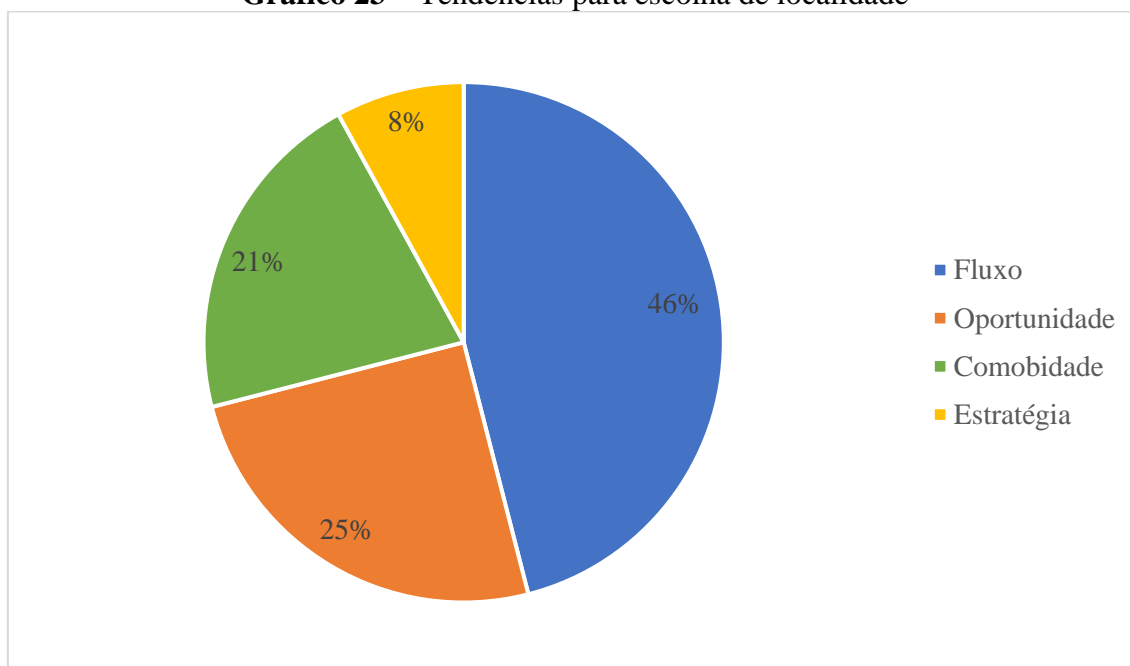
Os que viram o ramo de alimentação como uma Oportunidade de renda representaram 8% da tendência das falas, com falas como “Hoje em dia a comida é o que mais vende” (Entrevista 02), e “Hoje é o setor que mais dá dinheiro” (Entrevista 14).

Por fim, houve a tendência de Facilidade com 4% de entrar na atividade, como o entrevistado 18 que alegou que “Era um setor mais fácil em termo de emprego”. Santos (2018) descreve a facilidade de entrada na atividade devido a não exigência de alto capital ou qualificação.

A tendência financeira no topo do circuito inferior de vendas de alimentos pode ser vista, de acordo com Antipon (2017), pois essas atividades se tratam de sujeito que travam diariamente uma luta pela resistência através do trabalho que não gera acumulação de capital mas sim recursos mínimos que garantam sua sobrevivência tanto pessoal quanto no mercado.

No que diz respeito o motivo de escolha da localidade, foram percebidos 4 tendências nas respostas, sendo-as representadas no Gráfico 23.

Gráfico 23 – Tendências para escolha de localidade



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022).

O Gráfico 23 demonstra a representação das tendências de motivos de escolha do local de estabelecimento, pode ser verificado que o maior motivo para a escolha de estabelecimentos nas avenidas João da Escóssia e Presidente Dutra e no bairro Centro foi o fluxo desses espaços na cidade, essa tendência foi observada em falas como “O ponto é favorável pois o cliente passa na minha calçada” (Entrevista 01); “A escolha do local se deu pelo fluxo, pesquisas afirmam que aqui passa 37 mil pessoas por dia antes da pandemia” (Entrevista 09).

A tendência de Oportunidade apareceu em 25% das respostas, essa tendência é observada em falas como na Entrevista 08 “Aqui foi meu primeiro local de trabalho, o ponto já estava feito, eu trabalhava nele e depois assumi”; e na Entrevista 13 “Foi oportunidade mesmo, o ponto estava para alugar e arriscamos”.

A Comodidade apareceu em 21% das falas, nesse quesito os donos de estabelecimentos responderam que a escolha se deu por motivos a localidade ser cômoda, próxima à sua residência ou sendo sua própria residência, notada em falas como “O ponto já estava feito, é próximo à minha casa então vim para cá” (Entrevista 6).

A menor tendência que foi observada foi a de Estratégia que independeu do fluxo da cidade mas estratégia de venda para abarcar um público seletivo, como vista na resposta da Entrevista 11 “Escolhemos o ponto porque a cidade se concentra aqui, e pelo estudo da nossa lógica esse é o público que queremos atingir”.

Para Montenegro (2013) a escolha do circuito inferior por fatores estratégicos como o fluxo ou alcance de um público específico mesmo em áreas mais valorizadas da cidade como o bairro Nova Betânia ocorre pois apesar dos pequenos negócios do circuito inferior terem uma propensão de fixar-se na áreas mais desvalorizadas da cidade, esses estabelecimentos precisam de uma escala mínima de mercado que lhes deem condições de existirem, logo, algumas parcelas desses agentes que detém recursos o suficiente fixam-se nesses espaços.

São principalmente nessas localidades que essa exceção do circuito inferior compartilha espaço e concorre direta e indiretamente com um circuito superior marginal que foi observado a partir da pesquisa de campo.

Após pesquisa de campo, que inicialmente almejava focar no circuito inferior na cidade, com base na hipótese da ausência e/ou irrelevância doutro circuito, notou-se a presencialidade e identificação de um circuito superior marginal presente na cidade focando no manter e seduzir seus clientes através de prazer, conforto, segurança e atrações.

Vale ressaltar que, apesar desses estabelecimentos se assemelharem a um primeiro momento com o circuito superior no que diz respeito à estética tanto do estabelecimento quanto dos funcionários, do cardápio, além de semelhanças nas formas de comercialização, formalidade de tratamentos, entre outros, este não foi aqui entendido como superior propriamente dito pois suas empresas estão fixadas pontualmente no espaço urbano de uma cidade média, além do volume de lucro ser menor a empresas de circuito superior puro, uma menor empregabilidade que se baseia em empregados locais,

o desenvolvimento de uma zona de influência em nível de pequena escala (chegando no máximo a cidades vizinhas), entre outros fatores.

Um desses exemplos do circuito superior marginal em Mossoró é o Eco Park Food na Avenida João da Escóssia, sendo composto por um conjunto de quiosques como pizzarias, hamburguerias, açaiterias, vendas de sushi e barzinhos, além de apresentações musicais e artísticas como forma de atrair a clientela.

Figura 14 – Estabelecimento Eco Park Food instalado na Avenida João da Escóssia



Fonte: Autor (2022)

São esses restritos estabelecimentos que desenvolvem um circuito superior marginal voltado não apenas para a população pobre, esses agentes com certos graus de capitalização, tecnologia e organização, com atividades diferentes e complementares manifestam uma porção marginal unificada também a certas parcelas da economia moderna na cidade (SILVEIRA, 2015).

Um outro exemplo pode ser visto na Figura 15 na padaria Doces e Salgados do bairro Centro.

Figura 15 – Padaria Doces e Salgados no bairro Centro

Fonte: Autor (2022).

São estabelecimentos como o Eco Park Food, a padaria Doces e Salgados, Tchê Gourmet, Bambinos entre outros restaurantes, lanchonetes e bares na cidade que com um capital mais elevado não tem apenas como foco saciar a fome dos seus clientes mas também focar no lazer, no conforto e na segurança, servindo como espaços de encontros, reuniões e comemorações que atingem classes de maior poder da cidade.

Logo, nota-se que “as diferenças de renda [...] permitem a coexistência de formas diversas de produção e consumo” (SILVEIRA, 2015, p. 254), e essas formas diversas de produção e consumo foram vistas no comércio e serviço de alimentos em Mossoró.

O circuito superior marginal do ramo de alimentação em Mossoró mostrou-se como detendo uma maior variedade no menu, mesmo que seus clientes tenham que pagar mais devido ao consumo que não se limita a ser um consumo no espaço mas o consumo do espaço que sacia uma fome não apenas biológica mas também uma fome social do lazer, sociabilidade e do encontro.

No entanto, apesar de sua relevante presencialidade, não é esse o circuito que se encontra predominante no espaço das cidades como Mossoró, visto o número de

estabelecimentos na cidade a quantidade de comércios e serviços que detém essas características são poucos e presentes em localidades específicas.

A essência dos circuitos da economia em Mossoró se apresentou como inferior, sendo agentes com pouco dinheiro e pouco investimento que conseguem abrir uma barrquinha ou alugar um estabelecimento, focando no consumo imediato de clientes que estão passando rapidamente e precisam alimentar-se de forma mais barata, a partir de vendas como salgados, bolos e quentinhas, como visto na Figura 16.

Figura 16 – Estabelecimento de Serviço Ambulante do circuito inferior



Fonte: Autor (2022)

Um outro exemplo pode ser visto na Figura 17.

Figura 17 – Estabelecimento de Lanchonete do circuito inferior

Fonte: Autor (2022).

Para Santos (1994), são esses indivíduos que comercializam e consomem esses espaços, os homens lentos, agentes que num processo intelectual e criativo que experimentam a descoberta do mundo mais próxima do “real”, ou seja, realidades de mundo que lhe é ímpar à cidade de Mossoró, fixos particulares às características do contexto do lugar, que não se configuram como tentativas copiosas das formas e ações do circuito superior.

Para Zaoual (2016), isso ocorre pois apesar da propaganda do pensamento único da economia, essa que entendemos ser a propagada pelo circuito superior, há nas cidades de países subdesenvolvidos à procura de um modelo satisfatório para suas condições, para o autor, a singularidade do lugar, ou o que ele chama de sítio, é que dita os códigos, as normas, as convenções à partir de uma economia das iniciativas locais¹⁸.

As Figuras 18 e 19 reforçam à compreensão desse pensamento.

¹⁸ Para o autor, os sítios impregnam as dimensões dos territórios de vida, como as relações ao tempo, ao espaço, à arquitetura, vestuário, o saber, às técnicas, as formas de comercialização e investimento, fornecedores de delineações dos indivíduos de das suas organizações sociais, fazendo com que além do material o sítio seja também o imaterial cujo é impregnado o conjunto de comportamentos.

Figuras 18 – Estabelecimento de venda de lanches e almoços do Circuito Inferior



Fonte: Autor (2022)

Figuras 19 – Estabelecimento de venda de lanches e almoços do Circuito Inferior



Fonte: Autor (2022)

É a partir da análise desses estabelecimentos que pode-se compreender a variedade dos espaços locais, das múltiplas formas de vida tais como “ritos, regras do

jogo social, saber-fazer local, ofícios, atividade econômica, modos de organização econômica, trocas interindividuais, circulação monetária, despesas individuais e comunitárias, habitat, patrimônios, etc” (ZAOUAL, 2006, p. 89).

Como visto, o comércio e serviços de alimentação não são uno, estes se apresentam, diferentes e desiguais, numa tentativa de abarcar diversos consumidores em diferentes situações de rotina que variam do lazer à necessidade. No próximo capítulo irá ser debatido um fator em comum que trouxe modificações para todos os estabelecimentos: a pandemia COVID-19.

5 IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NO COMÉRCIO E SERVIÇOS

O estudo aqui escrito, a priori, não visava tomar como uma de suas pautas a pandemia COVID-19. Todavia, como este fato se fez presente na realidade pós-2020, impactando atividades diversas, dentre as quais o comércio e serviço de alimentos, os postos de trabalho ofertados, a renda de seus trabalhadores, estando continuamente nas falas dos agentes contemplados pela pesquisa e na economia como um todo, torna-se impossível ignorá-lo.

O espaço geográfico é sempre um presente, as formas mais a vida que as anima. A pandemia COVID-19, enquanto fator existente, não poderia ser desconsiderada pois, o espaço geográfico muda concomitantemente às demais relações sociais, tendo em vista que o espaço detém “uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade” (SANTOS, 2006, p. 67).

Dessa forma a discussão apresentada sobre o impacto da pandemia COVID-19 no comércio e serviço de alimentação ocorre aqui dividida em dois subtópicos, sendo o primeiro a partir de apresentação de dados secundários do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que demonstram impactos da pandemia na dinâmica e organização do setor terciário e nos serviços de alimentação no Brasil e do Rio Grande do Norte a partir de dados como funcionamento, demissões e faturamento.

O segundo subtópico é desenvolvido à partir de dados e falas obtidas pelos empregados e empregadores em Mossoró na pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022.

5.1 “O impacto da pandemia Coronavírus nos pequenos negócios”, de acordo com o SEBRAE

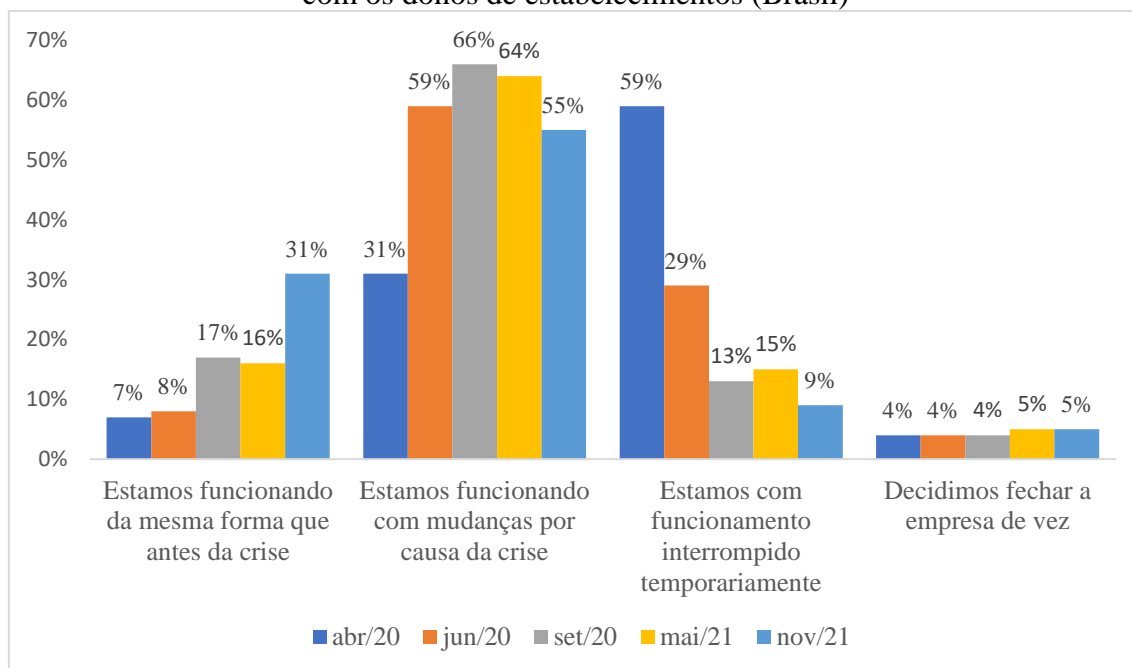
A pesquisa do SEBRAE se denomina “O impacto da pandemia Coronavírus nos pequenos negócios” que possui 13 edições, iniciando em Março de 2020 e tendo como última edição um estudo em Novembro de 2021. Todas as edições tiveram como amostra estabelecimentos dos 26 Estados e Distrito Federal com média de 17 milhões de pequenos negócios entrevistados a partir de formulários online, com intervalo de confiança de 95%.

Além dessas edições, há duas edições do estudo “O impacto da pandemia Coronavírus nos pequenos negócios do RN”, realizada em Abril e Maio de 2020 por meio

de formulário via *CATI Survey*, tendo como amostra da pesquisa 361 empresários em todo o Estado e um nível de confiança de 95%.

Um dos questionamentos da entidade é a respeito das mudanças de funcionamento dos estabelecimentos perante a crise econômica intensificada pela pandemia. O Gráfico 24 expõe às respostas dos entrevistados:

Gráfico 24 – Funcionamento das empresas durante a Pandemia COVID-19, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil)



Fonte: SEBRAE (2020; 2021).

Em Abril de 2020 aproximadamente 2/3 dos estabelecimentos ou estavam com funcionamento interrompido ou fecharam a empresa, levando em consideração que o primeiro caso de COVID-19, confirmado pelo Ministério da Saúde no Brasil, foi no final de fevereiro de 2020.

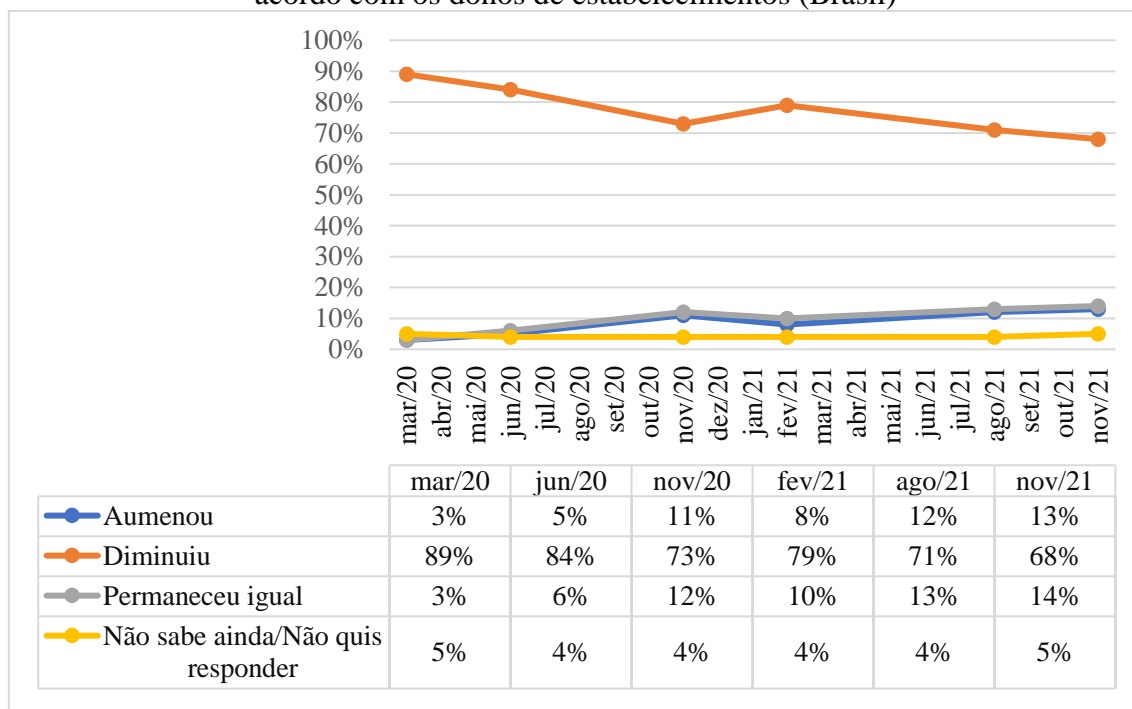
A diminuição de estabelecimentos que interromperam seu funcionamento reduziu de um número de 59% para 29% em menos de dois meses, migrando estatisticamente para aqueles que estavam funcionando com mudanças, demonstrando estratégias de adaptações que o setor terciário desenvolveu para permanecer em funcionamento no contexto de distanciamento social.

Outro dado que demonstra essa rápida adaptação é o fato de que, como já citado, em Abril de 2020, aproximadamente 2/3 dos estabelecimentos no país interromperam a atividade ou a fecharam de vez, enquanto essa característica se tornou realidade de apenas 14% do total de entrevistados, enquanto os demais 86% ou estavam funcionando, 31% já

da mesma forma que antes da crise (maior número desde o início das pesquisas) e 55% com mudanças.

A paralização das atividades fora abrupta e atingindo um universo significativo dos estabelecimentos bem como do seu faturamento mensal. O Gráfico 25 apresenta os resultados a partir do questionamento do impacto da pandemia neste quesito.

Gráfico 25 – Faturamento mensal das empresas durante a Pandemia COVID-19, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil)



Fonte: SEBRAE (2020; 2021).

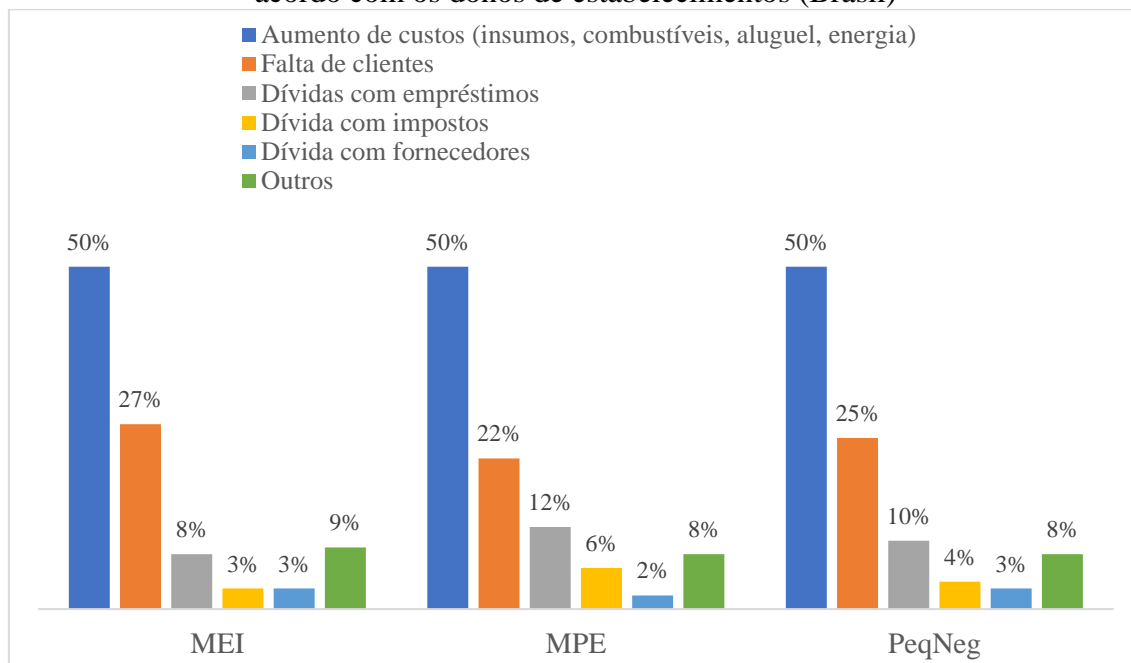
Apesar dos estabelecimentos terem voltado à atividade, como visto no Gráfico 25, o faturamento mensal não acompanhou o mesmo processo. Em Novembro de 2021, 68% dos estabelecimentos registravam seu faturamento ainda menor do que na pré-pandemia.

É perceptível, aos poucos, os avanços ao retorno habitual da atividade, a qual em Março de 2020 o número de respostas para que seu faturamento aumentou ou permaneceu igual eram de uma soma de 6% dos estabelecimentos, estes, passaram a ser 27% em Novembro de 2021 com 13% alegando que o faturamento está maior do que antes da pandemia.

Os dados que demonstram às principais dificuldade que fazem com que a maioria dos estabelecimentos não consigam voltar à situação financeira de antes foram demonstrados adicionados na 13ª edição de novembro de 2021, estes estão expressos no

Gráfico 26 que separa esse tema a partir dos tipos de empresas MEI, Micro e Pequena Empresa e faz a média geral entre todos os estabelecimentos de Pequeno Negócio.

Gráfico 26 – Dificuldades em voltar à situação financeira de antes da pandemia de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil)



Fonte: SEBRAE (2021).

Há três principais motivos para que as empresas não voltem à situação financeira: Custos, ausência de clientela e dívidas. Os custos (50%) são reflexo da inflação de 10,6% em 2021, segunda maior inflação do país dos últimos 15 anos, atrás apenas da inflação de 10,67% em 2015 (IBGE) por inflação de Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)¹⁹.

O Quadro 32 mostra as variações do IPCA dos últimos anos a partir dos grupos que afetam de forma direta e indireta os donos de estabelecimentos do comércio e serviço de alimentação.

¹⁹ O IPCA tem por objetivo medir a inflação de um conjunto de produtos e serviços comercializados no varejo, referentes ao consumo pessoal das famílias, sendo analisado a partir dos grupos: Alimentação e bebidas; Habitação; Artigos de residência; Vestuário; Transportes; Saúde e cuidados pessoais; Despesas pessoais; Educação e Comunicação.

Quadro 32 - Variação de IPCA em grupos que afetam despesas de donos de estabelecimentos do ramo de alimentação²⁰ (Brasil)

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Alimentação e bebidas	1,99	10,79	3,18	7,18	8,48	12,03	-1,87	6,37	7,94
Habitação	6,42	1,76	5,67	6,75	3,40	18,31	6,26	3,90	13,04
Artigos de residência	2,71	-2,46	3,04	0,00	7,12	5,36	-1,48	-0,36	12,07
Transportes	8,07	2,08	2,36	5,53	3,29	10,16	4,10	3,57	21,03
Comunicação	6,45	0,67	1,08	1,52	1,50	2,11	1,76	1,07	1,38
Total Geral	5,69	4,46	4,31	6,50	5,91	10,57	2,95	4,31	10,06

Fonte: IBGE (2005; 2007; 2009; 2011; 2013; 2015; 2017; 2019; 2021)

A partir do Quadro 32 percebe-se que no ano de 2021 os Transportes e Habitação foram líderes no aumento da inflação, logo, tornaram-se principais pesos entre os donos de estabelecimentos de vendas, esses grupos tiveram suas taxas elevadas principalmente devido os preços dos combustíveis de veículos (49,02) e combustíveis domésticos (35,99).

Vale ressaltar que no período pandêmico o uso dos combustíveis de veículos foram essenciais para as entregas dos produtos, levando em consideração que durante a pandemia esta prática se tornou essencial para a continuidade das vendas.

Em março de 2020, um total de 42% dos estabelecimentos estavam funcionando apenas de forma *online* ou de entregas e durante maio de 2020 e novembro de 2021 a quantidade de estabelecimentos que vendem a partir de redes sociais, aplicativos ou internet subiu de 59% para 74% (SEBRAE).

A ausência de clientes (27% entre Micro Empreendedores Individuais e 22% entre Micro e Pequenas Empresas) pode ser lida, provavelmente, a partir de duas vertentes, de um lado as medidas de afastamento social como quarentena e/ou *lockdown* governamentais ou da própria população, por outra, pela própria falta de verba para compras levando em consideração os 12 milhões de desempregados no país no último trimestre de 2021 (IBGE), totalizando um total de 11,1% de taxa de desempregados, percentual este que fora 6,7% no ano de 2010.

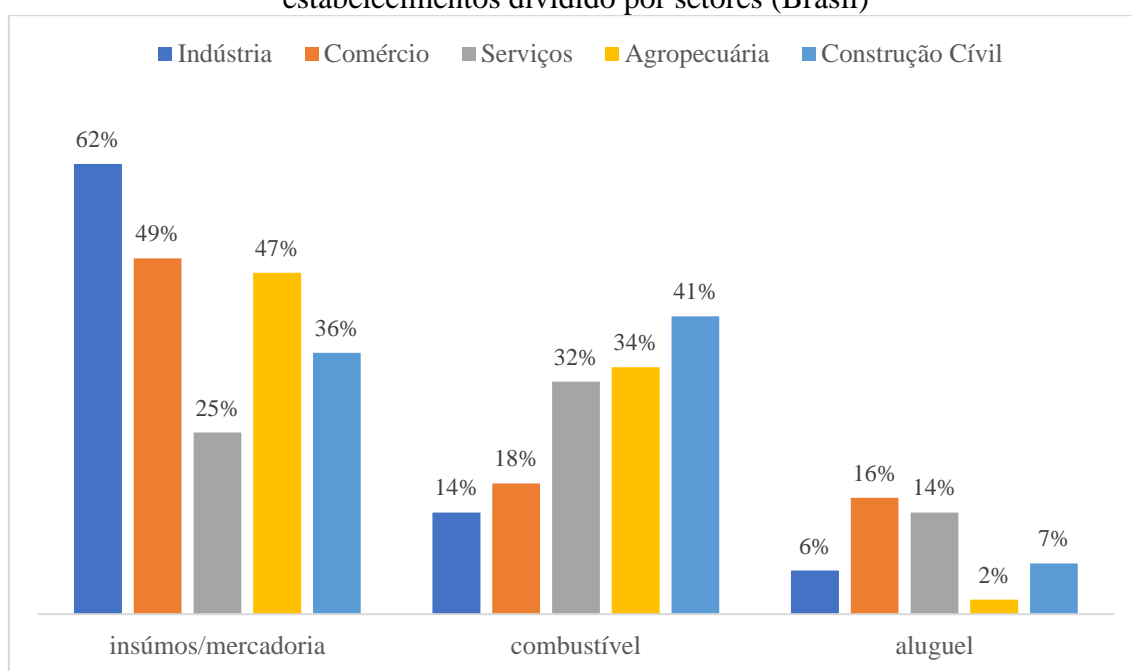
Por fim, as dívidas somam um total de 17%, sendo 12% MEI e 20% MPE, estas tendo como principais fontes os empréstimos, a qual 42% das empresas estão em situação

²⁰ Os grupos de Habitação (aluguel, artigos de limpeza, energia elétrica residencial, entre outros); Artigos de residência (eletrodomésticos e equipamentos, consertos e manutenção, utensílios e enfeites, entre outros) foram interpretados como gastos diretos pois foi levado em consideração o fato de que no circuito inferior da economia é frequente a utilização do comércio como uma extensão da própria residência do vendedor, tendo as despesas do estabelecimento unida com as despesas da morada de forma interligada

de inadimplência, os empréstimos foram para muitos dos empresários à única saída para conseguir se manter financeiramente com a paralização das vendas.

A 12ª edição da pesquisa, em setembro de 2021, traz informações no que diz respeito aos setores e segmento de serviços de alimentação em específico, o Gráfico 27 expõe os principais custos vistos pelos empreendedores a partir dos setores de indústria, comércio, serviços, agropecuária e construção civil. Enquanto o Quadro 33 faz uma comparação entre o total geral desses estabelecimentos para com o segmento específico de serviços de alimentação.

Gráfico 27 - Custos que mais tem pressionado o negócio de acordo com os donos de estabelecimentos dividido por setores (Brasil)



Fonte: SEBRAE (2021).

O Gráfico 27 demonstra que os empreendedores dos setores apontaram custos diferentes como principais motivos de dificuldades para o desenvolvimento da atividade, aqueles dos setores de indústria, comércio e agropecuária citaram como principal dificuldades os insumos e mercadorias, enquanto os serviços e construção civil citaram os combustíveis como principal dificuldade.

De acordo com a pesquisa Sondagem Industrial da Confederação Nacional de Indústrias (CNI) publicada também em setembro de 2021 relata que os insumos e mercadorias de principal apontamento de dificuldade entre as indústrias foi falta/custo de matéria-prima (62,4%), advinda da expansão de demanda global de uma série de produtos, com a volta das atividades produtivas no após crise pandêmica entre os países.

Vale ressaltar que a falta/custo de insumos e mercadorias pode ser vista a partir dos fatores da alta da inflação, como mostrado no Quadro 32 e da paralização e/ou diminuição das atividades produtivas e de distribuição perante a pandemia COVID-19, a qual, na volta de funcionamento esses setores se viram com os estoques em baixa.

Essa dificuldade de produção das indústrias acarreta na dificuldade de ações como distribuição e venda, pertencentes principalmente aos serviços e comércios. O Quadro 33 demonstra as dificuldades em específico do segmento do comércio e serviços em comparação com o total geral, dado que foi apresentado especificamente na 8ª edição da pesquisa.

Quadro 33 - Custos que mais tem pressionado o negócio por total geral e segmento de serviços de alimentação, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil)

Set/20	Insumos/mercadoria	Combustível	Aluguel	Energia elétrica
Total Geral	37%	26%	14%	11%
Serviços de alimentação	52%	12%	10%	15%

Fonte: SEBRAE (2020).

Apesar dos aumentos de combustíveis os custos que mais têm pressionado os serviços de alimentação foram os insumos e mercadorias, que como já citado, dados do IBGE (2022) no Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor demonstram que o grupo de alimentação e bebidas teve seu IPCA elevado em 7,94 no ano de 2021 impulsionada pelo aumento de preços de aves e ovos (23,55), açúcares e derivados (18,42), bebidas e infusões (14,09) e farinha, féculas e massas (10,62).

Além dos serviços de alimentação, apontaram como principais gastos os insumos e mercados os grupos: Indústrias – Outros (63%), Artesanato (61%), Pet shops e serviços veterinários (57%) e Indústria alimentícia (54%), formando com os serviços de alimentação os cinco grupos que mais são pressionados pelos insumos e mercadorias (IBGE, 2022).

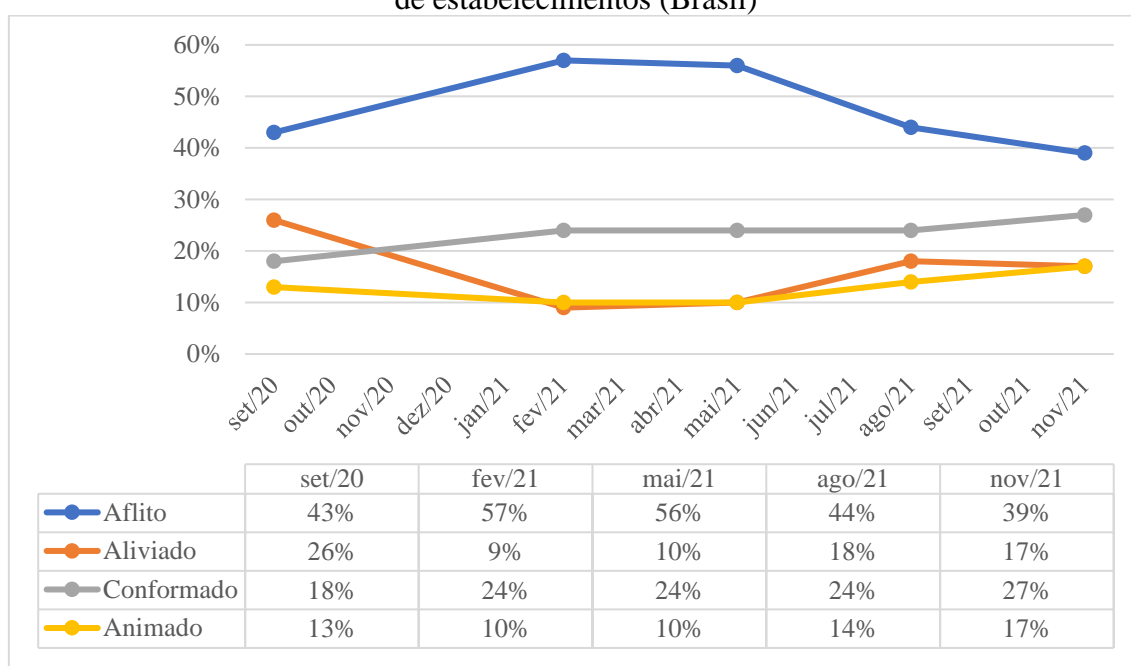
No quesito combustível os serviços de alimentação ficaram abaixo do total geral, sendo o combustível o principal empecilho para os grupos de Logística e transportes (84%), Energia (49%), Agronegócio (43%), Construção (42%) e Serviços empresariais (37%).

Nos gastos com aluguel os Serviços de alimentação ficou pouco abaixo do total geral, porém distante dos grupos Academias (34%), Beleza (26%), Saúde (21%), Educação (20%) e Moda (19%) que tomaram à frente neste quesito. Por fim, a energia elétrica fora um problema um pouco maior para os serviços de alimentação do que o total

geral que têm as academias (26%), turismo (19%), Agronegócio (17%), Beleza (17%) e Serviços empresariais (16%) como seus dianteiros.

Como visto há uma diversidade de dificuldades entre os segmentos para o retorno de suas atividades e voltar para situações financeiras antes da pandemia, porém, apesar desse contexto de queda de faturamento, inflações altas em insumos, energia, combustível, entre outros, o número de entrevistados que descreveram estar Aliviado, Conformado ou Animado com os negócios são um total de 61%, enquanto Aflitos estão num total de 39%, como visto no Gráfico 28.

Gráfico 28 – Frases que melhor representam a situação vivida, de acordo com os donos de estabelecimentos (Brasil)



Fonte: SEBRAE (2020; 2021).

Os dados levaram em consideração a identificação dos entrevistados com as seguintes frases e atribuições:

Aflito – Preocupado com o futuro: “Ainda tenho muitas dificuldades para manter meu negócio”

Aliviado – Esperançoso com o futuro: “O pior já passou”

Conformado – Percebendo o lado positivo da crise: “Os desafios provocaram mudanças que foram valiosas para o meu negócio”

Animado – Entusiasmado com o futuro: “Animado com as novas oportunidades”

Neste questionário, é perceptível que a quantidade de entrevistados Aflitos decaiu a partir de Fevereiro de 2021 dando migrando principalmente para aqueles que se

identificavam com as atribuições de Aliviado, que haviam apresentado uma queda significativa de 26% para 9% entre Setembro de 2020 e Fevereiro de 2021.

No que diz respeito aos Serviços de Alimentação, estes estiveram identificação de Aflito acima da média nas edições que pesquisaram esta pauta, como visto no Quadro 34:

Quadro 34 - Proporção de empresários “Aflitos”: Total Geral e de Serviços de Alimentação (Brasil)

Período	Set/20	Fev/21	Mai/21	Ago/21	Nov/21
Empresários Total Geral	43%	57%	56%	44%	39%
Empresários de Serviços de Alimentação	48%	68%	65%	48%	50%

Fonte: SEBRAE (2020; 2021).

Ainda, quanto o segmento de serviços de alimentação, os dados mostram as mudanças de funcionamento perante a crise em Novembro de 2021, como visto no Quadro 35.

Quadro 35 - Mudanças de funcionamento com a crise entre Total Geral e Serviços de Alimentação (Brasil)

	Funciona da mesma forma que antes da crise	Funciona com mudanças por causa da crise	Funcionamento interrompido temporariamente	Não sabe/Não respondeu
Total Geral	31%	55%	9%	5%
Serviços de Alimentação	22%	56%	12%	10%

Fonte: SEBRAE (2021).

Os gráficos demonstram que o segmento de serviços de alimentação ainda não conseguiu acompanhar o funcionamento da mesma forma que antes da crise quando comparado ao total geral, e este, refletindo ao fato de que os empresários desta área se identifiquem mais com a quantidade de ‘Aflitos’ do que a média geral.

Quando questionado na 5ª edição de em Junho de 2020 entre as empresas de serviços de alimentação como estas estavam funcionando 54% alegaram que estavam utilizando de ferramentas digitais como redes sociais, telefone, sites e aplicativos, percentual acima da média dos demais segmentos que eram de 44%, já o número de estabelecimentos do total geral e dos serviços de alimentação que alegaram não ter estrutura para usar tecnologias digitais fora, respectivamente 15% e 14%.

No que diz respeito ao faturamento mensal os serviços de alimentação sofreram mais impacto, como pode ser visto no Quadro 36.

Quadro 36 - Impacto da pandemia no faturamento mensal da empresa por Total Geral e Serviços de alimentação (Brasil)

Jun/2020	Aumentou	Diminuiu	Permaneceu igual	Não sabe ainda/Não quis responder
Total Geral	5%	84%	6%	4%
Serviços de Alimentação	4%	89%	3%	5%

Fonte: SEBRAE (2020).

Apesar da diminuição do faturamento mensal entre as empresas de Serviços de Alimentação terem sido maior do que no total geral, a quantidade de empresas que tiveram que demitir funcionários em Junho de 2020 foram de 31% ao todo, enquanto nos serviços de alimentação essa quantidade caiu para 15%.

O SEBRAE ainda demonstra dados dos pequenos negócios no Estado do Rio Grande do Norte, dados sobre o funcionamento dos empresas podem ser vistos no Quadro 37.

Quadro 37 - Mudanças de funcionamento dos estabelecimentos com a crise pandêmica (Brasil e RN)

	Mudou o funcionamento	Interrompeu temporariamente	Não mudou de funcionar	Fechamento de vez
Brasil Abr./20	31%	59%	7%	4%
Brasil Mai./20	45%	43%	10%	3%
RN Abr./20	52%	29%	17%	2%
RN Mai./20	57%	24%	17%	2%

Fonte: SEBRAE (2020)

Essas mudanças foram citadas, em Maio de 2020, a partir de medidas como Horário reduzido (62,6%); Apenas para entregas ou online (36,5%); Home office (15%); Rodízio de funcionários (12,6%) e Drive Thru (0,5%).

Quanto as mudanças de funcionamento com a crise, essas podem ser vistas divididas em Setores no Quadro 38.

Quadro 38 – Mudança de funcionamento do estabelecimento com a crise, de acordo com entrevistados (2020)

Setor	Não mudou a forma de funcionar	Mudou o funcionamento	Interrompeu temporariamente	Fechamento de vez
Abr/20				
Indústria – abr/20	7%	29%	64%	---
Comércio – abr/20	23%	57%	19%	1%
Serviço – abr/20	10%	50%	39%	1%
Mai/20				
Indústria – mai/20	40%	40%	20%	---
Comércio – mai/20	25%	64%	10%	1%
Serviço – mai/20	21%	50%	26%	3%

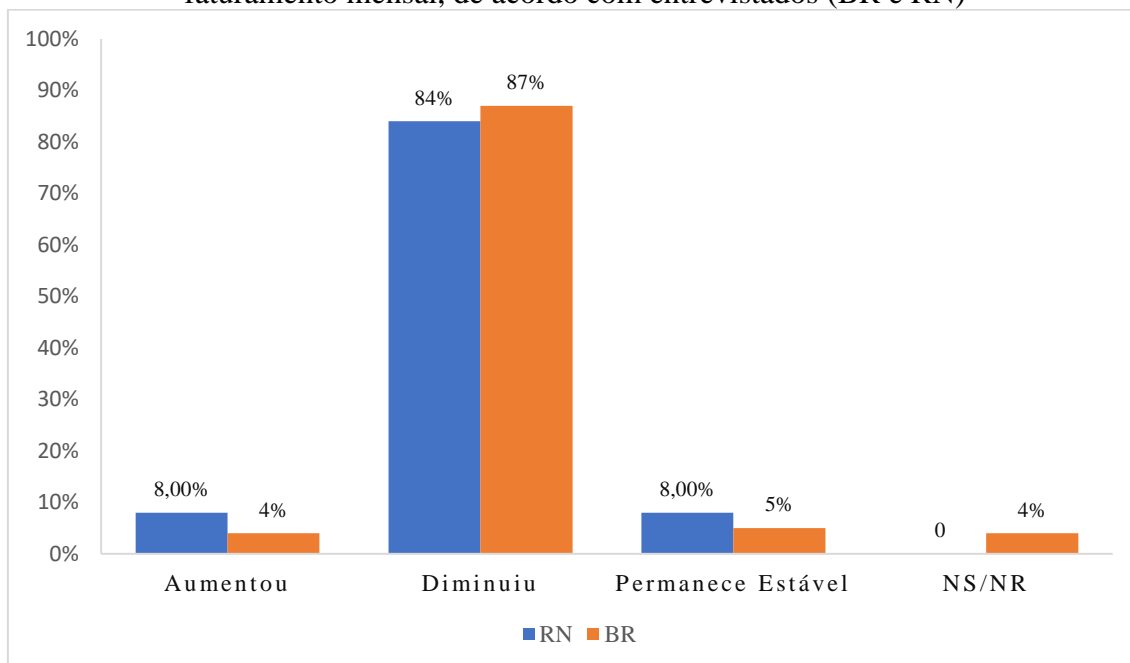
Fonte: SEBRAE (2020).

Como visto no início da pandemia no Estado o setor industrial fora afetado com mais intensidade de forma imediata, com 64% tendo interrompido suas atividades temporariamente, número que cai para 20% logo em maio, a mesma diminuição ocorre entre o comércio e serviços porém em menor intensidade, caindo, respectivamente, de 19% para 10% e de 39% para 26%.

No que diz respeito as Mudanças de funcionamento o comércio, prevaleceram com 57% em Abril de 2020 e tendo esse número aumentado para 64% em Maio, em seguida os Serviços como segundo setor com 50% em ambos os meses.

Ainda pode ser visto o afeto da pandemia no faturamento mensal a partir do Gráfico 29.

Gráfico 29 - Resposta sobre como a pandemia do Coronavírus está afetando o faturamento mensal, de acordo com entrevistados (BR e RN)



Fonte: SEBRAE (2020).

Esses também divididos por porte e setor nos Quadros 39 e 40.

Quadro 39 - Como o negócio está sendo afetado até este momento pelo Coronavírus no faturamento mensal de acordo com entrevistados dividido por tipo de empresa (RN)

Porte	Aumentou	Diminuiu	Permaneceu estável	NS/NR
MEI – Abr./20	1,5%	92,2%	5,5%	0,8%
MEI – Mai./20	5%	93,4%	1,6%	----
MPE – Abr./20	4,7%	86,3%	7,3%	1,7%
MPE – Abr./20	9,1%	79,7%	11,2%	---

Fonte: SEBRAE (2020)

Quadro 40 - Como o negócio está sendo afetado, até este momento, pelo Coronavírus em termos de faturamento mensal de acordo com entrevistados dividido por setores (RN)

Setor	Aumentou	Diminuiu	Permaneceu estável
Indústria – Abr./20	----	100%	----
Indústria – Mai./20	5%	80%	15%
Comércio – Abr./20	4,2%	86%	8,3%
Comércio – Mai./20	9,4%	81,7%	9%
Serviço – Abr./20	3,4%	90,5%	4,8%
Serviço – Mai./20	5,8%	88,5%	5,7%

Fonte: SEBRAE (2020)

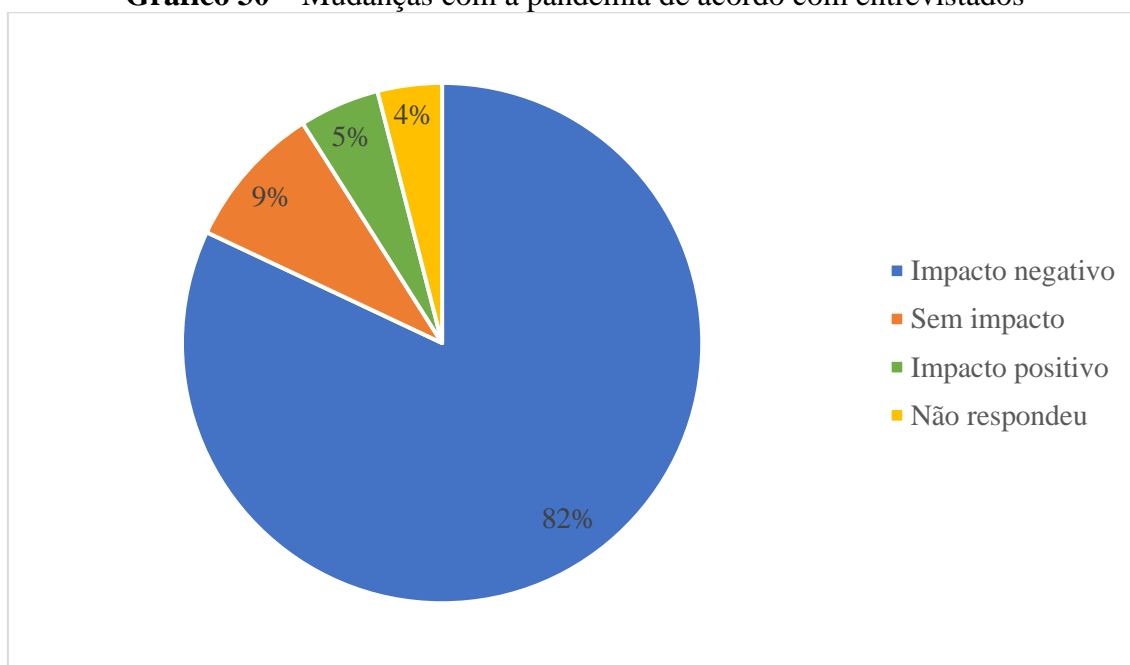
No Brasil 12% tiveram que demitir alguém em Maio de 2020 com uma média de 2,5 de funcionários demitidos por estabelecimento, enquanto isso no RN a porcentagem de estabelecimentos que demitiram no mesmo período foi de 25% com uma média de 5 funcionários por estabelecimento.

Como visto o comércio e serviços são atividades essenciais no/pelo espaço urbano, beneficiando-se dos fluxos e da densidade populacional das cidades para desenvolver-se e, com a diminuição desses fluxos causados pela pandemia COVID-19 tiveram seus negócios impactados de forma direta.

5.1.1 Os estabelecimentos de alimentação e a pandemia COVID-19 em Mossoró

Este último subtópico tem como pretensão expor às falas dos agentes perante à crise do COVID-19, iniciando-se com dados sobre o impacto da pandemia nos estabelecimentos mostrados no Gráfico 30.

Gráfico 30 – Mudanças com a pandemia de acordo com entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo realizada entre Fevereiro e Abril de 2022 (2022)

Apesar de haver uma representação de 14% entre aqueles que não notaram impacto em seu estabelecimento e/ou notou sofrer impacto positivo, a maioria de 82% dos entrevistados alegaram ter sofrido impacto negativo na sua dinâmica e faturamento. Algumas das falas entre aqueles que não sofreram impacto ou sofreram impacto positivo foram:

Para mim o auge da pandemia me foi a melhor época pois como trabalho com delivery o pessoal não tava podendo sair de casa e eu podia entregar, acredito que foi por esse motivo que não senti impacto no meu estabelecimento

(Entrevista 18, Homem, Segmento Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares, bairro Ilha de Santa Luzia, há 22 anos na atividade)

A venda baixou um pouco mas mesmo com a pandemia me manti trabalhando, para mim, no meu ponto não mas percebo que houve muito impacto em outros locais. (Entrevista 21, Homem, Segmento Serviços ambulantes de alimentação, bairro Alto de São Manoel, há 6 anos na atividade)

Como visto, alguns estabelecimentos, não notaram relevância e/ou até perceberam que a pandemia lhes fora positivo, principalmente pelo uso do delivery, através das entregas, aproveitando da oportunidade de que o público estava em casa com a dinâmica de ir até o consumidor.

Contudo, o impacto negativo atingiu a ampla maioria dos estabelecimentos, que tiveram que criar diversas alternativas como forma de manter-se aberto durante o principal período pandêmico, diminuindo seu estabelecimento, diminuindo o consumo de água, energia, insumos, demitindo funcionários, entre outras alternativas. Como podem ser vistas nas falas a seguir.

1-Nós tivemos que demitir funcionários, ficou muito complicado até que ficou apenas eu e outra pessoa, não recebi auxílio mas os funcionários sim. Devido os preços dos insumos não conseguimos hoje manter grandes vendas, apenas o suficiente para se manter.

11 – Tivemos muitas mudanças, a loja era maior e diminuimos para diminuir as despesas, o aluguel e tudo, foi assim que consegui sobreviver, onde vi que podia reduzir eu reduzi.

17 – Tiveram as mudanças com os fluxos das pessoas no momento da pandemia o fluxo caiu, além dos preços das coisas, daí tivemos que aumentar os preços, até tentamos continuar o preço mas estava ficando no vermelho então teve que haver o aumento.

19 – A pandemia me afetou muito, quase fechei, por pouco. No início estávamos sem dinheiro para pagar até o aluguel, a água e conta de luz até foi cortada. Precisei pedi dinheiro emprestado que até hoje estou pagando.

Como pode ser visto, às formas de manter-se foram inúmeras, desde diminuição de estabelecimentos à demissão de funcionários. A Pandemia do Covid-19 agregou-se já a uma crise econômica e política brasileira, impactando de forma inesperada e imediata donos de estabelecimentos que já estavam percorrendo algumas outras dívidas e adaptações, como pode ser vista na fala da entrevista 04

4- De início passamos seis meses sem vender aqui no estabelecimento, aqui era vazio, o baque foi grande, a FACENE (Faculdade de Enfermagem Nova Esperança) que é onde mais vendemos devido os estudantes parou e ficamos sem essa clientela, devido esses fatores a produção foi menor. Além disso às

vezes algum funcionário pegava a COVID e todos os demais tinha que compensar esse funcionário que faltava, foi bem dificultoso. Sentimos o impacto financeiro pois além de tudo isso nós fizemos a mudança de estabelecimento em 2015, então ainda agregava às dívidas da mudança. (dono de padaria próximo à FACENE)

Além da surpresa inesperada, nota-se na Entrevista 04 que alguns dos estabelecimentos se beneficiam de fluxos já existentes à partir de um fixo específico, no caso desse entrevistado se deu o aproveitamento do fluxo de alunos da FACENE, há também relatos semelhantes nas entrevistas 02 que é um estabelecimento de serviço ambulante se beneficiando dos clientes um restaurante, instalando-se em sua calçada e vendendo sobremesas, entrevista 08 a qual um restaurante instalando numa parada de ônibus aproveita do fluxos dos estudantes, trabalhadores, motorista e demais transeuntes usuários das linhas de transportes coletivos.

Em contrapartida, na Entrevista 03 o patrão alegou que no início da pandemia o estabelecimento quase faliu apesar de receber o auxílio emergencial como MEI, mas meses depois voltou com mais clientes devido o atendimento e benefício da abertura de clínicas próximo à sua localidade.

Essas existências de estabelecimentos que aproveitam-se de outros fixos ocorrem as zonas de influências do circuito inferior é hegemônica e tanto desenvolve quanto é desenvolvida por fluxos hegemônicos e mais lentos, adquirindo muitas vezes papéis subordinados de fluxos mais hegemônicos, eficazes e rápidos (SANTOS, 1994; 2018).

Para Silveira (2015, p. 253) a modernização mediante informações especializadas que podem desenvolver os fluxos hegemônicos não são características do circuito inferior, porém

Se o circuito inferior não é o motor de tais aconteces, ele não falta ali onde esses eventos criam novas formas e áreas e mudam o uso do território. O circuito inferior agrega-se em torno das complementaridades e das áreas homólogas, realizando seu trabalho com outras formas técnicas e organizacionais e com pequenos negócios.

O circuito inferior predomina na cidade de Mossoró, a qual “Os homens e mulheres que compõe o circuito inferior da economia urbana não detêm o poder, mas possuem uma enorme força, pelo seu número, pela sua criatividade e pela sua simplicidade” (Arroyo, 2017, p. 61).

Desse modo, percebe-se que o circuito inferior não deve ser tratado como uma atividade atrasada, inerte e monótona, pois, o circuito inferior pulsa e (sobre)vive no

espaço urbano mesmo que passe por baixo das estatísticas oficiais, criado por indivíduos que desenvolvem sua própria maneira particular de permanência num espaço urbano que insiste em lhe invisibilizar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do comércio e serviço de alimentação em Mossoró demonstra que há inúmeros motivos do desenvolvimento da atividade na cidade, desde aqueles que adentram na atividade como única alternativa por falta de emprego e baixa qualificação profissional, a aqueles que sentem identificação ou até mesmo formaram seu negócio de maneira estratégica e estudada como forma de abarcar um público específico e desejado.

A partir do trabalho desenvolvido foram percebidos fatores ao que se refere as atividades de comércio e serviço de alimentação tais como suas especializações, impactos na economia local. Notou-se que estes detêm uma existência necessária para a geração de emprego e renda na cidade.

O comércio e serviço de alimentação são constituídos por estabelecimentos heterogêneos, a qual surgem estabelecimentos do circuito superior marginal como forma de atingir as necessidades daqueles de maiores poder aquisitivo de consumo através de saciar não apenas as condições biológicas e naturais do hábito de alimentar-se, mas também saciar necessidades humanas e sociais de sociabilidade e lazer.

Enquanto os estabelecimentos do circuito inferior em sua maioria se apresentaram como de forma de saciar a necessidade da fome, atendendo principalmente trabalhadores, estudantes e transeuntes que precisavam satisfazer-se de forma rápida e rapidamente voltar às suas atividades.

A pesquisa mostrou que apesar da baixa renda e dificuldade de se manterem a venda de alimentação tanto serve como um refúgio entre aqueles que estão sem vínculos empregatícios como complementação de renda de funcionários até mesmo com carteira assinada, além de avistar o setor de venda de alimentos como uma oportunidade de abrir o negócio próprio devido à alta demanda de vendas e não necessidade de alto poder capital ou qualificação.

Notou-se a desigualdade socioespacial da tecitura urbana da cidade a partir da preferência dos bairros com maior faixa de renda tanto pelas empresas de maior faturamento, as EPP, quanto pelas franquias do circuito superior do ramo de alimentação classificadas entre as 50 maiores redes de franquias do país.

Além disso, foi identificado um agrupamento de diversos estabelecimentos do circuito inferior e do circuito superior marginal nas áreas de recorte de estudo, o núcleo comercial bairro Centro e as vias comerciais Avenida João da Escócia e Avenida

Presidente Dutra, caracterizando essas áreas como local de espaço compartilhado entre os circuitos.

No que diz respeito ao circuito superior do ramo de alimentação, foi-se percebido que este, no montante das maiores redes de franquias do Brasil, teve seu número reduzido em Mossoró. O fenômeno citado provavelmente pode ter ocorrido pela já consolidação de um circuito superior marginal nas áreas de melhor infraestrutura e maior fluxo na cidade, visto que o ramo de alimentação não se caracterizou como uma atividade em declínio, pelo contrário, foi uma atividade consolidada mesmo durante o período pandêmico.

Essa consolidação do ramo de comércio e serviço de alimentação ocorreu tanto em âmbitos formais, datados nas estatísticas, quanto em âmbitos informais, relatados pelo presidente do Sindicato dos Empregados do comércio Hoteleiro de Mossoró e região e pelo secretário da SEDAT, bem como constatado na pesquisa de campo.

Observou-se que a cidade de Mossoró desempenha um papel de importância na sua região, ofertando uma variedade de comércio e serviços não apenas para sua população, mas também para as populações de cidades vizinhas que fazem o movimento de fluxo como forma de consumir bens e serviços que não são encontrados nas cidades pequenas.

Efetivar a pesquisa tornou-se uma ação dificultosa devido a pandemia que submeteu o distanciamento social, o fechamento de estabelecimentos, a diminuição de rotas de transportes coletivos, linhas de ônibus e táxis, obrigando o adiamento de aplicação de questionários e entrevistas como forma de responsabilidade da segurança de saúde individual e coletiva.

Outro empecilho destacado foi a ausência de recursos para pesquisa, nos últimos anos, em especial nos governos Michel Temer (2016-2018: Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e Bolsonaro (2019-Atual: Partido Liberal) a quantidade de bolsas e fomentos de pesquisa CAPES e CNPq foram reduzidos em números significativos, chegando em 2022 à uma redução de 51% quando comparado ao ano de 2012, esse contexto fez com que houvesse financiamento por bolsa da pesquisa aqui escrita apenas no primeiro ano, sendo cortada logo no início do segundo.

Importante não deixar de citar a negligência de do governo federal no período pandêmico, da rejeição a vacinas, da propagação ao negacionismo e o descaso pelo sofrimento de milhões de brasileiros que tiveram suas vidas alteradas e ceifadas pela

pandemia, cabendo aos profissionais de saúde, aos pesquisadores e aos políticos de âmbito progressistas se virem quase que sozinhos lutando contra o caos.

Destaca-se que entrevistas esses trabalhadores também foi uma ação complexa pois devido a informalidade causada pela crise pandêmica mundial e crise política e econômica que assola o país desde 2014, fez com que os trabalhadores tivessem receio de ser alguma fiscalização e demonstrarem acanhamento a consentir algumas informações.

Além disso os agentes empregadores e empregados desse ramo são indivíduos extremamente ocupados, estando sempre organizando, vendendo, comercializando, limpando, cozinhando ou fazendo alguma outra ação, e mesmo tendo escolhido estrategicamente horários menos movimentados as entrevistas foram efetuadas enquanto esses trabalhadores estavam atarefados.

Vale ressaltar as dificuldades também dos agentes sindicais, que representam e lutam a favor dos trabalhadores, estas foram tanto atacadas verbalmente quanto sucateadas nos últimos anos através da reforma trabalhista, falta de recursos e não acompanhamento das novas realidades do mundo no trabalho digital.

Espera-se que o estudo aqui presente sirva como forma de relato e reflexão para compreensão das realidades dos agentes dos circuitos economia urbana num contexto de crises, além de influência e inspiração para pesquisas futuras na temática aqui debatida.

São diversas as temáticas a qual os comércio e serviços de alimentação podem ser utilizados enquanto categoria de análise do espaço geográfico devido suas modificações que adaptam e são adaptadas aos contextos espaciais, sociais, culturais, políticos e econômicos.

É trazendo ao debate da Geografia questões como centralidades desenvolvidas pelo comércio e serviço de alimentação, territórios dos agentes que produzem um comércio alimentício informal, o fortalecimento da (re)produção da desigualdade socioespacial urbana devido os privilégios do circuito superior de alimentação, as singularidades de produtividade de alimentação, venda e consumo no e do lugar, entre diversas outras temáticas, que se pode haver uma compreensão de completude não apenas do espaço geográfico, mas das complexidades sociais como um todo.

REFERÊNCIAS

A importância do setor terciário para a economia. Ministério da Economia, publicado em 02/07/2020. Disponível em: < [AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SERRA, Rodrigo Valente. **Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional**. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. \(Orgs.\). Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 1- 34.](https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-e-servicos/a-secretaria-de-comercio-e-servicos-scs/programas-e-acoesscs#:~:text=O%20setor%20terci%C3%A1rio%2C%20conhecido%20por,tem%20participa%C3%A7%C3%A3o%20expressiva%20deste%20segmento.>. Acesso em: 22/03/2022</p>
</div>
<div data-bbox=)

Antipon, Livia Cangiano. **O circuito inferior da economia urbana no centro de Campinas: a dimensão do comércio popular de alimentação**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas: Campinas, SP, 2017.

ANTIPON, Livia Cangiano. **Uma situação alimentar urbana: O comércio popular de alimentação no centro de Campinas**. Revista Geografares. Outubro-Dezembro, 2018.

ANTIPON, Livia Cangiano; CATAIA, Marcio Antonio. Mercado socialmente necessário e comércio popular de alimentos no centro de Campinas: território, desigualdade e resistência. Geosp – **Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 3, p. 591-606, dez. 2018

ARROYO, Mónica. A economia invisível dos pequenos . In: **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção**: um diálogo com a teoria de Milton Santos. (orgs) DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Sebo vermelho. Natal: 2017.

BARROS, José D' Assunção. Fixos e fluxos: revisitando um par conceitual. **Revista Colombiana de Geografia**. Rio de Janeiro: v. 29. n. 2, pp. 493- 504 , 2020.

BESERRA, Fábio Ricardo Silva. **Diferenciação do espaço e transformações urbanas: expansão da indústria da construção em Mossoró (RN)**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual do Ceará (UECE): Fortaleza, 2017.

BRASIL. Decreto N° 5.532, de 6 de setembro de 2005. **Diário Oficial da União**. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5532-6-setembro-2005-538377-publicacaooriginal33995pe.html#:~:text=Aprova%20a%20Estrutura%20Regimental%20e,Exterior%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias.>

BRASIL, Decreto N° 9.745, de 8 de Abril de 2019. **Diário Oficial da União**. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Economia, remaneja cargos em comissão e funções de confiança, transforma cargos em comissão e funções de confiança e substitui cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9745.htm

CARLOS, Ana Fani A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CATAIA, Márcio; SILVA, Silvana Cristina da. **Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade**. Boletim Campineiro de Geografia, v. 3, n. 1, 2013.

Classificação nacional de atividades econômicas: subclasses para uso da administração pública: versão 2.3; Comissão Nacional de Classificação – CONCLA, Subcomissão Técnica para a CNAE – Sublasses IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

CÔRREA, Roberto Lobato. **Trajelórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COUTO, Edna Maria Jucá. Atividades comerciais e produção do espaço urbano: Contribuições a partir da evolução do comércio em Mossoró-RN. **III Colóqui internacional sobre comércio e cidade**: Uma relação de origem. USP, Set, 2010. P

COUTO, Edna Maria Jucá. **Redefinições espaciais do comércio de Mossoró-RN**. 222 f Dissertação (metrado) Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, CE, 2011

COUTO, Edna Maria Jucá; ELIAS, Denise. Evolução do comércio e dos serviços em uma cidade média do Brasil. **Revista GeoUECE** - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 4, nº 7, p. 09 – 35, jul./dez. 2015. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>

COUTO, Edna Maria Jucá. Novos elementos no processo de reestruturação e redefinição da cidade de Mossoró (RN). In: **Tendências da urbanização brasileira**: Novas dinâmicas de estruturação urbano-regional. (orgs) ELIAS, Denise; PEQUENO, Renata- Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

CRUZ, Bruno de Oliveira. Uma breve incursão nos aspectos regionais da nova geografia econômica. In: **Economia regional e urbana**: teorias e métodos com ênfase no Brasil. CRUZ Bruno de Oliveira [et al], Brasília: Ipea, 2011.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, Maria Encarnação B.; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro (Orgs.) **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Passo Fundo e Mossoró. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renata. Reestruturação produtiva e do território de Mossoró (RN). In: **Tendências da urbanização brasileira**: Novas dinâmicas de estruturação urbano-regional. (orgs) ELIAS, Denise; PEQUENO, Renata- Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

Estudo ABF das 50 maiores franquias do Brasil 2021 reafirma maturidade das redes. Associação brasileira de franchising. Disponível em: < <https://www.abf.com.br/estudo-abf-das-50-maiores-franquias-do-brasil/> > . Acesso em: 16/08/2021

FARIA, Carlos Eugênio de; GOMES, Rita de Cássia da Conceição. O terciário e os “novos usos” do território urbano em cidades médias: elementos para a análise no período atual. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. V. 20, n. 3, p. 49-67. 2018

Federação do comércio de bens, serviços e turismo do estado do Rio Grande do Norte (FECOMERCIO/RN). **Pesquisa população flutuante de Mossoró-RN**, 2015

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar**: Os Rosados e o “país de Mossoró”. João Pessoa, PB: Grafset, 2001.

GHIZZO, Márcio Roberto. O comércio e o consumo na produção da cidade: estudo sobre o Aglomerado Urbano de Maringá (PR). In: BOVO, Marcos Clair; COSTA, Fábio Rodrigues da (org.). **Estudos urbanos: conceitos, definições e debates**. Unespar. Campo Mourão: Fecilcam, 2017.

GUIGINSKI, Janaína Teodoro. **Mercado de Trabalho e Relações de Gênero** – associação entre a presença de filhos e as condições de acesso ao trabalho das mulheres. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2015.

HARVEY, David. **Spaces of Global Capitalism: towards a theory of uneven geographical development**. New York: Verso, 2006

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: MARICATO, Ermínia. **Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisa. Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da federação com data de referência em 1º de Julho de 2020. Disponível em: <
https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/estimativa_dou_2020.pdf>
. Acesso em: 25/04/2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de orçamentos familiares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de orçamentos familiares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de comércio**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 1-143, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de comércio**. Rio de Janeiro, v. 22, p. 1-165, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de comércio**. Rio de Janeiro, v. 27, p. 1-58, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de comércio**. Rio de Janeiro, v. 30, p.1-8, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de serviços**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 1-196, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de serviços**. Rio de Janeiro, v. 12, p. 1-215, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de serviços**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 1-57, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa anual de serviços**. Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-43, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101622_informativo.pdf>. Acesso em: 12/12/2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101743_informativo.pdf> . Acesso em: 12/12/2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101390_informativo.pdf> . Acesso em: 05/01/2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101390_informativo.pdf> . Acesso em: 05/01/2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE). **Regiões de Influências das cidades 2018 (Regic)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2020.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE ALIMENTOS – ITAL. **Brasil Food Trends 2020**. São Paulo: ITAL/FIESP, 2020. 176p. Disponível em: <<https://alimentosprocessados.com.br/arquivos/Consumo-tendencias-e-inovacoes/Brasil-Food-Trends-2020.pdf>>

JÚNIOR, Edilson Pereira. O DEBATE SOBRE A DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL: Abordagens concorrentes e um olhar a partir da Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**. V. 29. P. 1-20, 2019.

LIMA, Luiz Cruz; ROCHA, Adriana Marques. Reflexões sobre o terciário. *GeoTextos*, vol. 5, n. 2, p. 85-105, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. Trad. Patrícia Xavier. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEFEBVRE, Henry. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MONTENEGRO, Marina Regitz. Reflexões para uma teoria da localização da economia popular nas metrópoles brasileiras. **Boletim campineiro de geografia**, v.3, n. 1, 2013.

MONTENEGRO, Marina Regitz. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. **Revista Geográfica Venezolana**, vol. 53, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 147-164 Universidad de los Andes Mérida, Venezuela.

OLIVEIRA, Jionaldo Pereira de. **O desafio da moradia**: A reprodução da habitação popular no espaço urbano de Mossoró (RN) na vigência do estatuto da cidade (2001-2011) e suas questões socioespaciais. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, UFC. Fortaleza, 2013.

ORTIGOZA, Silva Aparecida Guarniei. **Geografia e Consumo**: Dinâmicas sociais e a produção do espaço urbano. Tese (Doutorado). Universidade Estadual paulista em Franca: UNESP: Rio Claro-SP, 2009

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 1º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

<https://www.SEBRAE.com.br/sites/PortalSEBRAE/artigos/papo-SEBRAE-o-impacto-do-coronavirus-nos-pequenos-negocios.52950bcd7c11710VgnVCM1000004c00210aRCRD>.

Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 2º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

https://dataSEBRAE.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Impacto-do-coronav%C3%ADrus-nas-MPE-2%C2%AAedicao_geral-v4-1.pdf . Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 3º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

<https://bis.SEBRAE.com.br/bis/download.zhtml?t=D&uid=c9d50d3412270611e9e9a9999a40c0a5>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 4º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

<https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-4a-edicao-do-SEBRAE-junho-2020>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 5º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

<[https://bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5fd5042cd5fc36840a331a103bd806d9/\\$File/19646.pdf](https://bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5fd5042cd5fc36840a331a103bd806d9/$File/19646.pdf)>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 6º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em <

<https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-6a-edicao-do-SEBRAE-agosto-2020>>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 7º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em: <

<https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-7a-edicao-do-SEBRAE-setembro-2020>>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 8º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

<https://bis.SEBRAE.com.br/bis/download.zhtml?t=D&uid=c3bc87b7cd3fc3f28745ce863a1bc2a2> . Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 9º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2020, disponível em:

https://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/impacto_coronavirus_nas_mpe_9aedicao_diretoria_v3_1.pdf. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 10º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2021, disponível em:

<https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-10a-edicao-do-SEBRAE-marco-2021>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 11º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2021, disponível em: <

<https://bis.SEBRAE.com.br/bis/download.zhtml?t=D&uid=2b9b3410eef5557bc074131c75748d08>. Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 12º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2021, disponível em:

<<https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-12a-edicao-do-SEBRAE-setembro>> . Acesso em: 23/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 13º edição. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2021, disponível em:

<https://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/impacto-coronavirus-13aedicao_diretoria-v7.pdf> . Acesso em: 23/03/2022

O impacto nos pequenos negócios potiguares comparativo Abril x Maio. Serviço brasileiro de apoio às Micro e Pequenas empresas. Disponível em: < <https://dataSEBRAE.com.br/wp-content/uploads/2021/07/CORONA-VIRUS-NOS-PEQUENOS-NEG%C3%93CIOS-segunda-ed.pdf>> . Acesso em: 24/03/2022

O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios do RN. Serviço brasileiro de apoio às Micro e Pequenas empresas. Disponível em: < <https://dataSEBRAE.com.br/wp-content/uploads/2021/07/CORONA-VIRUS-NOS-PEQUENOS-NEG%C3%93CIOS.pdf>> . Acesso em: 24/03/2022

Perfil ABF das 50 maiores franquias no Brasil mostra tendências e movimentações do setor.

Associação Brasileira de Franchising (ABF), 2019. Disponível em: <

<https://www.abf.com.br/%EF%BB%BFperfil-abf-das-50-maiores-franquias-no-brasil-mostra-tendencias-e-movimentacoes-do-setor/>> . Acesso em: 16/08/2021

PINHEIRO, Karisa Lorena Carmo Barbosa. **O processo de urbanização da cidade de Mossoró**: Histórico da expansão urbana da cidade de Mossoró desde 1.772 até os dias atuais. Mossoró. Ed: CEFET-RN. 2007.

PINTAUDI, Silvana Maria. O comércio em tempos desgovernados: Entre rupturas e resistências. In: **COVID-19 e a crise urbana**. (orgs): CARLOS, Ana Fani Alessandri. São Paulo, FFLCH/USP, 2020.

PIRES, Mônica de Moura [et al]. **Economia urbana e regional**: território, cidade e desenvolvimento. Ilhéus, BA: Editus, 2018.

RIBEIRO, A.C.T. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, C.A. (org.). **Formas em Crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão Urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004)**: geografia, dinâmica e reestruturação do território. Natal. Ed: UFRN. 2005.

POSTALI-SANTANA, Valéria Barreiro. A cidade contemporânea e os dois circuitos da economia urbana: o que há de novo?. In: BOVO, Marcos Clair; COSTA, Fábio Rodrigues da

(org.). **Estudos urbanos: conceitos, definições e debates**. Unespar. Campo Mourão: Fecilcam, 2017.

SANTOS, Camila Dutra dos. **Difusão do consumo produtivo**: reflexões na economia urbana de Mossoró (RN). Dissertação mestrado acadêmico em Geografia, Universidade do Estado do Ceará, Fortaleza, 2010.

SANTOS, César Simoni. A tragédia Urbana. In: (orgs)CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto. **A cidade como negócio**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, José Erimar dos. **Geografia econômica urbana**: A Feira da Pedra e sua dinâmica urbana e regional – Natal, RN: EDURFN, 2017.

SANTOS, Loraine Meneses dos; MOREIRA, Ivan Targino. Condições do mercado de trabalho no setor de serviços nordestino. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG, 2006. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1634/1597>. Acesso em: 24/05/2021

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**: ensaios. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal – 6º ed – Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões** – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana** – 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial: Críticas e Alternativas** -2º ed, 3º reimpr. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **O espaço Dividido**: Os dois circuitos da Economia Urbana dos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

SILVA, Ricéla Maria Marinho da. Setor terciário e informalidade: algumas especificidades da (re) produção do espaço urbano de Bayeux – PB. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. P. 172. Natal/RN, 2005.

SILVA, Romero Rossano Tertulino da. **O Circuito inferior da economia urbana em Mossoró: a dinâmica do comércio ambulante**. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em

Dinâmica e Reestruturação do Território) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVA, Carlos Henrique Costa da. Estudos sobre o comércio e o consumo na perspectiva da geografia urbana. **Geosul**, Florianópolis, v. 29, n. 58, p. 1490178, jul./dez. 2014.

SILVA, Moacir Vieira da. **O terciário e a centralidade urbanorregional de Mossoró-RN**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2017.

SILVEIRA, Maria Laura. Crises e paradoxos da cidade contemporânea: Os circuitos da economia urbana. **Anais do X Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Florianópolis- Brasil, 29 de out – 2 nov, 2007

SILVEIRA, Maria Laua. Globalización y finanzas: circuitos de la economía urbana en la ciudad de San Pablo. In: **X Seminario de la Red Iberoamericana de Investigadores en Globalización y Territorio**, 2008, Santiago de Querétaro, Mexico. Anais. Rede Iberoamericana de Investigadores sobre Globalização e Território, 2008, p. 1473-1490.

SILVEIRA, Maria Laura. **Da pobreza estrutural à resistência**: Pensando os dois circuitos da economia urbana. *Ciência Geográfica - Bauru - XVII - Vol. XVII - (1): Janeiro/Dezembro – 2013*.

_____, Maria Laura. **Modernização contemporânea e nova constituição dos dois circuitos da economia urbana**. *Revista GEOUSP*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 245-261, maio./ago. 2015.

_____, Maria Laura. Urbanização latino-americana e circuitos da economia urbana. In: **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção**: um diálogo com a teoria de Milton Santos. (orgs) DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Sebo vermelho. Natal: 2017.

_____, Maria Laura. Região e Globalização: pensando um esquema de análise Redes. **Revista do Desenvolvimento Regional**, vol. 15, núm. 1, abril, 2010, pp. 74- 88

SOUSA, Erik Albino de. **Economia informal, espaço público e territórios dos camelôs em Mossoró-RN**. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN): Mossoró, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 7º ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Silmara Lopes de, SANTOS, Clélio Cristiano dos. **A pobreza e os dois circuitos da economia urbana**: reflexões teóricas. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória-ES, 10-16 de Agosto, 2014.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001.

SICSÚ, João. Governos Lula: a era do consumo?. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 39, p. 128-151, 2019.

TAVARES, Matheus Augusto Avelino. Elementos teóricos para compreensão dos dois circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte – Nordeste. In: **Dos circuitos da economia**

urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. (orgs) DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Sebo vermelho. Natal: 2017.

TAVARES, Matheus Augusto Avelino. Elementos teóricos para compreensão dos dois circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte – Nordeste. **GeoTextos**, vol. 10, n. 1, jul. 2014. M. Tavares 83-104

ZAOAUL, Hassan. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução no pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado geral da França? COPPE/UFRJ, 2006.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA



PARA FUNCIONÁRIOS DE ESTABELECIMENTOS

Preenchido pelo entrevistador

Nº:

Classificação:

- Restaurantes e Similares
 Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares
 Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento
 Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento
 Serviços ambulantes de alimentação

Bairro

Nome:

Sexo:

Bairro ou cidade em que reside:

É a principal renda familiar?

Escolaridade:

Possui algum curso técnico ou superior:

Estabelecimento:

Bairro do estabelecimento:

FUNÇÃO

Quais suas funções no estabelecimento:

- Vendedor Operador de caixa Garçom Entregador Atendente
 Outras, quais?

Precisou de alguma formação para desenvolver sua função? Não Sim, em quê?

ENTRADA NA ATIVIDADE

A quanto tempo trabalha no ramo de alimentação?

Exercia alguma atividade antes desta que exerce hoje? Se sim, Qual?

A quanto tempo trabalha neste estabelecimento?

Tem outra atividade? Não Sim, qual?

TEMPO DE TRABALHO

Carga horária:

Dias da semana:

RENDA

- 0 – 1 salário mínimo 1 – 2 salários 2 -3 salários 3 – 4 salários
 4 – 5 salários 5 ou mais salários

CONTRATAÇÃO

- Carteira Assinada Contrato Temporário

PANDEMIA

Relato sobre impacto e modificações no trabalho com a Pandemia



PARA PATRÕES DE ESTABELECIMENTOS

Preenchido pelo entrevistador:	Nº:
1) Classificação:	
<input type="checkbox"/> Restaurantes e Similares	
<input type="checkbox"/> Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	
<input type="checkbox"/> Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, sem entretenimento	
<input type="checkbox"/> Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas, com entretenimento	
<input type="checkbox"/> Serviços ambulantes de alimentação	
2) Tipo de estabelecimento: <input type="checkbox"/> MEI <input type="checkbox"/> ME <input type="checkbox"/> EPP <input type="checkbox"/> Informal	

RESPOSTAS

Nome:

Idade:

Bairro ou cidade em que reside:

Escolaridade:

Estabelecimento de ocupação:

Bairro do estabelecimento:

ENTRADA NA ATIVIDADE

Quando entrou na atividade?

Qual motivo levou a entrar na atividade?

Exerce outra atividade?

TEMPO DE TRABALHO

Carga horária:

Dias da semana:

CARACTERÍSTICAS DA ORGANIZAÇÃO

Quantidade de funcionários:

Trabalhadores formais?

Se sim, todos ou parcialmente?

Trabalhadores temporários?

Que época?

Há familiares trabalhando com você?

Se sim, qual grau de parentesco?

PROPAGANDA E PUBLICIDADE

Não

Sim, Quais: Redes Sociais; Google; Panfleto; Veiculação em rádio;

Veiculação em TV; Outdoor; Carros de som; Outros, quais?

Percebeu diferença nas vendas após uso de publicidade e propaganda?

Não; Sim, poderia estimar um percentual?

LOCALIZAÇÃO

Motivo desta localização?

Como conseguiu este local? Comprei; Aluguei; Outro modo, qual?

HORÁRIO DE MAIOR FLUXO

- 06:00h - 08:00h 08:00h - 10:00h 10:00h - 12:00h 12:00h - 14:00h
 14:00h - 16:00h 16:00h - 18:00h 18:00h - 20:00h 20:00h - 22:00h ou mais

TIPOS DE PAGAMENTO

- Dinheiro Cartão Pix Fiado Vale alimentação Convênio com empresas
 Outros, quais?

RENDA

- Destino: Consumo familiar Investimento nesta atividade
 Investimento em outra atividade Poupança Outro investimento, qual?

DELIVERY

- Há delivery no estabelecimento? Não Sim
Uso de redes sociais? Quais?
Uso de aplicativos de delivery? Quais?
Outro modo, qual?
Quais bairros atende por delivery? Quais os bairros mais atendidos?

PANDEMIA

Relato sobre impacto e modificações nas vendas com a Pandemia



PARA REPRESENTANTE DO SINDICATO

Nome:

Função:

Escolaridade:

Exerce outra atividade? Qual?

- 1) Como se deu sua entrada no sindicato?
- 2) Por qual motivo os estabelecimentos de Restaurantes, Lanchonetes, Bares e Serviços Ambulantes estão vinculados ao Sindicato dos Empregados do comércio Hoteleiro de Mossoró e não em outros sindicatos como o Sindicato dos Empregados no comércio Varejista e Atacadista de Gênero Alimentício de Mossoró, Sindicato do comércio Varejista de Mossoró ou Sindicato dos Empregados no comércio de Mossoró?
- 3) Qual a leitura feita pelo Sindicato acerca da dinâmica do comércio em Mossoró antes e depois do início da Pandemia?
- 4) Quais foram as principais dificuldades vistas pelo Sindicato frente à crise econômica e o período pandêmico?
- 5) Houve mudanças na relação entre o sindicato e trabalhadores e/ou patrões após a deflagração da pandemia? Se sim, quais?
- 6) A pandemia afetou às filiações sindicais? Em que sentido?
- 7) Houve uma redução do setor formal nos estabelecimentos de Restaurantes, Lanchonetes, Bares e Serviços Ambulantes nos últimos anos. Quais características o Sindicato atribui o fenômeno?
- 8) Como o Sindicato se relaciona com demais instituições municipais, estaduais e federais? Foram vistas mudanças nos últimos anos e em diferentes governos?
- 9) Quais medidas e ações o Sindicato tem tomado para juntamente aos trabalhadores enfrentarem o desemprego e as dificuldades dos últimos anos?
- 10) Existe algum tipo de relação entre o Sindicato e Sistema S, no caso, com o SESC?
Não



PARA SECRETARIA

Secretaria:

- 1) É possível fazer uma leitura acerca de como a Pandemia COVID-19 vem afetando este setor em Mossoró? Se sim, qual?
- 2) Qual a leitura da PMM sobre a dinâmica das atividades de comércio e serviços em Mossoró na última década?
- 3) Especificamente sobre o subsetor formal de estabelecimentos de Restaurantes, Lanchonetes, Bares e Serviços, há alguma diferença quando relacionado ao restante do setor?
- 4) A que a PMM atribui a diminuição do setor formal nos estabelecimentos de Restaurantes, Lanchonetes, Bares e Serviços Ambulantes nos últimos anos?
- 5) Quais foram as principais dificuldades vistas pela prefeitura perante a crise econômica e período pandêmico?
- 6) Como a prefeitura se relaciona com demais instituições sindicais, estaduais e federais? Existe algum tipo de relação entre a PMM e outros órgãos públicos e privados que atinja diretamente o subsetor de estabelecimento de Restaurantes, Lanchonetes, Bares e serviços? Se sim, pode descrevê-la?
- 7) Quais medidas e ações a prefeitura tem tomado para juntamente aos trabalhadores enfrentarem o desemprego e dificuldades dos últimos anos?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA



Orientando: Erik Albino de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Fábio Ricardo Silva Beserra

TERMO DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr./A Sra. está sendo convidado a participar como entrevistada da pesquisa de dissertação intitulada “O uso e ocupação do território dos homens lentos: Uma perspectiva do comércio e serviço de alimentação do Circuito Inferior na cidade de Mossoró (RN)”, tendo como meta:

- 1) Alcançar o objetivo da pesquisa, sendo analisar o ramo de alimentação na cidade de Mossoró, cidade média do estado do Rio Grande do Norte, a partir do comércio e serviços tendo como perspectiva de observação o circuito inferior da economia urbana.
- 2) A pesquisa se faz importante para compreensão das atividades de comércio e serviço alimentícios a partir de pautas como investigação do funcionamento de tais estabelecimentos e do seu papel na economia local. Analisando diferentes aspectos como distintos níveis de capitais investidos, técnicas e organizações em variados graus, tipos de vínculos empregatícios, além de, principalmente, a distribuição espacial desse conjunto, bem como a sua dinâmica territorial na cidade.
- 3) Sua contribuição neste estudo auxiliará na compreensão de organização e importância na economia urbana dos estabelecimentos de serviços e comércios de alimentação na cidade, a partir de pautas como empregabilidade, renda, adaptações e contratações.
- 5) Seus dados serão utilizados unicamente para fins acadêmicos, mantidos em sigilo e anonimato, não sendo revelados sob quaisquer circunstâncias,
- 6) Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas da entrevista;
- 7) A qualquer momento, o participante poderá se recusar a continuar participando da entrevista e a mesma poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;

Tendo o(a) participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação na mencionada pesquisa e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, a mesma concordar em dela participar e, para tanto **DÁ SEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO A MESMA TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.**

Assinatura do Entrevistado (a): _____

Entrevistador: _____